



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

WALÉRIA MARIA MENEZES DE MORAIS ALENCAR

ENTRE A PROVISAO E A EXCLUSAO:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE PERMANÊNCIA DOS ROMEIROS NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

BRASÍLIA

2020

WALÉRIA MARIA MENEZES DE MORAIS ALENCAR

**ENTRE A PROVISAO E A EXCLUSAO:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE PERMANÊNCIA DOS ROMEIROS NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Sustentável. Área de concentração: Território, Meio Ambiente e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Eric Pierre Sabourin.

BRASÍLIA

2020

[Ficha catalográfica]

WALÉRIA MARIA MENEZES DE MORAIS ALENCAR

ENTRE A PROVISAO E A EXCLUSAO:
UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE PERMANÊNCIA DOS ROMEIROS NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Sustentável. Área de concentração: Território, Meio Ambiente e Sociedade.

Aprovada em: ___/___/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eric Pierre Sabourin (Orientador)

Universidade de Brasília (UnB) - CDS

Prof. Dr. Mauro Capelari.

Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Rosana Boullosa

Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Zulmira Bomfim

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico esse estudo ao meu esposo Marcos Alencar, aos meus filhos João Marcos e Mateus e aos meus pais, Francisco Albécio Moraes Borges e Maria de Fátima Menezes Bezerra de Moraes.

AGRADECIMENTOS

Ao concluirmos uma grande tarefa, precisamos reconhecer que não estamos sós. A gratidão aqui expressa é o reconhecimento de que sou pequena, frente a toda esta construção.

A minha primeira gratidão é para o meu Pai, o meu ABA. Ele me entregou este doutorado como um presente. Ele sempre soube do meu sonho e se alegrou em me proporcionar esta realização. Em muitos momentos, quando faltou ânimo, saúde, Ele me lembrou de que eu conseguiria e não me deixou sozinha nem um minuto nesta travessia. Obrigada, Papai!

Ao meu amado esposo Marcos Alencar e queridos filhos, João Marcos e Mateus. Vocês estiveram comigo nos dias mais difíceis, vocês me trouxeram alegria, mesmo que, em alguns momentos, tenham feito o mesmo questionamento de Mateus: “mãe, para que serve doutorado mesmo?” A falta de entendimento sobre tamanho esforço ou abstenção de mais tempo com a família logo foi substituída pelo acolhimento e encorajamento. Eu os amo demais e sou grata por vocês estarem juntos comigo.

Aos meus pais, Francisco Albécio Moraes Borges e Maria de Fátima Menezes Bezerra de Moraes. Vocês sempre estiveram comigo em todas as minhas vitórias. Agora, chegou o dia de mais uma e, eu a dedico a vocês. Eu os amo e sou profundamente grata por todo apoio e amor que me proporcionaram todos os dias da minha vida.

Agradeço aos meus sobrinhos, Samuel e Gabriel, por continuarem me amando mesmo com toda a minha ausência. Assim, também agradeço às minhas irmãs, Simone e Wiviane Menezes. Aos meus sogros Terezinha e Antônio Alencar. Cada um de vocês me acolheram e incentivaram durante todos esses longos dias.

Ao meu tio Francisco Humberto Bezerra, que sempre foi um grande entusiasta em minha vida de estudante e, dessa vez, não poderia ser diferente. Você e mamãe curtiram esse processo comigo e compartilharam seus conhecimentos para a escrita deste trabalho. Gratidão!

Ao meu orientador professor Dr. Eric Pierre Sabourin, minha profunda gratidão! Por sua sensibilidade, capacidade de escuta empática que me proporcionou a segurança necessária para seguir com o doutorado. Gratidão por não ser apenas um orientador que cumpriu muito bem sua função técnica, mas por ser um amigo muito querido, que recebi como uma linda dádiva.

Minha gratidão à pesquisadora e religiosa Irmã Annette Dumoulin, que me recebeu por diversas vezes em sua casa com abraços e boas conversas. À assistente social Divina Fernandes, que me acolheu no Instituto Monsenhor Murilo durante dois meses de trabalho de campo. Ao professor Renato Casimiro, que gentilmente abriu seu acervo fotográfico para

compor a pesquisa. A todos os romeiros e romeiras que disponibilizaram seu tempo para compartilhar suas memórias a fim de que eu pudesse desenvolver este estudo. À Bibiana Belisario e Mario Silva por me cederem as imagens da romaria. Ainda minha gratidão ao amigo Mario Silva, por todo zelo e cuidado na revisão final da tese.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES que tem resistido no processo de expansão e consolidação da pesquisa *Stricto Sensu* no Brasil. O apoio dessa fundação foi essencial para a conclusão desse estudo.

À minha querida professora Dra. Doris Sayago, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável. Com você, aprendi que a força e a leveza podem habitar nas mesmas decisões e atitudes.

À professora Dra. Suely Chacon, pois enquanto reitora da Universidade Federal do Cariri, idealizou, mediu e realizou o Doutorado Interinstitucional DINTER / UFCA e UNB. Hoje, sou grata por toda sua coragem em não parar, apesar das adversidades.

Ao coordenador do DINTER e reitor da Universidade Federal do Cariri, o professor Dr. Ricardo Lange Ness, por me apoiar e incentivar para a realização das etapas do doutorado. Gratidão!

Aos colegas de doutorado, os quais, os desafios da rotina de estudos nos aproximaram e nos tornaram mais fortes.

Aos colegas de colegiado do curso de Administração Pública da UFCA. Vocês precisaram lidar com nossa ausência. Minha gratidão por todo o esforço em cuidar do curso e dos nossos alunos durante esse processo de formação. Aos meus alunos do curso de Administração Pública, que entenderam e me apoiaram durante todo esse tempo longe das atividades acadêmicas na UFCA.

Aos amigos do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS), por seguirem com as atividades de pesquisa e extensão durante esse período, em especial ao Dr. Jeová Torres, Dr. Ives Tavares, Dra. Rebeca Grangeiro e Dra. Jaqueline Dourado.

Aos amigos, que me acolheram em momentos de dor. Joelmir Pinho, você escutou minhas lágrimas, foi presença na minha ausência. Você me fez acreditar que, no final, tudo ficaria bem. Sabe de uma coisa? Você tinha toda razão, meu amigo.

À amiga querida Mônica Martins, a nossa relação passou por muitas etapas, professora/estudante; colegas de trabalho; mãe e filha. Gratidão por toda cumplicidade e amor dedicado a mim.

A Estevão Arrais, que também foi abrigo em dias de incerteza. Às amigas “girassóis”, que me amaram na hora em que precisei parar e logo me impulsionaram a seguir.

O desenvolvimento só pode ocorrer após serem retiradas todas as formas de privação: a fome, a morte prematura e a tirania política.

Amartya Sen

RESUMO

A cidade de Juazeiro do Norte é a sede da Região Metropolitana do Cariri - RMC. Desde a sua fundação, em 1911, passou por intensas mudanças na forma de ocupação urbana, as quais estão vinculadas à liderança exercida pelo Padre Cícero Romão Batista, sacerdote cearense, nascido em 1844, considerado santo na religiosidade popular. Esta pesquisa buscou identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro e compreender como essas representações influenciaram a permanência de romeiros na cidade. O referencial teórico mobiliza a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici (2012), a psicologia sócio-histórica, de Bader Sawaia (2001), em particular na temática exclusão/inclusão além dos estudos sobre desenvolvimento de Amartya Sen (2010). A metodologia utiliza a pesquisa qualitativa associando estudos bibliográficos, documentais e de campo (entrevistas e grupo focal). As categorias analíticas e empíricas foram construídas a partir dos conceitos de representação social e de exclusão social. Essas categorias foram aplicadas a dois grupos de romeiros migrantes: uns que chegaram à Juazeiro entre 1920 e 1970 e outros que passaram a residir na cidade nas últimas duas décadas e permanecem em situação de exclusão social. Os dados obtidos através de entrevistas semiestruturadas e grupo focal foram tratados por meio da análise de conteúdo. Os principais resultados mostram a transmissão de uma representação social do Pe Cícero como “*padrinho e santo provedor*” e de “*Juazeiro como terra boa, próspera e abençoada pelo Pe. Cícero*”, atraindo milhares de sertanejos, desde o século XX, até os dias atuais. Os membros do grupo de romeiros remanescentes do século XX entrevistados conseguiram se estabelecer e reafirmar a representação de cidade de provisão. Entre os romeiros que chegaram nas últimas décadas, muitos encontraram as contradições de um grande centro urbano que provocaram um aprofundamento da condição inicial de exclusão social. Esses romeiros em situação de exclusão têm então desenvolvido uma representação social de Juazeiro como lugar de sofrimento ético político. O desenvolvimento proposto por Sen, pede um investimento nas pessoas para que haja uma retomada de vínculos sociais e habilidades perdidas pelo processo de exclusão social. Isto supõe uma ampliação das ações da Política Nacional da Assistência social no município de Juazeiro com a finalidade de expansão da liberdade em direção ao desenvolvimento. O grupo de convivência desenvolvido pelo Instituto Monsenhor Murilo poderia ser um desses espaços de reestabelecimento de vínculos.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Representação social. Exclusão Social.

ABSTRACT

The city of Juazeiro do Norte is the seat of Metropolitan Region of Cariri - MRC. Since its foundation, in 1911, the town went through intense changes in the form of urban occupation, which are attached to the leadership of Father Cicero Romão Batista, a priest from Ceará, he was born in 1844, he was considered a saint in popular religion. This research sought to identify and analyse social representations about Father Cicero and Juazeiro, to understand how these representations have impacted the permanency of pilgrims in town. The theoretical framework mobilizes the theory of social representations, by Serge Moscovici (2012), the socio-historical psychology, by Bader Sawaia in particular in the subject exclusion/inclusion (2001), beyond the studies about development by Amartya Sen (2010). The methodology uses the qualitative research associating bibliographic, documentary and from field (interviews and focal group) studies. The analytical and empirical categories were built since the concepts of social representation and social exclusion. These categories were applied in two groups of migrant pilgrims: the ones that arrived in Juazeiro between the years 1920 and 1970 and other one that started to live in the city in the last two decades and still remain in situation of social exclusion. The data obtained through semi structured interviews and focal group were treated by means of content analysis. The main results show the transmission of a social representation by Father Cicero as “little father and saint provider” and “Juazeiro as the good land, prosperous and blessed by Father Cicero”, the attracting thousands of sertanejos, since XX century, until nowadays. The members of the remain pilgrims group in the XX century interviewed, managed to settle and reaffirm the representation of town of provision. Among the pilgrims that arrived in the last decades, many of them found contradictions of a big urban center which caused a deepening from the initial consolidation of social exclusion. These pilgrims in situation of exclusion have developed a social representation of Juazeiro as place of ethical and political suffering. The development proposed by Sen, demands an investment in people so there is a recovery of social bonds and lost abilities due the process of social exclusion. This implies an ampliation of the actions of National Politics of Social Assistance in the province of Juazeiro with the purpose to expand freedom toward development. The coexistence group developed by the Institute Monsenhor Murilo could be one of these places of reestablishment of bonding.

Key-words: Development. Social Representation. Social Exclusion.

Résumé

La ville de Juazeiro do Norte est le siège de la Région Métropolitaine du Cariri - RMC. Depuis sa fondation, en 1911, la ville a connu d'intenses changements des formes d'occupation urbaine, dont certains sont liés à la figure du Père Cicero Romão Batista, prêtre du Ceará né en 1844 et considéré comme « saint » par la religiosité populaire. Cette thèse a cherché à identifier et analyser les représentations sociales du Père Cicero et de Juazeiro et à comprendre comment elles ont influencé l'installation des pèlerins dans la ville. Le référentiel théorique mobilise la théorie des représentations sociales de Serge Moscovici (2012), la psychologie socio-historique, de Bader Sawaia (2001), en particulier sur la thématique exclusion/inclusion et l'approche du développement d'Amartya Sen (2010). La méthodologie est qualitative, associant études bibliographiques, documentaires et travaux de terrain (entretiens et focus groupe). Les catégories analytiques et empiriques ont été construites autour des concepts de représentation sociale et d'exclusion sociale. Ces catégories ont été appliquées à deux groupes de pèlerins ayant immigré à Juazeiro do Norte : les uns (ou leurs descendants) arrivés entre 1920 et 1970 et plus ou moins intégrés et les autres arrivés plus récemment et en situation d'exclusion sociale. Les données résultant des entretiens et groupes de discussion ont été traitées par l'analyse du contenu. Les principaux résultats montrent la transmission d'une représentation sociale de Père Cicero comme « parrain, saint protecteur et fournisseur » et de Juazeiro comme « terre prospère et bénie par le Père Cicero », attirant des milliers de *sertanejos*, du XXe siècle à nos jours. Les membres du groupe de pèlerins les plus anciens interviewés ont pu s'établir et réaffirmer la représentation de prospérité de Juazeiro. Parmi les pèlerins arrivés depuis vingt ans, beaucoup ont été confrontés aux contradictions d'un grand centre urbain ce qui a provoqué un aggravement de leur condition initiale d'exclusion sociale. Ces pèlerins en situation d'exclusion ont alors développé une représentation sociale de Juazeiro comme lieu de souffrance éthique et politique. Le développement tel que proposé par Sen, demande un investissement auprès des personnes afin de garantir le rétablissement des liens sociaux et compétences perdues durant le processus d'exclusion sociale. Cela suppose un renforcement des actions de la Politique Nationale d'Aide Sociale dans la ville de Juazeiro afin de garantir l'expansion de la liberté vers le développement. Le groupe de coexistence animé par l'Institut Monsenhor Murilo pourrait être un de ces lieux de rétablissement de liens.

Mots-clés: Développement. Représentation Sociale. Exclusion Sociale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Região do Cariri.....	26
Figura 2 - Beato da Cruz	30
Figura 3 - Padre Cícero Romão Batista.....	31
Figura 4 - Vila Tabuleiro Grande (posteriormente Joazeiro)	32
Figura 5 – Mapa de Joazeiro em 1827	33
Figura 6 – Beata Maria de Araújo.....	34
Figura 7 – Sermões do Pe. Cícero na Janela da sua casa	36
Figura 8 – Praça da Sé em Crato (Início do séc. XX)	37
Figura 9 – Juazeiro do Norte (1911)	37
Figura 10 – Ordenamento territorial de Juazeiro do Norte em 1875	38
Figura 11 – Pe. Cícero à esquerda/ Dr. Floro Bartolomeu à direita.....	39
Figura 12 – Cortejo fúnebre do Pe. Cícero.....	40
Figura 13 – Crescimento Urbano em Juazeiro do Norte-CE	41
Figura 14 – Problemas urbanos em Juazeiro do Norte.....	44
Figura 15 – Irmã Annette Dumoulin	66
Figura 16 – Peregrinação na Rua do Horto, em Juazeiro do Norte-CE.....	66
Figura 17 - Romaria de Nossa Senhora das Candeias.....	94
Figura 18 - Pessoas nas proximidades da estátua do Pe. Cícero, no Horto pedindo esmolas	103
Figura 19 - Missa do dia 20 de julho na Igreja do Socorro	110
Figura 20 - Comércio informal remédios caseiros	111
Figura 21 - Comércio informal artigos religiosos	111
Figura 22- Pelúcio Correia de Macedo.....	113
Figura 23 - Orações aos pés da estátua do Pe. Cícero.....	117
Figura 24 - Representação Social do Pe. Cícero e de Juazeiro do Norte, obtidas na primeira etapa da pesquisa.....	136
Figura 25 - Processos desencadeados pela desigualdade social.....	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparativo do crescimento populacional entre Crato e Juazeiro do Norte	41
Gráfico 2 - Taxa de cobertura de esgoto urbano	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Síntese conceitual sobre a análise das representações sociais	63
Quadro 2 - Categorias analíticas levantadas a partir da teoria de Moscovici (2012).....	68
Quadro 3 - Relação conceitual dos movimentos de ancoragem e objetivação aplicadas na pesquisa	69
Quadro 4- Processo de construção das questões de pesquisa a partir das categorias analíticas	70
Quadro 5 – Quadro de análise	71
Quadro 6 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa na primeira etapa da investigação.....	74
Quadro 7- Caracterização dos sujeitos da pesquisa na segunda etapa da coleta de dados.....	77
Quadro 8 - Roteiro direcionado ao grupo focal a partir da representação social encontrada, considerando a fala dos sujeitos da primeira etapa da pesquisa de campo.	79
Quadro 9- Métodos e técnicas de coleta de dados	80
Quadro 10- Síntese da representação social e elementos encontrados.....	122
Quadro 11 - Representação social demonstrada pelos sujeitos da primeira etapa da pesquisa	123
Quadro 12 - Síntese dos sentimentos contidos no grupo focal	129
Quadro 13 – Categorias Empíricas sobre exclusão social.....	130
Quadro 14 - A chegada ao Santo Juazeiro	137
Quadro 15 - Permanência dos romeiros na cidade: comparação entre os grupos pesquisados.	142
Quadro 16 - Terra de oração e trabalho: comparação entre os dois grupos da pesquisa	144
Quadro 17 - Padrinho “Santo” ou “Santo” Padrinho: comparação entre o perfil dos dois grupos pesquisados.....	147
Quadro 18 – Síntese da comparação das representações sociais dos dois grupos da pesquisa	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CREAS	Centros de Referências Especializadas da Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHAD	Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade
IPH	Índice de Pobreza Humana
Ir.	Irmã
ONU	Organização das Nações Unidas
Pe.	Padre
PIB	Produto Interno Bruto
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNUD	Programa das Nações Unidas
RMC	Região Metropolitana do Cariri
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RS	Representação social
TRS	Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1.1 O oásis do sertão nos tempos do Coronelismo: a formação social do Cariri	26
1.2 Lá do alto do Horto: Padre Cícero e a criação de Joazeiro	32
1.3 Juazeiro do Norte: do vilarejo do Crato à sede da Região Metropolitana do Cariri	40
.....	47
2 MARCO TEÓRICO	48
2.1 Desenvolvimento sustentável: Um conceito polissêmico	48
2.2 A Psicologia sócio-histórica e suas contribuições na compreensão da desigualdade e exclusão social	55
2.3 A Teoria das Representações Sociais de Moscovici	58
.....	64
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA PESQUISA	65
3.1 Universo e sujeitos da pesquisa	65
3.2 A construção das categorias de pesquisa	67
3.4 A primeira etapa do levantamento de dados de campo	72
3.5 A segunda etapa do levantamento de dados de campo	75
3.5.1 O grupo focal	78
3.6 Síntese dos métodos e técnicas de coleta e tratamento de dados	80
.....	82
4.1 A chegada ao “Santo Juazeiro”	85
4.2 A permanência na cidade	96
5. JUAZEIRO: LUGAR DE SALVAÇÃO NA TERRA E NO CÉU	107
5.1 Terra de oração e trabalho	107
5.2 Padrinho “Santo” ou “Santo padrinho”?	117
5.3 Novos elementos encontrados durante a permanência dos romeiros na cidade nos dias atuais	126

6. JUAZEIRO DO NORTE NOS DIAS ATUAIS: URBANA, DESIGUAL E “ABENÇOADA”	133
6.1 A chegada ao “Santo” Juazeiro	134
6.2 A permanência na cidade	138
6.3 Terra de oração e trabalho	143
6.4 Padrinho “Santo” ou “Santo” padrinho?	146
.....	152
CONCLUSÃO	153
REFERÊNCIAS	160
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS E GRUPO FOCAL DA PESQUISA	169
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	170



MUDANÇA DE SERTANEJO

J. BORGES

INTRODUÇÃO

Estudar sobre os processos de “idas e vindas” dos romeiros para a cidade de Juazeiro do Norte, está relacionado com a minha história de vida. Por ser natural da cidade e morar no centro das atividades religiosas locais, venho acompanhando as mudanças ocorridas no município, durante as últimas décadas. Enquanto criança ficava na calçada da casa de minha avó, ao lado da Igreja Matriz de Nsa. das Dores¹, observando o movimento permanente dos visitantes da cidade, entre eles, e em grande número, os romeiros do “Padrinho Cícero”².

No caminho até a igreja matriz, eles compravam artigos religiosos, utensílios domésticos, alimentos, que ficavam dispostos nas calçadas e nas bancas dos comerciantes locais. Durante algumas décadas, as romarias aconteciam em períodos específicos do ano, já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, elas se tornaram permanentes. Com esse fato, observam-se outras mudanças na cidade, tais como, o aumento da permanência de romeiros e o surgimento de ocupações urbanas desordenadas.

Minhas percepções como moradora, tomaram outra perspectiva, quando me deparei com um desafio profissional. Atuei como psicóloga na Secretaria de Assistência Social do município e, após as romarias, lidava com situações de romeiros que decidiam permanecer na cidade sem qualquer condição financeira. Alguns estavam doentes e precisavam de assistência médica. Outros eram idosos, abandonados na cidade por seus familiares. Durante as conversas com os romeiros sobre os motivos da permanência, era recorrente o argumento de que o “Padrinho Cícero” responderia às suas súplicas.

Naquele período, no ano de 2007, a assistência social buscava soluções, como atendimento médico e, posteriormente, entrava em contato com os parentes desses romeiros, em busca de facilitar-lhes a volta para casa. Devido à atividade docente que comecei a exercer no mesmo período, precisei sair da função de psicóloga da assistência social. Desde então, já se passou mais de uma década, mas ficou a inquietação: o que aconteceu com aqueles que decidiram ficar, mesmo sem emprego e moradia?

Nesse estudo, temos o objetivo de identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e o Juazeiro, e compreender como essas representações influenciaram a permanência

¹ Atualmente reconhecida como, Basílica Menor do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores, o espaço religioso remonta ao período do exercício religioso do Padre Cícero. Anualmente é local de visita de milhares de romeiros.

² Termo habitualmente utilizado pelos devotos do Pe. Cícero Romão Batista (1844-1934) sacerdote cearense que devido a sua atuação social, religiosa e política, passou a ser considerado “santo popular”.

de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte. Esse problema é relevante, Juazeiro sendo, historicamente, um polo de acolhida de migrantes.

Enquanto estava vivo, o Pe. Cícero Romão Batista recebia os migrantes em Juazeiro, desde antes de emancipação política da cidade em 1911, e lhes oferecia trabalho, terra, comida, remédios ou apenas conselhos. Essas práticas favoreceram a consagração de sua imagem como forte liderança religiosa e, posteriormente, política. Como reconhecimento das ações de cuidado, o religioso recebeu o título de “Padrinho”. De padre, ele passou a ser chamado “Padrinho Cícero” (BARROS, 2008).

A representação de padrinho foi estabelecida durante os seus anos de sacerdócio e carreira política³ em Juazeiro, de 1871 a 1934. Foi acrescido ao imaginário do sertanejo um caráter sagrado, após fatos “milagrosos”, como o caso da hóstia ⁴que se transformara em sangue, em 1889, na boca da beata Maria de Araújo⁵. Esse “milagre” favoreceu a convergência de um número significativo de sertanejos para Juazeiro do Norte, estabelecendo-se ali como moradores.

Esse fenômeno foi visto como confirmação de que Juazeiro seria “a Nova Jerusalém”, lugar da nova redenção, perdão de pecados e obtenção de milagres. “Mas se havia um milagre indiscutível a ser louvado este era o crescimento vertiginoso do lugar [...] embora continuasse pertencendo ao Crato⁶, Juazeiro já era maior que muitas cidades do sertão cearense” (LIRA NETO, 2009, p. 288).

As peregrinações resultaram em uma intensa expansão demográfica do município: “[...] entre 1890 e 1898 a população da cidade mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; em 1909, chegou a 15 mil” (DELLA CAVA, 2014, p. 156).

A chegada de novos moradores a Juazeiro trouxe um estranhamento aos naturais da cidade, tornando comuns, situações de conflitos entre os “adventícios” e os “filhos da terra”⁷. De todo modo, Pe. Cícero buscava intermediar as situações de conflitos e encaminhar os que

³ Além de assumir o cargo de primeiro prefeito da cidade de Juazeiro do Norte, em meados de 1911, Cícero Romão Batista (Pe. Cícero), também atuou como vice-presidente do Ceará (WALKER, 1999).

⁴ O mês de março de 1889 marcou significativamente a história do Juazeiro. O Pe. Cícero, ao distribuir a Comunhão Eucarística a uma beata, chamada Maria de Araújo, participou de forma protagonista, do considerado por muitos, milagre da hóstia. Ao receber a hóstia consagrada, a partícula transforma-se em sangue na boca da beata. O fenômeno aconteceu outras vezes e mobilizou a fé do povo (WALKER, 1999). É importante ressaltar que para a fé católica, a hóstia consagrada é o próprio corpo de Cristo.

⁵ Mulher pobre, órfã, negra, morava na casa do Pe. Cícero. Era dedicada as atividades religiosas e ao ensino de artesanato. (DELLA CAVA, 2014).

⁶ Município do interior cearense que sediava o território da atual Juazeiro do Norte.

⁷ “Adventícios” eram as pessoas vindas de outras localidades que começaram a ocupar a cidade, inclusive no comércio local. Já os “filhos da terra” eram habitantes nascidos em Juazeiro, os quais demonstravam hostilidade por aqueles que vinham de fora. Os conflitos entre essas duas categorias, gerou diversos problemas políticos que eram atenuados pelo Pe. Cícero (DELLA CAVA, 2014).

chegavam, para alguma atividade de trabalho. Para os mais habilidosos, incentivava o artesanato; os que tinham familiaridade com a terra eram direcionados às encostas da Serra do Araripe⁸, para cultivar a macaxeira e o “feijão de pau”⁹. Assim, tinham a garantia de que não morreriam de fome (LIRA NETO, 2009).

Mesmo após a morte do Pe. Cícero, em 1934, os devotos continuaram a peregrinar até Juazeiro do Norte devido à tradição religiosa local, fomentada pela ação pastoral do religioso. Atualmente, o município recebe visitantes durante o ano inteiro. Não há uma precisão nos números, mas a Secretaria de Turismo e Romaria estimam que Juazeiro recebe, cerca de dois milhões de visitantes por ano. A maior concentração acontece nas seguintes romarias: a de Nossa Senhora das Candeias, em 02 de fevereiro; Nossa Senhora das Dores, em 15 de setembro; e na de Finados, em 02 de novembro. Além dessas peregrinações, o município recebe visitantes durante o ano inteiro (PEREIRA, 2013).

O perfil socioeconômico do romeiro é diverso, incluindo pessoas ricas e pobres. Contudo, o maior número de peregrinos está em condição de vulnerabilidade social, fator que justifica a delimitação dos sujeitos da pesquisa. Pessoas que já estão em situação de exclusão social em sua cidade de origem, muitas vezes devido a um Estado que permanece em omissão como no “tempo dos coronéis”.¹⁰ Desse modo, as pessoas seguem se deslocando da sua cidade natal, em busca de um milagre, como no tempo de seus pais e avós (DUMOULIN, 2017).

Neste trabalho, utilizamos o termo “romeiro” para nos referir a esses peregrinos em situação de pobreza que vêm ao município com um propósito religioso e também, na expectativa ou iniciativa de residir na cidade. Eles permanecem na cidade durante um tempo variado, cumprindo uma programação de atividades religiosas, ou migrando definitivamente para o município.

A fé popular acerca do Pe. Cícero parece estar ancorado na representação social de padrinho. O conceito de representações sociais se refere a fenômenos psicossociais, que são derivados das interações entre duas ou mais pessoas e são ressignificados por seu receptor mediante o contexto sócio-histórico onde essa representação social é exposta (MOSCOVICI, 2011).

⁸ Reserva florestal que abrange parte do Cariri cearense. Juazeiro do Norte integra essa Região.

⁹ Espécie de feijão tipicamente cultivado no território Caririense.

¹⁰ Principais responsáveis pelo sistema coronelista. O coronelismo é uma abordagem fundamental para que sejam entendidas as relações econômicas e políticas, desenvolvidas no contexto da Primeira República e se traduz em ações de dominação (política e econômica); mecanismos de controle social (PINTO, 2017). Para Chacon (2007) esse modelo ainda pode ser visto na atualidade, revestido com novas faces.

Nesse contexto, a cidade de Juazeiro do Norte oferece um campo propício para pesquisas, principalmente diante do intenso fluxo urbano e as recentes mudanças estruturais em seu território. Atualmente, Juazeiro possui significativa representatividade regional, sendo considerada a principal cidade da Região Metropolitana do Cariri (RMC)¹¹.

Juazeiro segue uma tendência mundial de aumento populacional nos espaços urbanos periféricos em condições insalubres. As pessoas desempregadas migram para os núcleos urbanos em busca de melhores condições de vida. Quando não encontram, ocupam de forma desordenada os espaços. Assim, vivenciam a segregação espacial e as contradições do capitalismo¹², que impedem o direito ao uso dos espaços da cidade. Esse mecanismo constitui um obstáculo para a efetivação do desenvolvimento sustentável, principalmente diante do quadro de desigualdades sociais, característico das cidades brasileiras (DAVIS, 2006).

No contexto urbano brasileiro, são constantes as circunstâncias que causam exclusão e vulnerabilidade, principalmente diante do sistema econômico vigente. Chacon (2007) evidencia que, o capitalismo é promotor de ações que causam exclusão social e dominação, os quais impedem a viabilidade da efetivação do desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, o objeto de estudo desta pesquisa está relacionado, especialmente com a dimensão social da sustentabilidade. Segundo Chacon (2007, p. 151), como “a sustentabilidade ainda está popularmente associada a aspectos unicamente ambientais [...], muitas vezes a exclusão social e o aspecto humano dessa mesma sustentabilidade são esquecidos”.

Para Sachs (2009), essa dimensão social reivindica uma sociedade mais justa, na qual haja distribuição de renda e acesso a recursos públicos, de modo equitativo. Segundo esse autor, além das dimensões ambientais e sociais, existem outras, que devem ter a justa atenção, tais como: a dimensão cultural, a partir do respeito aos saberes e identidades locais; a econômica, ao utilizar recursos locais para gerar trabalho e renda, fortalecendo as cadeias produtivas; e a dimensão político-institucional, que implica fortalecer os espaços colegiados para melhorar o senso de governança. A harmonização de todas essas dimensões garantirá a gestão sustentável dos recursos locais.

Neste estudo, utilizamos o conceito de desenvolvimento, construído por Amartya Sen (2010). Para ele, o termo desenvolvimento é complexo e não está restrito à insuficiência de

¹¹ A Região Metropolitana do Cariri encontra-se localizada no interior do Ceará, e possui como principais cidades, os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, a relação geográfica desses municípios é conhecida como, "triângulo CRAJUBAR" (CIDADES, 2020).

¹² Sistema econômico que se insere, nos diversos campos da vida em sociedade. Tem como principal fundamento, o acúmulo de capital (MARX, 2017).

renda, mas à necessidade de remoção de todos os tipos de privações como a fome, subnutrição, morte prematura, tirania política, desemprego. Nesse sentido, a concepção de desenvolvimento do autor, está relacionada ao bem-estar das pessoas. Essa é outra forma de perceber o desenvolvimento, que se diferencia da visão tradicional, que estabelece o Produto Interno Bruto (PIB) como principal indicador para o entendimento desse fenômeno.

Nas últimas décadas, Juazeiro tem se destacado pelo crescimento econômico e populacional. A alta densidade demográfica no município é um fenômeno contínuo, que ganhou força em especial na segunda metade do século XX. Como mostramos mais adiante. Juazeiro do Norte é atualmente, uma das cidades mais populosas do Ceará, perdendo representatividade apenas, em comparação com algumas cidades localizadas na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Juazeiro também é a cidade sede da Região Metropolitana do Cariri (RMC), sendo vista como principal força, no que se refere ao setor de comércio e serviços, nessa região. Junto à imagem crescente de “cidade do progresso”, é observável o alto índice de migração para esse município, o que o caracteriza como “cidade de chegada”, pois enquanto o número de migrantes sobe, o número de pessoas que saem da cidade é bem menor.

Diante disso, esta investigação se orienta pela seguinte questão de pesquisa: Como as representações sociais do Pe. Cícero e do Juazeiro influenciaram na permanência de romeiros nessa cidade?

Partimos do pressuposto de que as representações sociais do Pe. Cícero, construídas historicamente, influenciam a permanência dos romeiros na cidade, pois eles buscam um “milagre” para solucionar sua situação de exclusão social. Essa permanência, em condições inadequadas, pode favorecer situações de vulnerabilidade, reforçando os ciclos de pobreza e exclusão social, mesmo existindo na cidade, ações assistenciais para romeiros, como a Pastoral da Romaria¹³.

O objetivo central da nossa pesquisa é identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro, para compreender como essas representações influenciaram a permanência de romeiros na cidade. Para atender esse objetivo geral, delineamos três objetivos específicos: (a) Identificar quais as motivações de chegada e quais as condições de permanência dos romeiros em Juazeiro; (b) Compreender as representações sociais do Pe. Cícero e Juazeiro, construídos por romeiros que permaneceram na cidade em períodos distintos. (c) Analisar as

¹³ A Pastoral da Romaria é uma iniciativa vinculada à Basílica Menor do Santuário Diocesano de Nossa Senhora das Dores e tem como objetivo principal, desenvolver atividades de acolhimento aos romeiros, devotos do Padre Cícero.

possíveis repercussões dessas representações nos processos de integração ou exclusão social na cidade.

A relevância deste estudo, também é identificada quando nos reportamos para a produção acadêmica acerca da cidade. A partir do mapeamento bibliográfico realizado, percebemos que, a maior parte da produção bibliográfica envolvendo as palavras-chaves “Padre Cícero” e “Juazeiro do Norte” se referem tanto a questões culturais, especialmente religiosas, considerando às romarias e costumes locais; quanto a questões históricas e sociológicas da construção da cidade e da figura do Padre Cícero. De fato, a discussão sobre Juazeiro e o Pe Cícero remete para questões de religiosidade e de fé. Mas essas não são as entradas da nossa pesquisa. Escolhemos tratar um aspecto inédito do fenômeno das romarias: a influência da representação social do Pe. Cícero na permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

Por se tratar de um fenômeno social, a abordagem metodológica deste estudo é qualitativa, pois possibilita uma prática interpretativa em profundidade do material coletado. As técnicas de pesquisa associam a revisão bibliográfica, análise de arquivos históricos, entrevistas, observação direta e uso do grupo focal. Realizamos as entrevistas semiestruturadas junto a romeiros migrantes, agentes da Pastoral da Romaria e da assistência social. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo seguindo o método de Bardin (2009).

Para fundamentar nosso estudo, adotamos como principais referências teóricas as contribuições de Moscovici (2012), no que se refere à Teoria da Representação Social e aquelas de Sawaia (2001) e Sen (2010) para tratar da exclusão social e desenvolvimento sustentável.

A tese está organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo introduz a contextualização sócio histórica do Cariri cearense, da cidade de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero. Trata do surgimento da cidade, dos principais fatos políticos e religiosos ocorridos no final do século XIX e início do século XX e do processo de crescimento de Juazeiro, até se constituir como sede da RMC. As questões relativas à cidade e as políticas públicas serão tratadas como elementos de contexto e não como objeto dessa pesquisa.

O segundo capítulo apresenta o marco teórico mobilizado para tratar da questão de pesquisa, a partir dos conceitos de representação social e de exclusão social, dialogando com as percepções de Sawaia (2001), Sen (2010), Moscovici (2012). O desenvolvimento sustentável é discutido como uma proposição crítica ao sistema econômico dominante e aos modos de vida vigentes que têm como resultado, uma ampla e crescente crise ambiental associada a graves situações de desigualdade e exclusão social. Nesse mesmo sentido, seguimos com as discussões sobre desigualdade e exclusão social a partir da compreensão da Psicologia Sócio-histórica

fundamentando-se em autores como Sawaia (2001), Sen (2010) e, por fim, mobilizamos a teoria da Representação Social, com base nas propostas de Moscovici (2012).

O terceiro capítulo reúne os procedimentos metodológicos adotados. Apresenta o universo social da pesquisa, a construção das categorias de análise e logo descreve as etapas do trabalho de campo, da condução das entrevistas e do grupo focal. Termina com uma síntese dos métodos e técnicas de coleta, bem como, dos critérios adotados para o tratamento dos dados.

O quarto capítulo é dedicado aos fatores e representações sociais que motivaram a vinda e logo a permanência de romeiros em Juazeiro do Norte a partir da análise das entrevistas e grupo focal. Considera também características sociais e territoriais relacionadas às dinâmicas das romarias e a permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

No quinto capítulo analisamos e interpretamos as representações sociais do Pe. Cícero e de Juazeiro do Norte construídas pelos romeiros atendidos pela Pastoral da Romaria da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. O capítulo enfatiza duas categorias temáticas: *Terra de oração e trabalho* e *Santo padrinho ou padrinho santo?*

O capítulo seis fundamenta-se em análises acerca das representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro e suas possíveis repercussões nos processos de integração ou exclusão social dos romeiros, na cidade de Juazeiro do Norte. Apresenta também, uma síntese dos resultados e sua discussão, a partir de matrizes comparativas entre os grupos de romeiros participantes da pesquisa. Na sequência, apresentam-se as conclusões do estudo.



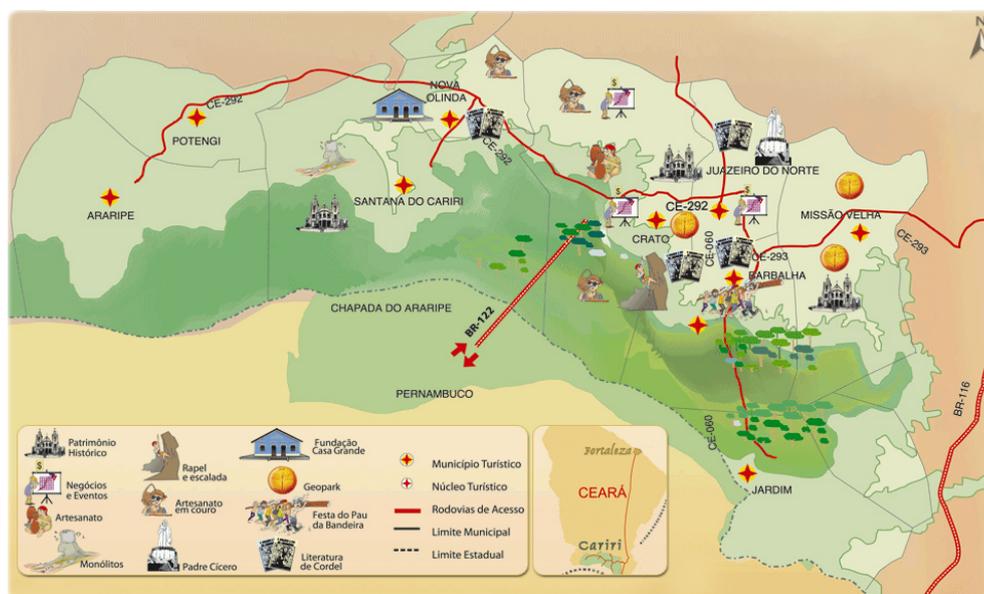
1 JUAZEIRO DO NORTE E O Pe. CÍCERO: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Este capítulo buscou contextualizar sócio-historicamente a cidade de Juazeiro do Norte. Para tanto, fazemos uma retomada da formação social do Cariri. Tratamos também, do surgimento da cidade de Juazeiro do Norte com seus principais fatos políticos e religiosos, ocorridos no final do século XIX e início do século XX. Em seguida, demonstramos o processo de crescimento da cidade em seus diversos aspectos até se constituir como sede da Região Metropolitana do Cariri.

1.1 O oásis do sertão nos tempos do Coronelismo: a formação social do Cariri

A Região do Cariri (Figura 1) está localizada no Sul do Ceará, onde se encontra uma importante reserva natural, a Floresta Nacional do Araripe, distribuída por toda a chapada. Nas suas encostas, brotam diversas fontes de água. Por estar localizada no semiárido nordestino, a característica hídrica da região atrai e permitiu a fixação de povos desde os tempos coloniais. A água favorecia a irrigação da cana-de-açúcar, que se expandiu devido à fertilidade do solo. Esse crescimento agrícola aconteceu a partir da metade do século XVIII, consolidando assim, as primeiras vilas da região. “O trânsito [...] se intensificou; em curto espaço de tempo, a população de seus dois principais núcleos urbanos aumentou. Em pouco mais de meio século, a economia cresceu e o Cariri se tornou uma das principais localidades da província” (OLIVEIRA, 2003, p. 16).

Figura 1 - Mapa da Região do Cariri



Fonte: Brasil Turismo (2020)

Segundo Macedo (1985), o povoamento do Cariri, data seu início, no final do século XVII e início do século XVIII, com a instalação das primeiras fazendas e capelas. Ele foi chamado de Cariri Novo, para se diferenciar do Cariri paraibano. O Vale do Cariri possuía uma diversidade econômica proporcionada pela fertilidade da região, devido à abundância de água, em destaque o riacho dos porcos, que possuía o maior curso de água do vale, com uma extensão de 140 km.

A abundância de água favoreceu também o desenvolvimento da pecuária, por ser uma atividade de fácil manuseio. Além dessa atividade, havia plantações de algodão, fumo, cana de açúcar e mandioca, um tipo de policultura que se diferenciava do restante do Nordeste (DELLA CAVA, 2014).

No Cariri, a estratificação social era marcada pela presença dos senhores de engenho ou coronéis. A rapadura era a principal produção dos engenhos, que utilizava mão de obra escrava e trabalhadores “livres”¹⁴. Os grandes senhores de terra estavam no centro do núcleo rural e mantinham relações de dominação. “A dependência dos indivíduos em relação aos senhores de engenho era bastante forte, o que se constituía em fator de inter-relação, dominação e submissão” (OLIVEIRA, 2003, p. 18). A dinâmica do engenho, ainda pode ser identificada nessa região, a qual continua a produzir a rapadura e outros derivados da cana de açúcar.

A relação de dependência estava sobremaneira voltada para os homens “livres”, os agregados às terras dos senhores de engenho. Assim, o coronel buscava garantir a fidelidade e a confiança que era passada por gerações.

A detenção de fazendas, sítios e posses, em várias localidades da região, proporcionou aos futuros proprietários (herdeiros) todo um privilégio sobre as terras mais férteis da região. Em pouco tempo, conseguiram acumular uma riqueza invejável, que só eles poderiam desfrutar. A riqueza desses indivíduos não se podia medir apenas pelas suas propriedades; a riqueza material também é testemunha dessa opulência. Os objetos domiciliares eram dos mais finos e raros que existiam naquela realidade (OLIVEIRA, 2003, p. 19).

O fenômeno do coronelismo não era uma característica específica do Cariri, mas foi estabelecido pelo Estado brasileiro desde o Império. Inicialmente, foi uma força política (guarda nacional), cuja principal função era representar o poder público nas localidades distantes do litoral. Nesse contexto histórico, “o governo central adotou a política da

¹⁴ Mesmo não possuindo o status de escravos, os homens “livres” eram sujeitos submissos aos domínios políticos e financeiros dos coronéis.

coexistência pacífica que se materializava pela omissão do poder público em nível local. Em troca, o poder central podia contar com o apoio do poder local” (BURSZTYN, 2008, p. 40).

Assim, a organização sociopolítica do Brasil tem em sua origem, o autoritarismo do Estado, que atuou sob duas configurações: por omissão ou atividade. O caráter omissivo se estabelece desde o Período Colonial (1500-1808) e República Velha (1889-1930), quando houve a transferência de responsabilidades do Estado ao poder local e a busca da legitimação de um caráter paternalista nos diversos níveis econômico, social e político (BURSZTYN, 2008).

O compartilhamento de poderes entre o público e o privado se manteve, mesmo com o fim do Império. Seu objetivo era garantir a manutenção da ordem nas localidades mais distantes. A passagem entre o Império e República Velha não modificou a condição de alguns senhores de terra que já haviam recebido a patente de coronel devido ao critério econômico. Nesse sentido, o núcleo rural estava sob o comando dos coronéis locais, por possuir a patente de coronel concedida pelo Estado e, ainda, ter sua autoridade legitimada pela população, devido à concessão de favores (LEAL, 2012).

Com o advento da República Velha, os coronéis ganharam a função eleitoral. Afinal, os trabalhadores rurais agora votavam e os coronéis exerciam influência direta nesse processo. Assim, a relação de troca estabelecida entre coronéis e poder público era bem definida. As despesas eleitorais cabiam ao coronel, em troca da indicação dos cargos públicos (LEAL, 2012).

A influência direta dos coronéis sobre o voto dos seus empregados estava relacionada também, às relações de troca de favores. Essa não era uma dominação explícita, mas uma relação de compadrio, de “amizade”, embora desigual, mas confere prestígio para quem doa e submissão, obediência para quem recebe (SABOURIN, 2011).

A palavra “padrinho” deriva de “*compadrazzo*”, um termo italiano diretamente relacionado à expressão “clientela” na Itália e Sicília, ambos ligados ao contexto patrimonialista (FAORO, 2000). Seguindo essa discussão, Franco (1997) acrescenta que a relação entre senhores de terra e agregados era de compadrio, de amizade. Portanto, não era necessária a compra de votos (com o uso de dinheiro), pois havia uma lealdade, como forma de retribuição aos favores prestados pelos senhores.

A relação entre coronéis e agregados era selada pelo batismo, um ritual católico que tornava pública a relação de compadrio entre as partes. Essa era uma forma de demonstrar gratidão e fortalecer os laços de amizade. Assim, desde muito cedo, as crianças filhas dos agregados eram ensinadas a devotar respeito e fidelidade ao coronel e sua família. Essa é uma

forma de dominação incrustrada por meio da lealdade, que pode ser extensivo às gerações sucessoras (FAORO, 2000).

A vontade do senhor de terra era soberana e despótica. Com o “fim” do sistema escravocrata, a nova categoria de “homem livre” trouxe uma redefinição das relações de dominação. A falta de *expertise* dos negros, além da agricultura, favoreceu a permanência nas terras dos senhores. Mas a relação passou a ser de concessão e favor durante a permanência nas fazendas. Passou a existir favor e proteção, formando um sistema complexo de alianças que dispensava grilhões e algemas. “Vê-se por aí a brutalidade da alienação a que está exposto. Essa dominação implantada por meio da lealdade, respeito, veneração” (FRANCO, 1997, p. 94).

Nesse mesmo sentido, Barros (2008) afirma que a pobreza e exclusão favoreceram uma representação simbólica de filiação sobre lideranças, chefes políticos, padres e coronéis. Um compadrio desigual é estabelecido e os sertanejos foram submetidos a uma relação de dominação ou dependência, frente aos seus senhores. Nesse sentido, desde o processo de colonização, o Sertão foi marcado por negligências do Estado e por relações de sujeição e dependência entre os sertanejos e os “seus senhores”.

Essa relação ainda pode ser percebida na atualidade, devido à manutenção de sentimentos de dominação e interesses individualistas por parte de alguns grupos, entre eles, “os politiqueiros”. No Sertão às questões que se referem à água são percebidas historicamente, como instrumento de manutenção do poder, especialmente devido à escassez desse recurso em determinados períodos do ano (CHACON, 2007).

O Estado dominado por grupos de poder político esquece aquele que deveria ser o seu foco principal, o ser humano, que, inserido em seu espaço, é susceptível aos aspectos sociais e naturais locais e às relações construídas historicamente. O sertanejo é também atingido por forças externas, que ignoram por completo a sua condição e o tornam ainda mais vulnerável, à medida que retiram de suas mãos a possibilidade de decidir sobre si, sobre seu entorno e sobre suas possibilidades (CHACON, 2007, p. 31).

Os sertanejos que moravam na região do Cariri vivenciavam cotidianamente essas relações com o coronel, que também era padrinho. A fazenda era seu universo, onde estavam presentes importantes dimensões da vida social, como o trabalho e a vida religiosa. Seus costumes e práticas religiosas estavam fortemente associados ao catolicismo popular¹⁵. A religiosidade e o misticismo já eram característicos da região, mesmo antes da chegada dos colonos e missionários. Por suas características naturais, o “Vale do Cariri” já era considerado

¹⁵ Expressões com fortes influências católicas, mas não limitada aos dogmas da Instituição.

sagrado pelos índios *kariris*. Era a fertilidade da terra que dava força para prosseguir (DUMOULIN, 2017).

Segundo Pompeu Sobrinho (1956), o processo de colonização do Cariri ocorreu no início do século XVII, quando este território passa a compor o sistema de concessões de sesmarias do Ceará¹⁶. Nos anos que se seguiram, a partir do século XVIII a religiosidade e misticismo se tornaram a marca da região (Figura 2). Mesmo com a chegada dos primeiros missionários capuchinhos, no século XVIII, havia uma autonomia na forma de se relacionar com o sagrado, haja vista a falta de intervenção do poder central nos territórios distantes do litoral. Restava às populações locais utilizar a religiosidade popular como um sustentáculo para lidar com as mazelas sociais daquele período (DUMOULIN, 2017).

Figura 2 - Beato da Cruz



Fonte: Oliveira (1920)

Destacamos a ação do Pe. Mestre Ibiapina. Com formação em direito, foi juiz e deputado federal, mas abandonou a magistratura por ter sido confrontado com a impossibilidade de acabar com as formas de opressão. A partir de então, em 1855, inicia sua vida missionária pelo sertão nordestino, especificamente no Ceará, em busca de dirimir as necessidades locais. (DELLA CAVA, 2014).

O Pe. Ibiapina exercia o papel de líder, com capacidade de mobilizar multidões para ações coletivas. Em suas missões, se estabelecia em um determinado local e lançava uma pergunta: “O que podemos fazer por nós mesmos?” Em assembleia, eram decididas propostas

¹⁶ Segundo o Dicionário Online de Português (2020), uma sesmaria era uma terra considerada ociosa, distribuída pelo rei de Portugal para colonos, para fins de cultivo e povoamento.

para construções coletivas que beneficiassem a comunidade, como açude, casas, roças e cemitérios. Contudo, antes de qualquer atividade em mutirão, ele estabelecia a seguinte regra: se houvesse alguma desavença entre vizinhos, era preciso haver reconciliação, para que os vínculos comunitários fossem reestabelecidos. Eram então iniciadas as atividades em mutirão. As pessoas trabalhavam cantando e rezando sob a liderança de Ibiapina (BARROS, 2008).

No Cariri, o sacerdote construiu casas de caridade em colaboração com pessoas ricas e pobres. Os fazendeiros doavam terras e renda, enquanto os pobres entravam com o trabalho para a construção do prédio. As casas eram cuidadas por uma ordem de mulheres leigas, chamadas “beatas”,¹⁷ as quais eram separadas por votos de castidade e pobreza. As casas de caridade serviam de escola para as filhas dos fazendeiros, orfanato para as crianças pobres e convento para as beatas (DELLA CAVA, 2014).

Na década de 1860, aconteceu uma epidemia de cólera no Cariri, período em que morreu um significativo número de pessoas, principalmente devido à falta de assistência do poder público. Nesse tempo, Padre Ibiapina auxiliou as famílias desassistidas, sendo que, entre os mortos, estava o pai do jovem Cícero Romão Batista (Figura 3). A ação missionária de Ibiapina inspirou o jovem a assumir o sacerdócio (BARROS, 2008).

Figura 3 - Padre Cícero Romão Batista



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (2020).

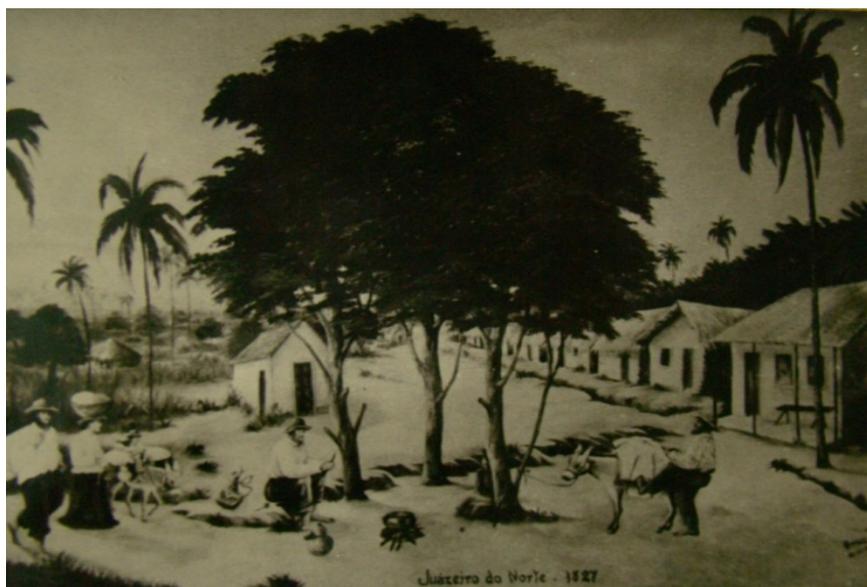
¹⁷ Mulheres que possuíam fortes vínculos com a estrutura devocional do catolicismo.

1.2 Lá do alto do Horto: Padre Cícero e a criação de Joaseiro¹⁸

No ano de 1870, quando Cícero recebeu a ordem para o sacerdócio, Pe. Ibiapina já havia saído do Cariri por ordem da diocese¹⁹. Havia um entendimento de que as práticas do missionário desautorizavam o processo de romanização iniciado pela Igreja Católica. Assim, em um ato de obediência, Pe. Ibiapina escreve uma carta à casa de caridade do Crato,²⁰ pedindo submissão à diocese. A partir de então, padres indicados pelo bispo passam a administrar as casas (DELLA CAVA, 2014).

Em 1871, Pe. Cícero retorna ao Crato, cidade onde nasceu. No Natal de 1871, ele celebra uma missa pela primeira vez na Vila Tabuleiro Grande (Figura 4), atual Juazeiro do Norte, localidade que antes pertencia ao território de Crato. Naquele período, a vila era um pequeno lugarejo com pouco mais de dois mil habitantes, composto por fazendeiros e trabalhadores descendentes de escravos. Ali havia uma capela e 32 casas com telhados de palha. O sacerdote se estabeleceu no povoado, após um sonho, ou uma visão, em que o próprio Jesus lhe entrega a missão de cuidar dos flagelados da seca (DELLA CAVA, 2014).

Figura 4 - Vila Tabuleiro Grande (posteriormente Joaseiro)



Fonte: Rumo aos Museus (2011).

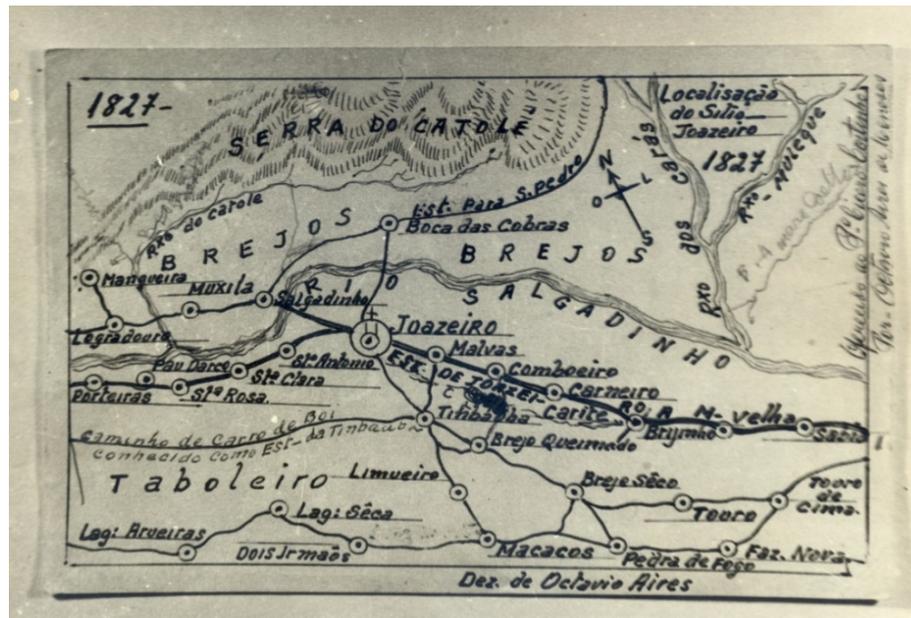
¹⁸ Escrita característica da época. Atualmente, Juazeiro do Norte.

¹⁹ A diocese é uma unidade territorial administrativa da Igreja Católica. Refere-se a um território de administração eclesiástica realizada por um bispo (DICIO, 2020).

²⁰ O município de Crato é um dos 29 municípios que compõem o território do Cariri, localizado na região Sul do estado do Ceará. A cidade tem 256 anos e é popularmente conhecida como a “Princesa do Cariri”. Município de origem de Juazeiro do Norte, ao sul dessa localidade (IPECE, 2016).

Por ser um lugar de passagem para comerciantes, viajantes da região, no povoado havia, além do descanso, práticas de jogo e samba²¹. Essas questões foram entendidas pelo Pe. Cícero como problemas para a organização local. Ele se colocou como o centro dessa organização, sobre a qual, exercia repressão para manter a ordem e a decência. Assim, Juazeiro (Figura 5) passa a ser conhecido como um lugar de oração e trabalho (LIRA NETO, 2009).

Figura 5 – Mapa de Joazeiro em 1827



Fonte: Acervo de Renato Casemiro (2020).

No ano de 1877, a seca trouxe um cenário de destruição para o sertão nordestino. A falta d'água e a cólera trouxeram morte a muitos sertanejos. Com isso, morte e emigração foram as marcas daquele período. A omissão de um Estado com caráter autoritário gerou profundo abandono, inclusive, muitos sertanejos morreram na travessia para a capital do estado em busca de auxílio. Outros vieram até Juazeiro clamar assistência ao Pe. Cícero (BARROS, 2008).

No ano de 1888, havia novamente sinais de estiagem e o medo da fome afligia a todos. Assim, foi levantado um clamor ao Sagrado Coração de Jesus, com o pedido de que os horrores da seca não caíssem novamente como castigo sobre o Juazeiro. Em poucos dias, a chuva caiu, sendo entendida como resposta das orações do santo sacerdote (DELLA CAVA, 2014).

No ano seguinte, em que o medo da seca volta a assombrar o Vale do Cariri, orações incessantes para conter o castigo da seca são reiniciadas. As mulheres da Irmandade do

²¹ Modalidade de dança típica no território brasileiro.

Apostolado da Oração²² permaneciam em vigília. Em um desses encontros, na capela Nossa Senhora das Dores, aconteceu o fato que “corroborou” com o caráter sagrado de Pe. Cícero. Em 1º de março de 1889, uma jovem de 28 anos, chamada Maria de Araújo (Figura 6), cai em transe ao receber a comunhão das mãos do padre. A hóstia se transformara em sangue, o que se repetiu várias vezes. O acontecido se espalhou rapidamente, e as pessoas passaram a acreditar que aquela era a confirmação de que “Deus escolhera Joaseiro para ser o centro de onde converteria os pecadores e salvaria a humanidade” (DELLA CAVA, 2014, p. 92).

Figura 6 – Beata Maria de Araújo



Fonte: Blog do Padre Cícero (2018)

A redenção traria perdão aos pecados e alívio aos sofrimentos terrenos. O número de peregrinações aumentou consideravelmente, tornando-se um dos maiores movimentos demográficos do Nordeste brasileiro. Os locais de onde se originavam as peregrinações eram as cidades do Vale do Cariri, mas também de estados vizinhos como Pernambuco e Paraíba. Os peregrinos eram oriundos de várias classes sociais e, em sua maioria, trabalhadores rurais. A

²² Movimento de oração que teve origem na França e remonta a primeira metade do século XIX. Essa obra chegou ao Brasil, através da atuação de missionários jesuítas, na segunda metade do mesmo século. Esse movimento perdurou durante os anos, com expressiva expansão e, continua atuando em favor da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e das práticas religiosas católicas (AO, 2020).

principal motivação era religiosa, buscando a cura para doenças crônicas, reumatismos, paralisias. Para os devotos, em Juazeiro acabariam as tristezas humanas. Em uma de suas cartas, Pe. Cícero afirma que “Juazeiro tem sido um refúgio dos náufragos da vida” (DELLA CAVA, 2014, p. 161).

Após o “milagre” e o aumento das peregrinações, a relação entre o sacerdote e as autoridades eclesiásticas ficou tensa. Nesse contexto, foi instituído um primeiro inquérito por D. Joaquim, bispo de Fortaleza para analisar os acontecimentos em Juazeiro. Foi realizada uma avaliação médica da beata Maria de Araújo por um médico ateu, que concluiu não ter explicação científica para o acontecimento (MENEZES, 1998).

Esse primeiro laudo não trouxe contentamento ao bispo do Crato, que logo instituiu o segundo inquérito para verificação dos fatos. Assim, outra comissão liderada pelo Padre Alexandrino, vigário do Crato, chega à Juazeiro. Durante esse período, Pe. Cícero passou a experimentar hostilidade e descrédito dos seus pares. O segundo inquérito concluiu que tudo não passou de um embuste, orquestrado pelo próprio padre (MENEZES, 1998).

A partir de então, foi acentuado um levante popular envolvendo pessoas ricas e pobres em defesa da veracidade dos fatos. O movimento político, com uma motivação religiosa, criou várias associações para ter assento no conselho do clero. As pessoas doavam dinheiro para essas entidades, de tal modo que pôde custear o período que o Pe. Cícero passou em Roma, na tentativa de esclarecer os acontecimentos. Apesar dos esforços políticos do padre, não houve um entendimento favorável do Vaticano, de modo a gerar a suspensão de suas ordens sacerdotais (DELLA CAVA, 2014).

O povoado de Juazeiro ficou sem capelão²³ durante os anos de 1892 até 1917. Os juazeirenses se deslocavam até o Crato para receber os sacramentos como, batismo e confissão. Apesar da suspensão da ordem, Pe. Cícero seguia recebendo romeiros que vinham de todos os estados do Nordeste. Todas as tardes, ele se colocava junto à janela principal da sua casa e proferia seus sermões para um grande número de devotos (Figura 7), que se aglomeravam para ouvir seus conselhos (DUMOULIN, 2017).

²³ Termo que se refere a sacerdote.

Figura 7 – Sermões do Pe. Cícero na Janela da sua casa



Fonte: Arquivo pessoal de Renato Casimiro (2020).

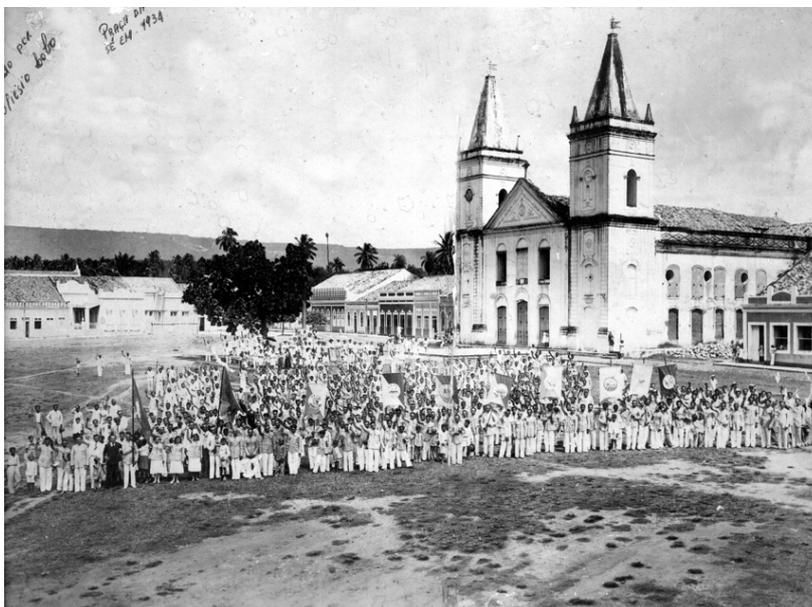
À revelia de opositores e de autoridades eclesiásticas de Crato, os fatos ocorridos em Juazeiro atraíam migrantes, enquanto o restante do estado sofria um intenso processo de êxodo, devido a longos períodos de seca. Os que chegavam a Juazeiro ocupavam funções na agricultura, com o cultivo de mandioca, feijão, milho, cana-de-açúcar, além do algodão. Outra fonte de atividade econômica era a produção de artesanatos para uso doméstico, como painéis de barro e pratos. O turismo religioso, fortalecido pelas peregrinações anuais e pelo surgimento da figura do romeiro, também favoreceu a manufatura de fogos de artifícios e artigos sacros. Essas diversas atividades econômicas traziam força à campanha de desmembramento de Juazeiro do Crato, mas não seria o suficiente (DELLA CAVA, 2014).

A suspensão da ordem religiosa impulsionou Pe. Cícero a ingressar na vida pública, iniciada pelo movimento de autonomia de Juazeiro, que já demonstrava grande potencial econômico e político em relação à sede, o município de Crato. Nesse período, o Ceará estava sob a oligarquia comandada por Nogueira Acioly, desde o Império, permanecendo no poder entre 1896 e 1912. Na condição de mando, entregava os pequenos municípios ao comando dos coronéis locais (FAORO, 2000).

No município de Crato (Figura 8), o coronel Antônio Alves Pequeno era também primo do oligarca, uma aliança que se fortaleceu por laços de interesse políticos e familiares. Esses fatores dificultavam o processo de negociação de Pe. Cícero com Acioly sobre a autonomia de Juazeiro. Acioly repassa o pedido de autonomia para o Coronel de Crato, Antônio Alves Pequeno, que nega de imediato qualquer decisão a esse favor. No entanto, a falta de apoio de

Acioly à autonomia de Juazeiro poderia lhe custar muitos votos do Cariri (DELLA CAVA, 2014).

Figura 8 – Praça da Sé em Crato (Início do séc. XX)



Fonte: Arquivo pessoal de Renato Casimiro (2019).

Entre vários telegramas e acordos políticos para a garantia da reeleição de Acioly, Juazeiro é inaugurado como município (Figura 9) no dia 04 de outubro de 1911. Diversos chefes políticos, como coronéis de localidades próximas, estiveram presentes, inclusive Antônio Alves Pequeno. Na ocasião, foi firmado um pacto de unidade do Cariri em favor da manutenção de Acioly, conhecido como “pacto dos coronéis” (ALENCAR; MENEZES, 1989).

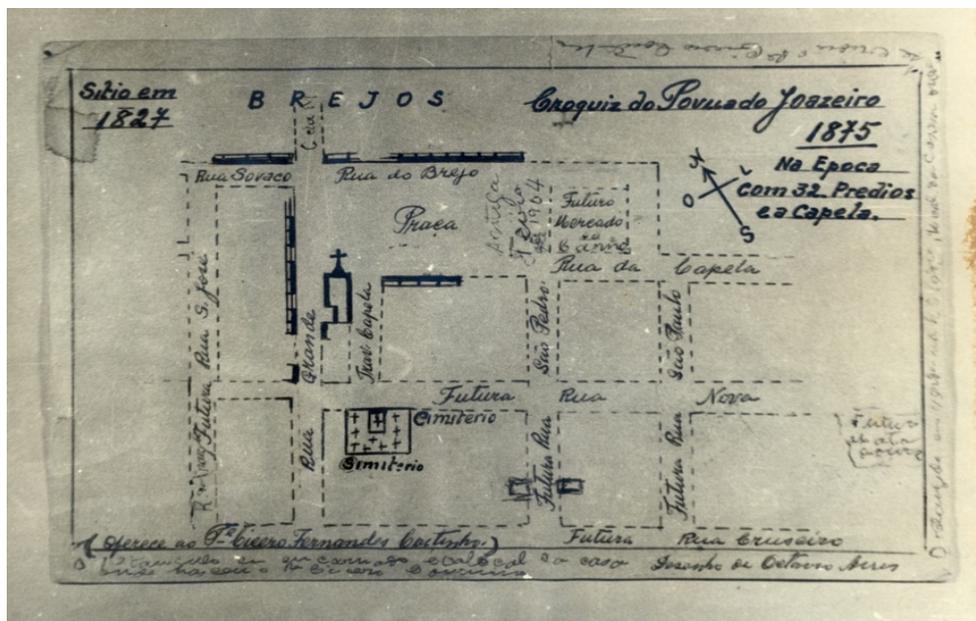
Figura 9 – Juazeiro do Norte (1911)



Fonte: Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte (2018).

O velho oligarca sabia das discordâncias dos chefes políticos locais e viu uma oportunidade para firmar “laços de solidariedade”, garantindo assim a manutenção do Partido Republicano Conservador/ PRC. Após esse acordo, Pe. Cícero se tornou o terceiro vice-presidente do estado do Ceará, firmando o apoio eleitoral do Cariri (FAORO, 2000). Pe. Cícero se tornou o primeiro prefeito da cidade e, naquele mesmo ano, solicita ao seu amigo Pelúcio de Macedo uma demarcação das ruas e praças, de modo que a cidade pudesse crescer com planejamento. Como descrevem Alencar e Menezes (1989, p. 70), “[...] o prefeito de Juazeiro apresenta uma planta esquematizada com quarenta e seis ruas e catorze praças para ser aprovada pela câmara dos vereadores”. Antes desse período, Juazeiro era demarcado conforme apresentamos na Figura 10.

Figura 10 – Ordenamento territorial de Juazeiro do Norte em 1875



Fonte: Acervo de Renato Casemiro (2019).

Após seu ingresso na política, Pe. Cícero se tornou uma das figuras públicas mais importantes do Nordeste, principalmente após derrotar o governo de Franco Rabelo na sedição de 1914. Aliado a todas essas intervenções políticas, estava o Dr. Floro Bartolomeu da Costa (Figura 11), que estabelecia *lobbys* políticos para um emaranhado de questões, que não cabe descrever neste trabalho (DELLACAVA, 2014).

Figura 11 – Pe. Cícero à esquerda/ Dr. Floro Bartolomeu à direita



Fonte: Blog do Padre Cícero (2018).

Após essa última grande vitória política, Pe. Cícero, já com a saúde debilitada, sai do cenário político, deixando Dr. Floro Bartolomeu como seu representante. Sua vida se torna restrita à sua casa, recebendo amigos e romeiros que visitavam a cidade como ponto turístico religioso. Apesar do seu recolhimento, sua presença era decisiva em questões políticas. Candidatos à presidência da república continuavam chegando a Juazeiro, em busca de apoio político. Em menor intensidade, continuava a receber os romeiros, aconselhando-os sobre a vida familiar ou trabalho. Sua relação de cuidado com os sertanejos é presente em várias cartas daquele período (DELLA CAVA, 2014).

Pe. Cícero morreu em 20 de julho de 1934 (Figura 12). Em seu testamento, pede aos romeiros que não deixassem de visitar Juazeiro, como mostramos a seguir:

Aproveito o ensejo para pedir a todos os moradores desta nossa terra, o Joazeiro, muito especialmente aos romeiros, que depois da minha morte não se retirem daqui nem o abandonem; que continuem domiciliados aqui, no Joazeiro, venerando e amando sempre a Santíssima Virgem Mãe de Deus, único remédio de todas as nossas aflições (BATISTA, 1934).

Figura 12 – Cortejo fúnebre do Pe. Cícero



Fonte: Arquivo pessoal de Renato Casimiro (2020).

O objetivo desta seção foi apresentar os principais elementos sociopolíticos ocorridos durante o final do século XIX e início do século XX. Na sequência, apresentamos fatos que ocorreram nos anos que se seguiram.

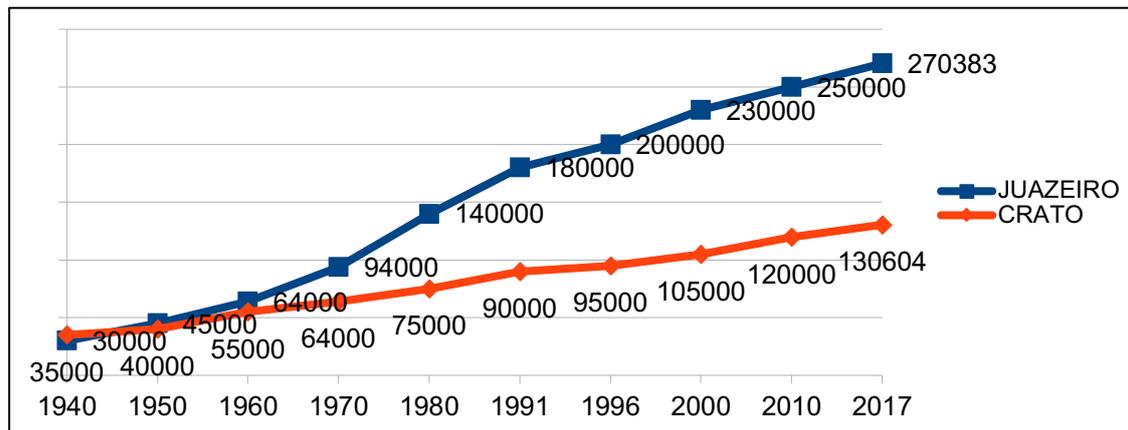
1.3 Juazeiro do Norte: do vilarejo do Crato à sede da Região Metropolitana do Cariri

De fato, após a morte do Pe. Cícero, não cessaram as visitas em romaria e o fluxo migratório para a cidade de Juazeiro fez crescer a sua população de maneira vertiginosa. As pessoas chegavam para ficar e começavam a ocupar os arredores das igrejas, mas de sobremaneira o Horto. Em algumas décadas, tornou-se a cidade mais populosa e com maior expressividade política no interior do Estado (LIRA NETO, 2009).

Juazeiro do Norte representa um caso particular, comparado às cidades próximas. Do surgimento da cidade com apenas dois mil habitantes, houve um aumento populacional para 15 mil em 1909. Em 1940, Juazeiro possuía 30 mil habitantes, aproximando-se da população de Crato que, na mesma época, possuía 35 mil. Em 1950, a estimativa era a de que Juazeiro possuía 45 mil habitantes, superando o município de Crato, com apenas 40 mil. A partir daí, Juazeiro cresce, chegando a 180 mil habitantes no ano de 1991; o dobro da população de Crato, que no mesmo ano possuía 90 mil habitantes (IBGE, 2017).

O Gráfico 01 indica o crescimento populacional entre os municípios do Crato e Juazeiro do Norte, a partir da década de 1940. A escolha por essa comparação está relacionada ao fato de que, até 1911, o território de Juazeiro pertencia ao município de Crato. Contudo, em quatro décadas, Juazeiro supera aquela população.

Gráfico 1 - Comparativo do crescimento populacional entre Crato e Juazeiro do Norte



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Logo, Juazeiro (Figura 13) se tornou a maior cidade do interior do Ceará, com urbanização territorial de 96% e alta densidade demográfica, segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE, 2016). Há 1.006 habitantes por km², sendo a terceira maior cidade em densidade demográfica no Ceará, estando atrás apenas de Fortaleza e Maracanaú (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018).

Figura 13 – Crescimento Urbano em Juazeiro do Norte-CE



Foto: Mário Silva (2016). Fonte: Silva (2018).

Além do aumento populacional expressivo, como apontou o Gráfico 1, Juazeiro do Norte se adequou ao quadro de industrialização. Enquanto, no Ceará, o processo industrial foi mais intenso na década de 1990, Juazeiro do Norte já iniciava seus primeiros passos na década de 1950. Durante esse período, o presidente da República Café Filho, inaugurou a primeira usina do Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso, na Bahia, em 1955. O Nordeste brasileiro passava a receber energia elétrica, especialmente as cidades do interior. Essa era a infraestrutura necessária para a atração das primeiras indústrias para a região, impulsionando o crescimento urbano e a expansão das romarias para Juazeiro do Norte.

Apesar do expressivo crescimento populacional e urbano, não houve melhorias nos serviços públicos. Estudos como o de Gomes e Silva (2013), baseados em jornais e discursos na Câmara Municipal de Juazeiro do Norte à época, demonstram os vários problemas urbanos encontrados na cidade no período de 1950 a 1980. Se, por um lado, as lideranças políticas criavam uma imagem de prosperidade da cidade por meio das edificações e dos grandes projetos, frutos do crescimento demográfico cada vez mais visível no aumento de casas e ruas, por outro lado, evidenciavam também a carência e a emergência de se implementar um sistema de transporte coletivo em Juazeiro, até então inexistente.

[...] a reivindicação pelas melhorias nos serviços do transporte público exemplifica alguns problemas derivados do aumento demográfico e a necessidade de locomoção urbana sofrida pelos habitantes da cidade. Mas apesar dos entraves ao crescimento da cidade, acreditava-se que a sua exuberância e fortaleza continuariam a promover a atração das pessoas e o seu comércio continuaria a crescer, pois estava “fadada a ser a maior cidade e a mais bela do interior do Ceará” (GOMES; SILVA, 2013, p. 305).

Além da necessidade de transporte público, a cidade também carecia de pavimentação, de um sistema de abastecimento de água nos bairros centrais e zonas suburbanas, iluminação pública, segurança nos espaços urbanos, assistência social, ensino e outras áreas mais. Paradoxalmente, apesar do nível precário de serviços, a administração pública da cidade continuava a produzir um conjunto de imagens e discursos que (re)inventavam a ideia de uma “cidade progresso”, tornando-a fruto da modernidade sem, ao mesmo tempo, cortar suas raízes, respeitando a tradição de Juazeiro do Norte como “Terra do Padre Cícero” (GOMES; SILVA, 2013).

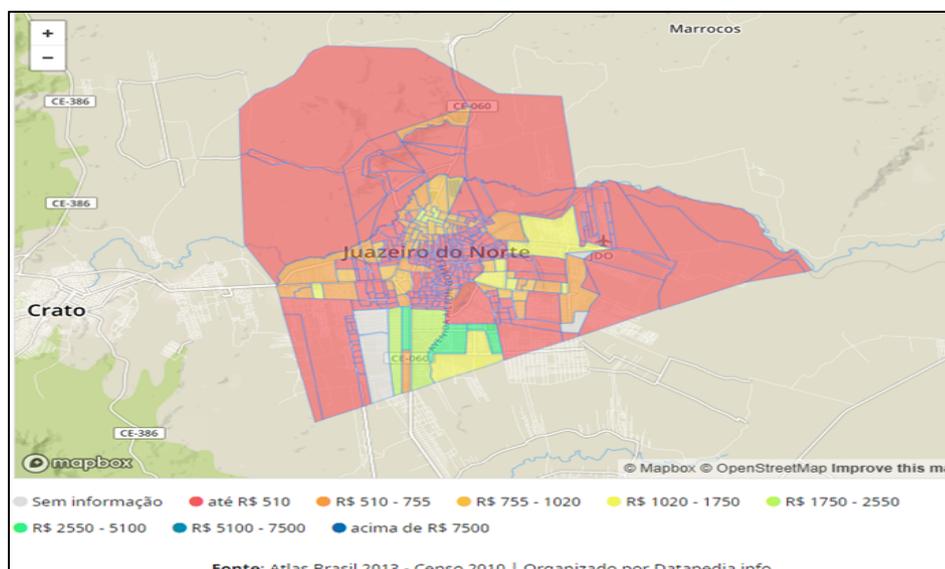
A economia da cidade, durante as décadas de 1960 e 1970, estava sob o mercado do ouro, comércio varejista e artesanato. Já nas décadas de 1980 e 1990, o artesanato foi perdendo seu significado e importância nos indicadores econômicos, especialmente no início da década de 1990, período em que o estado do Ceará é marcado pela implementação de políticas governamentais para atração de indústrias, garantindo concessões de incentivos de natureza

financeira, fiscal e, principalmente, pela mão de obra de baixo custo, fazendo com que o artesanato perdesse mercado interno para os produtos industrializados e a indústria fosse escolhida como mecanismo de desenvolvimento local (GRANGEIRO; BASTOS, 2019; ARAÚJO, 2006; ROCHA; AMARAL FILHO, 2004).

No ano de 2009, a cidade se tornou a sede da RMC pela Lei estadual nº 78. A RMC é composta por nove municípios, sendo que os principais formam uma conurbação de três cidades, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, conhecida popularmente como Triângulo CRAJUBAR. Dessas localidades, Juazeiro se destaca pela rápida expansão demográfica relacionada a fatores socioeconômicos, visto o expressivo número de pessoas que se deslocam para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida (NASCIMENTO; CHACON, 2016).

Juazeiro do Norte se sobressai entre os municípios da RMC, pois não demonstra sinais de estagnação quanto ao seu crescimento econômico. Em 2014, enquanto houve queda na economia do país, o estado do Ceará apresentou um crescimento de 0,9 % e Juazeiro cresceu 3,5%. O setor privado foi um impulsionador do crescimento econômico. A posição geográfica da cidade contribuiu para que ela se tornasse um centro de investimento no sul do Ceará. Em 2019, Juazeiro possuía o PIB *per capita* de R\$ 15.604,19, sendo o 1º mais alto de sua microrregião e o 12º no estado (IBGE, 2019). Entretanto, é importante ressaltar que esse processo não é homogêneo. Na verdade, só evidencia a desigualdade estabelecida na cidade, como aponta o Mapa 1:

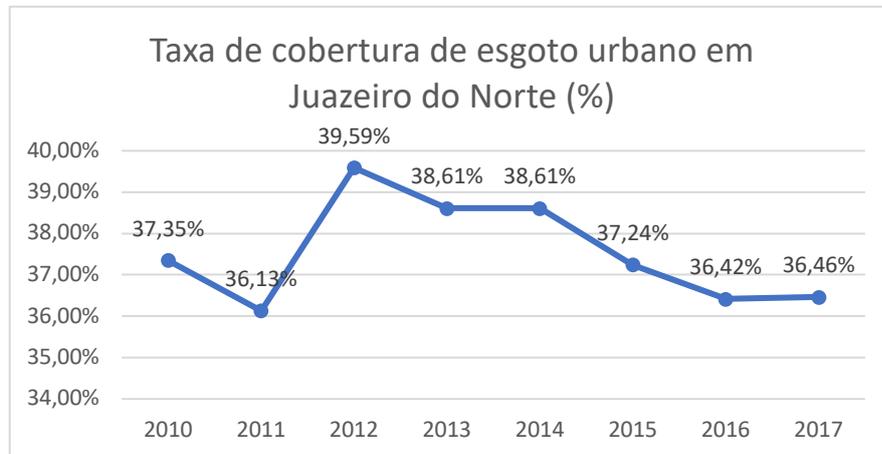
Mapa 1 - Distribuição da renda por bairro em Juazeiro do Norte



Fonte: Datapédia (2019).

Em Juazeiro do Norte, muitos desafios se mantêm, como a cobertura de esgoto urbano na cidade. Conforme vemos no Gráfico 2, a cidade possui uma taxa de cobertura de apenas 36,46%, em um perímetro que é composto de 96% de zona urbana.

Gráfico 2 - Taxa de cobertura de esgoto urbano



Fonte: IPECEDATA (2019).

Além da falta de cobertura de esgoto (gráfico 2), a segurança pública é uma pauta bastante crítica na região. Das 50 cidades com maior número de homicídios do mundo, Juazeiro do Norte se situou, em 2017, na 37ª posição de cidade mais violenta, com uma taxa de 47,4 homicídios para cada 100 mil habitantes (TRIBUNA DO CEARÁ, 2017). Em 2018, esse número aumentou, chegando a 52,2 homicídios na mesma proporção (G1, 2018). Na periferia, estão os bairros mais populosos que sofrem com a violência, tráfico de drogas.

Figura 14 – Problemas urbanos em Juazeiro do Norte



Foto: Mário Silva (2017). Fonte: Silva (2018).

No setor da educação, Juazeiro do Norte ocupa a posição 32º do estado no que se refere ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2013). Em relação às demais cidades do território brasileiro, o município ocupa a 1107º posição. Já sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o IBGE (2010) salienta que a cidade ocupa a 5º posição no estado do Ceará; em relação às demais cidades do território brasileiro, a cidade está identificada na 2321º posição.

Juazeiro ainda resiste ao impasse de uma população flutuante durante o período de romarias, visto que a população duplica, chegando a 550 mil pessoas. Esse aumento populacional é decorrente do vasto número de visitantes que, somado aos residentes locais, expandem consideravelmente o índice populacional e causam diversos transtornos, tais como a falta de água, dificuldades no tráfego municipal, aumento de resíduos sólidos e agravamento de doenças infecciosas como tuberculose e hanseníase (PEREIRA, 2013).

As estatísticas que enfatizam a desigualdade social e a pobreza apontam que Juazeiro do Norte ocupa a posição 163º no índice de pobreza, em relação aos municípios do estado do Ceará. Em comparação com as cidades brasileiras, ocupa a posição 1587º (IBGE, 2003). O panorama apresentado até então corrobora com a reflexão de que o crescimento das taxas de urbanização é um acontecimento mundial, especialmente nos países pobres.

Outro fator que agrava essas situações de desigualdade social vivenciada na cidade é a falta de planejamento urbano. No censo de 2010, Juazeiro já era indicada como uma das 100 cidades com maior densidade demográfica do país, com 1.004,45 habitantes por km². Nas últimas duas décadas, a população aumentou em 60 mil pessoas, saindo de 212.133 pessoas, em 2010, para 274.207, em 2019. Durante esse tempo, não houve nenhuma revisão no plano diretor da cidade para criar estratégias que contivessem os problemas infra estruturais que foram se estabelecendo nesse tempo (DIÁRIO DO NORDESTE, 2019).

A rápida urbanização está diretamente relacionada ao aumento da população. A teoria Malthusiana²⁴ alerta para o descompasso existente entre o rápido crescimento populacional e o insuficiente aumento de recursos, podendo causar uma crise na disponibilidade de alimentos e recursos não renováveis (BURSZTYN, 2016).

Nesse contexto, a compreensão sobre a cidade está relacionada, para além de fatores característicos da economia, a diferentes tipos de relações presentes no cotidiano, entre elas aspectos sociopolíticos, ambientais e culturais. Tais fatores estão intrinsecamente vinculados

²⁴ Para Henriques (2007) o princípio da escassez é à base dessa teoria, que segundo Malthus, possui relevância primária no campo da Economia.

ao acesso à educação, saúde, moradia, lazer e demais aspectos necessários à convivência social e ao bem-estar coletivo, ou seja, ao direito à cidade.

Considerando que a cidade é um espaço plural, o acesso aos benefícios não pode ser restrito a uma parcela da população em detrimento de outra. Nesse contexto, a percepção da cidade como um direito humano, tal como mencionada por Harvey (2012), está relacionada ao respeito à liberdade e à responsabilidade dos indivíduos com o território no qual habita.

Nesse capítulo apresentamos dados históricos, aspectos sociais e personagens importantes para a compreensão do contexto da pesquisa e como consequência, para as reflexões que nos propusemos desenvolver. Os dados demográficos apontados, também caracterizam um panorama sobre a população da cidade que, historicamente foi formada por migrantes.

No próximo capítulo trataremos das referências teóricas relevantes para a construção do estudo. O destaque será dado às discussões sobre desenvolvimento sustentável, também acerca dos fenômenos “desigualdade e exclusão social”, com base na compreensão da Psicologia Sócio-histórica e a teoria das representações sociais de Moscovici (2012). Reforçamos nesse contexto que, a desigualdade social é fator-chave para a promoção da exclusão social.



O SERTÃO EM TEMPO DE SECA

J. PORGES

J. Borges-16

2 MARCO TEÓRICO E ANALÍTICO

Este capítulo apresenta os elementos teóricos e analíticos deste estudo. Partimos da contextualização e da conceituação de desenvolvimento sustentável. Tratamos da questão da desigualdade e da exclusão social na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica e da Teoria das Representações Sociais construída por Moscovici (2012). Logo, indicamos o marco analítico proposto para alcançar o objetivo deste estudo.

O conceito de “desenvolvimento” nessa pesquisa reflete, para além de perspectivas econômicas, fatores como inclusão social e expansão de liberdade. A base conceitual para essa discussão considera as reflexões de Amartya Sen (2010) que compreende o desenvolvimento como instrumento que proporciona liberdade. Essa relação reflexiva será aprofundada nos capítulos seguintes, considerando a integração social de migrantes romeiros em Juazeiro.

2.1 Desenvolvimento sustentável: Um conceito polissêmico

A discussão sobre o desenvolvimento sustentável emerge na pauta política internacional diante dos efeitos das grandes transformações ambientais, vistas principalmente a partir da segunda metade do século XX. Fenômenos como a poluição e a inversão térmica foram relacionados à mudança no padrão de vida dos países industrializados. Assim, as novas formas de produção e de consumo, além da grande expansão populacional, foram identificadas como fatores de pressão sobre o ambiente, diante das finitudes dos ativos ambientais (BURSZTYN, 2012).

Tais mudanças estavam relacionadas à busca pelo progresso anunciada pela Revolução Industrial, rapidamente expandida e tomada como paradigma de desenvolvimento. O progresso tecnológico e científico trouxera um conforto aos desafios antes postos, “garantindo” a manutenção das necessidades humanas (BURSZTYN, 1995).

Nesse contexto, estava posta a prevalência da lógica utilitarista, quando a natureza foi percebida como local de retirada de insumos para produção de riquezas de modo ilimitado. Essa é uma perspectiva antropocêntrica, na qual o homem está no centro e a natureza deve estar a serviço da satisfação das suas necessidades, as quais são ilimitadas. Os impactos dessa lógica foram observados em profundas desigualdades sociais e processos de degradação ambiental (BURSZTYN, 1995).

Sobre essas questões, Georgescu-Roegen (1971, 2012) denuncia que o crescimento industrial, além de gerar a escassez de matérias-primas não renováveis, também é causa dos

conflitos sociais. Menos de 20% da população mundial utiliza quase a totalidade da matéria-prima. Além disso, a degradação dos recursos naturais tem um impacto na história das populações, causando migrações de povos em busca de melhores condições de vida.

Schumacher (1973) também faz duras críticas à lógica econômica globalizada, visto que produz nas pessoas, um desejo desenfreado por bens de consumo, invertendo valores. Assim, constrói-se o insustentável projeto de progresso econômico. Com isso, são estabelecidos sentimentos degradantes como o egoísmo, inveja, avareza. Poucas pessoas respondem por boa parte do consumo dos recursos naturais e degradação ambiental, mantendo um grande número de indivíduos em situação de desigualdade e vulnerabilidade social.

Esse fenômeno é resultante do processo de “luta de classes” denunciado por Marx, desde a ascensão do capitalismo. Seu surgimento passou por diversas adaptações e o princípio de lucro e ganhos individuais se fortaleceram a cada período histórico. No capitalismo, o que determina as relações é a exploração do trabalho pelo capital, o qual tem vantagem das situações para garantir lucro (MARX, 2017).

O fortalecimento do capitalismo está relacionado com a Revolução Industrial, iniciada em Londres no final do século XIX. Naquele período, o contexto fabril das cidades atraía as pessoas do campo, incentivando-as a migrarem para os centros urbanos. Contudo, nem todas as pessoas que chegavam do campo eram inseridas nas relações de trabalho. Muitos ficavam em situação de abandono pelas ruas de Londres, sendo assistidas por leis assistencialistas (BURSZTYN, 2016).

Durante os séculos XIX e XX, a urbanização e industrialização foram intimamente associadas. Com o capitalismo, a cidade assume uma forma de produção que aprofunda as desigualdades sociais, fato que pode ser percebido na sua forma de ocupação por meio da expulsão dos “indesejados” através da segregação. A produção do espaço é constituída a partir das contradições do capitalismo, que inviabiliza as relações sociais e o direito à cidade (CARLOS, 2015).

Sobre o direito à cidade Harvey (2008) afirma que a vida em sociedade é composta por múltiplos direitos, entre eles, o direito à cidade. Entretanto, o modelo de exploração atual que enfatiza os direitos referentes ao lucro e propriedade privada, passou a sobrepor as demais compreensões sobre direito. Quando a questão é o direito à cidade, abre-se espaço para amplas discussões, com base na coletividade e na necessidade de integração social, contrariando práticas individualistas que geram exclusão

Desde o início, as cidades emergiram da concentração social e geográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos. Esta situação geral persiste sob o capitalismo, claro, mas como a urbanização depende da mobilização de excedente, emerge uma conexão estreita entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização (HARVEY, 2008, p. 74).

O direito à cidade foi tema das reuniões preparatórias para conferência mundial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre moradia e desenvolvimento urbano sustentável, ou simplesmente Habitat III, que aconteceu em 2016, na cidade de Quito, Equador. O relatório brasileiro demonstrou que o Brasil deixou de ser um país rural e transformou-se em um dos mais urbanizados do mundo. Essa rápida expansão está relacionada ao processo de industrialização nacional iniciada a partir da segunda metade do século XX. A urbanização é produto do processo de industrialização, o que eleva o custo da terra urbana. Considerando a baixa capacidade financeira das famílias para aquisição de imóveis, há um agravamento da ocupação irregular, acentuando-se as situações de exclusão dos direitos à cidade (BRASIL, 2016).

A expansão do capitalismo esteve amparada no paradigma do progresso e crescimento econômico. Acreditava-se que esse era o caminho para os países pobres alcançarem o desenvolvimento dos países industrializados. Essa associação frequentemente feita entre desenvolvimento e crescimento, porém, é tratada como mito. Afinal, o processo produtivo demanda ampliação do consumo. Para tanto, há o uso contínuo de recursos não renováveis, podendo acarretar um colapso ambiental. Além disso, os benefícios do crescimento são restritos aos donos do capital; aos demais, resta a venda de sua força de trabalho (FURTADO, 2000).

Nesse contexto, para medir o grau do desenvolvimento de um país, foi utilizado como critério de análise o Produto Interno Bruto (PIB), que mensura toda atividade econômica de uma nação. Esse critério favoreceu a compreensão dos conceitos de “crescimento” e “desenvolvimento” como sinônimos. No entanto, os benefícios do crescimento econômico não eram identificados nas diversas dimensões sociais. Por essa razão, dois economistas, Amartya Sen e Mahbub Ul Haq, desenvolveram, em 1990, outro indicador, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (VEIGA, 2010).

Essa proposta de mensuração articula elementos como renda, saúde e educação. A partir de 1993, esse índice passou a ser utilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), como método de mensuração do desenvolvimento interno e de comparação entre os países. A utilização do IDH pelo PNUD legitima a ideia de que o desenvolvimento sustentável só acontece mediante a harmonização dos aspectos sociais,

ambientais, econômicos, gerando uma responsabilidade com as gerações futuras (VEIGA, 2010).

O IDH foi o primeiro índice que avaliou a multidimensionalidade da pobreza. Partindo dessa primeira experiência, no ano de 1997 foi criado o Índice de Pobreza Humana (IPH), com objetivo de mensurar a longevidade, o número de adultos alfabetizados e o acesso a serviços de saúde e água potável. Outro índice de mensuração é o Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade (IDHAD), que avalia, com maior precisão, os elementos da desigualdade presentes no IDH (VEIGA, 2015).

Todos esses índices estão relacionados à abordagem multidimensional de pobreza, que a avalia por variáveis não monetárias, como saúde, educação, longevidade. Sen (2010) foi o percussor da análise da pobreza a partir dessa discussão, sendo que a pobreza humana não é sinônimo de insuficiência de renda. Para o autor, a pobreza humana inviabiliza a capacidade de os sujeitos seguirem seus planos de vida, pois suas habilidades individuais estão comprometidas pelas desigualdades sociais (SEN, 2010).

Apesar dos avanços na avaliação da pobreza e desigualdade, a abordagem dominante ainda é a unidimensional, utilizando apenas variáveis quantitativas de renda. Nesse sentido, os indicadores são monetários e a insuficiência de renda identifica as pessoas que são pobres. Sen (2017) afirma que “[...] é preciso que haja outro parâmetro para avaliar a pobreza e desigualdade. O uso tradicional de incidência pode ignorar a miséria maior dos mais pobres entre os pobres” (SEN, 2017, p. 168).

O autor critica essa perspectiva unidimensional, afinal, a renda é apenas um dos fatores que compõe a pobreza. Nessa perspectiva, não é possível tratar crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento. Cabe ressaltar que,

Uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda. Sem desconsiderar a importância do crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele (SEN, 2010, p. 28).

Para Sen (2010), o desenvolvimento passa invariavelmente por uma questão de bem-estar social e o Estado deveria ser seu principal garantidor. Garantir por meio do acesso à educação, saúde, garantia de direitos, reduzindo assim as desigualdades sociais, que geram a privação de liberdade: morte prematura, morbidez ou fome involuntária.

Assim, alcançar o desenvolvimento é ir além da medida convencional da renda e de parâmetros estatísticos, mas compreender as situações de desigualdade que reproduzem uma

situação de pobreza em aspectos econômicos, políticos, ideológicos e psicológicos (SEN, 2017). Logo, pobreza não é apenas ausência de dinheiro, mas é também uma condição de enfraquecimento social ou resignação dos sujeitos, que os impedem de agir em direção à autonomia e liberdade (MOURA JÚNIOR; XIMENES; SARRIERA, 2014).

Para Sen (2010), o desenvolvimento está relacionado ao bem-estar. Para isso, é necessário que as principais fontes de privação sejam removidas, como “[...] a pobreza, tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos” (SEN, 2010, p. 16 e 17). Entre as formas de privação de liberdade, o autor aponta a fome e as desigualdades sociais como instrumentos de cerceamento das liberdades humanas.

Quando essas privações são retiradas, há uma expansão das liberdades. As pessoas tornam-se livres para desenvolver suas potencialidades e influenciar positivamente a comunidade onde vivem. Entretanto, no núcleo do desenvolvimento está a liberdade. Para alcançá-la, é necessário um contexto democrático, não apenas como regime político, mas no sentido substancial da palavra: todos deveriam ter acesso equitativo a bens e serviços distribuídos pelo Estado (SEN, 2010).

Essa conquista passa invariavelmente por uma cidadania ativa, por meio da participação social nas decisões políticas. Os sujeitos deveriam ser livres para pensar e agir sobre sua realidade, aproximando-se assim da prática da cidadania em seu conceito real. Essa prática de liberdade e cidadania é um desafio permanente, afinal, o contexto de mercado incentiva a rivalidade, quebrando o princípio do bem-comum presente na *res-publica*, prevalecendo os interesses individuais, ou *res-privacta*. Portanto, dificulta a prática da cidadania, que pressupõe que os sujeitos estejam em relação, ou seja, implicados numa mutualidade, num sentimento de pertencimento (TENÓRIO, 2007).

Na relação de mutualidade, está implicado o conceito de reciprocidade na perspectiva antropológica. A reciprocidade é uma relação intersubjetiva capaz de gerar valores afetivos e éticos, como confiança, senso de justiça e responsabilidade com o ambiente e as gerações futuras. As relações de reciprocidade são construídas por meio da partilha nas relações, assim são criados laços de coesão social fundamentais para a manutenção do bem-comum. (SABOURIN, 2011).

As relações de reciprocidade são comuns em ambientes onde existem vínculos comunitários e bem-estar coletivo. Contudo, nos dias atuais, há uma perda dessas relações, devido à prevalência de vínculos de mercado e de exclusão social. Essas questões são tratadas no texto de Brancaleone (2008), quando revisita as ideias do sociólogo Ferdinand Tonnies

(1855-1936). Seu objetivo é analisar o período de transição existente entre a idade comunitária e a societária que estamos vivendo nos dias atuais.

De acordo com Brancaleone (2008), na idade comunitária, esteve presente a valorização das relações humanas e o bem-estar coletivo. Elas acontecem em três espaços: a casa, a aldeia/vila e a cidade. Na casa, as pessoas são ligadas por meio da existência de vínculos de sangue, na aldeia/vila, por amizade e, na cidade, por vínculos de uma memória coletiva. As relações comunitárias vividas nesses espaços orientam a estruturação de identidades e favorecem a coesão social.

Já na idade societária, o interesse individual é o principal fator de balizamento para a tomada de decisão. Por isso, há uma perda dos vínculos sociais e a prevalência da lógica utilitarista, sustentando relações de mercado. A sociabilidade mercantil é dirigida por cálculos e interesses particulares, sendo que o regente dessas relações é o dinheiro. A vida na cidade é direcionada pelo mercado, assim, as relações de parentesco e vizinhança que definiam as atividades comunitárias perdem forças. Esse segundo modelo tem sido prevalente e ainda entendido por alguns estudiosos como o único modo econômico viável (BRANCALEONE, 2008).

Contrariando essa perspectiva, Polanyi (2012) demonstra em seus estudos que há uma diversidade de formas de relações econômicas que prezam pela manutenção do bem-comum, garantindo a sobrevivência do grupo. Esses sujeitos não agem pelo seu interesse individual, mas antes de tudo para proteger o patrimônio social. Já as relações humanas, centralizadas no lucro e nos ganhos individuais, têm um marco definido, o século XIX, com a finalidade de sustentar uma nova forma econômica que se tornou hegemônica, o capitalismo.

Nesse segundo modelo, de acordo com Polanyi (2012), há uma perda dos vínculos sociais e comunitários, indicando uma falência do bem-comum, instaurado cenários de grande desordem social e ambiental. A relação de cuidado com o outro, e com o ambiente, tem se perdido em práticas insustentáveis de ampliação dos ganhos individuais de forma indefinida (POLANYI, 2012).

Assim, o desafio é que os sujeitos estão imersos em uma realidade de enfraquecimento social que tolhe suas liberdades. A exclusão social, causada dentre outros fatores, pela desigualdade social é o principal vetor desse processo de despoticização. A princípio, o elemento mais visível da desigualdade é a falta de renda, mas essa é apenas uma das formas de privação. O desemprego, por exemplo, priva o acesso à renda, mas há diversos outros problemas associados a esse, como a perda da autoconfiança e a ruptura dos vínculos sociais. O desemprego não é apenas uma questão de renda, mas um processo amplo de exclusão social

que arrasta outras privações e seus efeitos debilitantes, como a perda de saúde física e mental, e o aprofundamento da desigualdade.

Amartya Sen (2010) reafirma a importância de investir nas pessoas, para que elas desenvolvam as habilidades necessárias e tornem-se agentes de transformação política. Portanto, o fundamento do desenvolvimento para Sen (2010) está na expansão das liberdades, de modo que os sujeitos possam compartilhar confiança e participação adequada nos espaços políticos.

Segundo Sen (2010), o desenvolvimento é um aprofundamento da democracia por meio da liberdade de escolha. “Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento” (SEN, 2010, p. 33). A liberdade, nesse contexto, é entendida como um instrumento de protagonismo social, o qual inibe a submissão a ditames sociopolíticos ou religiosos. A capacidade reflete a possibilidade de ampliação das escolhas por um tipo de vida ou outro.

O processo de liberdade individual se relaciona com a capacidade de o sujeito atuar como protagonista e interferir positivamente em sua comunidade. Para tanto, alguns elementos são indispensáveis para que a pessoa aja no meio social. Um deles é a autoconfiança em suas potencialidades. Sendo assim, o desenvolvimento como instrumento de liberdade adentra fatores sociopolíticos, econômicos e culturais, característicos de ações inclusivas:

Os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a perspectiva da liberdade seja colocada no centro do palco. Desse modo, as pessoas têm de ser vistas como ativamente envolvidas - dada à oportunidade - na conformação de seu próprio destino, e não apenas como beneficiárias passivas dos frutos de engenhosos programas de desenvolvimento (SEN, 2010, p. 77).

Para Sen (2010), o desenvolvimento só será alcançado quando houver um investimento no desenvolvimento das potencialidades das pessoas, a fim de que estas expandam suas liberdades por meio da prática de direitos. Assim, o indivíduo deve ser um agente de mudanças, não apenas um beneficiário passivo de programas assistenciais. Para Sen (2010, p. 33), “[...] ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidarem de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento”.

Na seção a seguir, demonstramos como o conceito de desenvolvimento tratado por Amartya Sen se relaciona com o conceito de desigualdade e exclusão social tratado pela Psicologia Sócio-histórica.

2.2 A Psicologia sócio-histórica e suas contribuições na compreensão da desigualdade e exclusão social

O conceito de exclusão social é amplamente estudado pelas Ciências Sociais. Em geral, é tratado como sinônimo de pobreza e insuficiência de renda. De fato, tais conceitos estão profundamente relacionados, mas não são sinônimos, nem é apenas o critério econômico que produz a exclusão social. Esse é um conceito polissêmico no qual estão presentes questões materiais, políticas e relacionais. Para a Psicologia Social de base sócio-histórica, a exclusão social não é um estado de coisas, mas um processo social e histórico que toma o sujeito como inteiro nas suas relações interpessoais (SAWAIA, 2001).

A Psicologia de base sócio-histórica se desenvolveu na América Latina e no Brasil nas últimas quatro décadas, apresentando estudos sobre as contradições das relações sociais e sua reverberação na subjetividade dos sujeitos. Autores como Sílvia Lane, partiram dos estudos pautados no materialismo histórico-dialético, provindo de teóricos de base marxista para a construção de uma psicologia crítica e problematizadora. Nesse campo de conhecimento, é basilar a discussão de temas como relações de dominação, linguagem e estética, desigualdade e exclusão sociais (SAWAIA, 2009).

De certa forma, os temas dialogam entre si por haver um ponto em comum: a luta de classes, com destaque para a desigualdade social, promotora da exclusão social. Para a essa vertente da psicologia, elas acontecem nas relações interpessoais e produzem vínculos de dependência e sujeição, restringindo o acesso a bens e direitos sociais (JODELET, 2001).

A exclusão social é um tipo de laço perverso que gera sofrimento e mutila a capacidade de autonomia dos sujeitos e revela um descompromisso político para com o sofrimento do outro. Esse laço retira dos sujeitos aspectos de suas liberdades individuais, fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades (SEN, 2010). Os estudos de Sawaia (2001), na Psicologia Sócio-histórica, têm suas bases epistemológicas na filosofia de Espinosa. Esses estudos demonstram como os afetos podem corroborar para uma situação de sujeição ou de uma potência para ação. Esses teóricos lembram que viver perpassa a ação de sobreviver, pois a pessoa “[...] tem necessidade de pão, mas igualmente de bons encontros potencializadores de liberdade” (SAWAIA, 2009, p. 370).

Sawaia (2001) destaca a principal obra de Espinosa²⁵ (1634 – 1677), *Ética demonstrada a maneira dos geômetras*, publicada em 1677. Para o filósofo, apenas o conhecimento sobre os

²⁵ Em seus estudos, Espinosa demonstra que o corpo e a mente formam uma mesma substância e são afetados pelas paixões alegres ou tristes que acontecem a partir dos encontros externos. A alegria e tristeza são afetos

afetos poderia favorecer uma ação para a liberdade e autonomia. Espinosa foi contemporâneo de um tempo em que, havia uma clara distinção entre corpo e mente, sendo que afetos eram considerados inadequados e primitivos (CHAUÍ, 2006).

A teoria dos afetos de Espinosa estrutura a categoria de estudo de Sawaia (2001), o sofrimento ético-político. Esse conceito foi criado pela autora para compreender as afecções provenientes das desigualdades sociais. O sofrimento tolhe a liberdade e imobiliza o corpo diante de situações de servidão e dependência. Ele provoca um tipo de ruptura entre agir, pensar e sentir. O resultado dessa ruptura é a passividade e seus afetos, como o medo e a heteronomia. Nesse sentido, o sofrimento ético-político não tem uma origem individual, mas social e pode gerar servidão (SAWAIA, 2001).

No Brasil, a Psicologia Sócio-histórica parte desses teóricos para compreender as situações de desigualdade social. Para tanto, considera a complexidade de fatores subjetivos que são traduzidos em situações de segregação, nas quais os acessos a bens e direitos sociais de grupos sociais tidos como inferiores são restringidos. Sawaia (2009, p.365) afirma que essa perspectiva rompe com o dualismo entre o que é social e o que é singular, sendo que partindo disso, “[...], a subjetividade deixa de ser perturbadora para ser constituinte da objetividade social”.

A exclusão social acontece na relação interpessoal desigual e priva os sujeitos de direitos, esperança e liberdade, impondo uma condição de sofrimento ético-político. Assim, de acordo como Sawaia (2001) aquele que não é reconhecido como sujeito, também não pode atuar como sujeito livre.

Os estudos de Paugam (2001) sobre a desqualificação social completam a perspectiva de Sawaia. Para esse autor, o sujeito que se encontra em situação de exclusão social advindo do desemprego, por exemplo, sofre uma perda gradativa dos seus vínculos sociais. A vergonha e humilhação passam a ser sentimentos cotidianos, motivados pelo fato de o sujeito ser economicamente ativo, instaurando em sua subjetividade um processo de desqualificação social que gera fragilidade e dependência. A fragilidade está no peso de carregar o estigma social de fracassado. A dependência, por sua vez, reside no completo desânimo e resignação diante da realidade (PAUGAM, 2001).

primários e, de acordo com as experiências desses afetos, nosso corpo pode ter a sua potência de ação aumentada ou diminuída. Dessa maneira, a teoria sobre os afetos constrói o projeto ético de Espinosa, que impele à necessidade da liberdade e menor servidão (ESPINOSA, 1992).

Segundo Goffman (2008), o estigma social é uma marca que identifica as pessoas como desacreditadas socialmente e, por isso, podem sofrer diversos processos de violência física e simbólica. Portanto, ser desempregado é receber o estigma de fracassado, incapaz, incompetente, ou seja, não foi capaz de competir nas relações de mercado. Nesse mesmo sentido, Paugam (2001) afirma que a pessoa, em condição de desemprego, passa a se distanciar gradativamente da convivência, sendo introduzido na condição de excluído socialmente.

Nesse sentido, Sawaia (2001) traz uma importante reflexão sobre a exclusão social. Para a autora, esse conceito deve ser avaliado a partir da dialética exclusão/inclusão. Em uma sociedade de classes, as pessoas são incluídas de alguma forma, geralmente de maneira perversa. Por exemplo, são incluídas no mercado de trabalho, mas precisam se submeter a algum tipo de exploração.

Essa é a lógica própria do capitalismo, que tem por finalidade sustentar o sistema de ganhos e acumulação de riqueza e formas agudas de desigualdade. Esse é um processo que produz sofrimento ético-político, advindos das injustiças sociais próprias das relações de mercado (SAWAIA, 2001).

Para Sawaia (2003, p. 56), “[...] na base da exclusão está o poder e a desigualdade social que o acompanha. Porém, para a manutenção desta ordem legitimada nas sociedades modernas (neoliberalismo), a desigualdade precisa ser administrada”. Segundo a autora, “Administrar a desigualdade significa, portanto, incluir perversamente e tratar apenas de seus efeitos superficiais, deixando de lado as causas mais profundas da exclusão, reproduzindo novas formas de sofrimento ético-político” (SAWAIA, 2003, p. 57).

O sofrimento ético-político é proveniente de uma sociedade conflituosa oriunda da luta de classes. O sistema opressor do capitalismo gera duas categorias de trabalhadores: a que está “incluída” no mercado de trabalho e os que estão desempregados. As pessoas da primeira categoria estão imersas no medo de perder o emprego e, por isso, se submetem a situações aviltantes de trabalho. A segunda está diante da impossibilidade de trabalhar. Nessa situação, o sentimento é de impotência, humilhação, vergonha. Tanto o medo quanto a humilhação são paixões tristes que inviabilizam a potência de agir. Os sujeitos tendem a ficar com seus corpos passivos diante da opressão e tende a depositar no outro, o poder de conhecimento e ação.

2.3 A Teoria das Representações Sociais de Moscovici

Os estudos do francês Serge Moscovici marcaram a construção de uma nova perspectiva da Psicologia Social. Para ele, era necessário desenvolver uma psicossociologia que alcançasse a complexidade do comportamento humano. Os estudos o tornaram um dos expoentes da Psicologia Social europeia, que se opunha ao modelo individualista americano.

Para os estudiosos franceses, como Serge Moscovici e Denise Jodelet, a Psicologia Social não faz qualquer distinção entre o psíquico e o social. O encontro dessas duas dimensões compõe o estudo da Psicologia Social, ou seja, a interação social e o instrumento de investigação são as representações sociais manifestadas no pensamento e comportamento social (BOMFIM, 1991/1992).

A partir da obra *La psychanalyse, son image, son public*, Moscovici (2012) buscou demonstrar a função simbólica das representações sociais na construção do real. Ao estudar como os franceses representavam a psicanálise, Moscovici (2012) trouxe contribuições valiosas para os campos da psicologia social e da sociologia do conhecimento. Seu principal objetivo nesse estudo foi verificar como um conteúdo novo é assimilado, familiarizado e interpretado dentro de uma determinada população.

Ao analisar as representações da psicanálise, Moscovici (2012) verificou que um mesmo objeto pode ter diversas representações emitidas. Isso ocorre por conta da interferência da cultura no processo de criação das representações sociais. Logo, a análise desse processo não deve se dar em um nível individual, mas sim cultural. Assentada nessa perspectiva, surge a Teoria das Representações Sociais (TRS), uma “Psicologia Social de base sociológica”, pois utiliza as leituras sociológicas críticas da realidade. Seu contraponto era o modelo positivista próprio da psicologia social americana que enfatizava aspectos individuais (FARR, 1995).

Para a construção dessa nova perspectiva, Moscovici (2012) partiu dos estudos socioantropológicos, desenvolvidos por Émile Durkheim ²⁶e sua teoria da representação coletiva. Segundo Moscovici (2012), para Durkheim, a “representação coletiva” designaria a especificidade do pensamento social e sua primazia sobre o pensamento individual. Durkheim acreditava que este era o principal caminho para compreensão do humano, pois nas representações coletivas estavam presentes os sistemas de crenças e valores construídos coletivamente (MOSCOVICI, 2012).

²⁶“Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês. É considerado o pai da Sociologia Moderna e chefe da chamada Escola Sociológica Francesa. É o criador da teoria da coesão social. Junto com Karl Marx e Max Weber, formam um dos pilares dos estudos sociológicos” (FRAZÃO *online* 2019).

As representações coletivas são fatos sociais que estão presentes no interior da sociedade. São crenças, tendências e as práticas de um grupo. São “maneiras de pensar, sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder coercitivo” (DURKHEIM, 2007, p. 3).

Portanto, as características do fato social são, segundo Durkheim (2007), são a exterioridade e a coercitividade. A primeira refere-se ao fato de que, quando as pessoas nascem, já existe uma pactuação coletiva sobre as regras sociais que devem ser cumpridas. A segunda característica é a coercitividade, relacionada ao fato de que, caso as pessoas descumpram as regras sociais já pactuadas pela sociedade, elas sofrem sanções sociais. A relação entre a exterioridade e a coercitividade, que agem sobre os sujeitos, manteria certa estabilidade no convívio social (DURKHEIM, 2007).

Moscovici (2012) parte desses estudos e desenvolve uma teoria para compreender a vida cotidiana em sua diversidade. Para ele, diferente de Durkheim (2007), os sujeitos não são meros receptores de informações externas, mas, sobretudo, produzem informações sobre o mundo onde vivem (MOSCOVICI, 2011).

Assim, escreve Moscovici (2012, p. 45),

Quando falamos em representação social, em geral partimos de outras premissas. Primeiramente: consideramos que não existe um recorte entre o universo exterior e interior e o do indivíduo ou do grupo, que o sujeito e o objeto não são totalmente heterogêneos em seu campo comum. O objeto está inscrito num contexto ativo, movido, pois é parcialmente concebido pela pessoa e coletividade como prolongamento de seu comportamento.

A principal diferença, entre a teoria das representações coletivas de Durkheim (2007) e a das representações sociais de Moscovici (2012), é que a primeira é vista sob uma perspectiva estática, em que o sujeito se apropria das informações contidas no meio onde vive. A segunda considera a temporalidade e a descontinuidade dos processos históricos capazes de modificar a realidade. Pelo fato de reconhecer essas descontinuidades, Moscovici (2012) resistiu em criar um conceito fechado sobre representação social (SÁ, 2015).

De acordo com Moscovici (2012, p. 58), “[...] a noção de representação ainda nos escapa. No entanto, dela nos aproximamos de duas maneiras. Primeiro, especificando-lhe a natureza de processo psíquico capaz de tornar familiar, de situar e de tornar presente aquilo que, de certa forma, está ausente”.

Diante disso, o processo de representação social ocorre por meio da linguagem que (re)apresenta o que estava ausente, reconstituindo, modificando os conceitos em um

permanente jogo dinâmico e criativo. A linguagem e a interação social são os principais mecanismos de difusão das representações sociais (FARR, 1995).

Segundo Moscovici (1995), em apenas uma frase existe uma grande quantidade de representações que correspondem ao que se passa na vida social.

Como afirma Moscovici (2012, p. 39),

As representações sociais são unidades quase tangíveis, circulam, se cruzam se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas.

Para Jovchelovitch (1995, p. 65), as representações sociais são “símbolos construídos coletivamente, de forma compartilhada, por uma sociedade”. Os sujeitos criam e podem transformar as representações sociais por meio das interações sociais. O ato de representar é uma ação que gera atividade, pois ao representar, o sujeito é ativo no processo, podendo criar e recriar representações à medida que se desenvolve. É possível compreendê-las como um espaço de fabricação do comum, de um saber partilhado e compartilhado com diversos sujeitos.

Podemos supor que todas as relações sociais estão permeadas de representações sociais que sustentam nossa compreensão sobre a realidade. Como uma atmosfera, “[...] somos cercados por palavras, ideias, imagens que penetram em nossos olhos, ouvidos, mente, quer queiramos quer não, e que nos atingem, sem que saibamos” (MOSCOVICI, 2011, p. 33).

Segundo Moscovici (2011, p. 41), “[...] as representações sociais adquirem vida própria, circulam, se encontram se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações”. Assim, as representações sociais vão se organizando por meio das convenções culturais, transmitidas por meio da linguagem e sendo estruturadas no pensamento. Os modelos sociais são revelados por meio da fala, pois como afirma Lane (2012, p. 33), “uma palavra é o microcosmo da consciência humana”. A linguagem estabelece uma ligação entre o mundo social e individual para a organização do comportamento.

As representações sociais fazem parte das relações humanas e permitem a assimilação de regras, consensos provenientes da cultura, produzindo nos sujeitos uma ação comum. Além disso, as representações sociais situam os indivíduos em um tipo de identidade social que os referenciará nas futuras ações (MOSCOVICI, 1995).

A partir das representações sociais, é formado um conceito, uma imagem carregada por significações que se estabelecem por meio do universo consensual as regras culturais que são pactuadas com a finalidade de manter a complexidade da vida social. As representações

possibilitam que as pessoas compartilhem imagens, significados, mantendo e consolidando o grupo social (MOSCOVICI, 1995). Contudo, para que haja um compartilhamento de símbolos, é preciso que haja um tipo de esforço para assimilar o novo conceito.

É como se ao ocorrer uma brecha ou uma rachadura no que é geralmente percebido como normal, nossas mentes curem a ferida e consertem por dentro o que se deu por fora. Tal processo nos confirma e nos conforta; reestabelece o sentido de continuidade no grupo ou no indivíduo (MOSCOVICI, 2011, p. 59).

Segundo Moscovici (2011), a representação social é constituída por dois processos: a ancoragem e objetivação. A ancoragem busca integrar novos conteúdos a outras experiências existentes. Isso acontece por meio da memória que irá nomear, descrever e classificar esses conteúdos, tornando o estranho em algo familiar e estabelecendo uma relação positiva ou negativa. Já a objetivação é uma forma de reproduzir o novo conceito em imagem, que se tornam elementos de realidade (MOSCOVICI, 2011).

A ancoragem e a objetivação são, antes de tudo, partes de um processo simbólico que provoca a tomada de consciência. Segundo Moscovici (2012, p. 53),

No interior do organismo há então um processo de construção da percepção que conduz a algum acontecimento que corresponde à tomada de consciência do objeto da realidade enquanto percebida. Os termos representação do objeto em imagem foram empregados para descrever essa tomada de consciência.

Para Moscovici (2012), a representação não é uma instância intermediária, “mas um processo que, de alguma forma, torna o conceito e a percepção intercambiáveis pelo fato de se engendram reciprocamente. Assim, o objeto do conceito pode ser tomado como objeto da percepção, o conteúdo do conceito pode ser percebido” (MOSCOVICI, 2012, p. 53).

Na ancoragem, o sujeito tenta transformar fato estranho em algo familiar, a partir de vivências anteriores e do contexto onde vive, assimilando-o a conteúdos familiares, como um barco sendo ancorado a um porto. Já na objetivação, esses conteúdos ancorados são condensados a uma realidade familiar, organizados e externalizados no meio social por meio de imagem (JOVCHELOVITCH, 1995). Esses processos constroem o saber compartilhado das pessoas no grupo social onde estão inseridos. Esse saber social é importante para a manutenção da percepção sobre elementos que compõe a realidade dos sujeitos, sendo o mesmo fomentador da identidade social de um grupo, o que auxiliará esse grupo no planejamento e execução de ações no meio onde vive.

Por meio de relação entre ancoragem e objetivação, são formadas as representações sociais que denominam imagens sobre a realidade social. Manifestam-se por meio do comportamento social e da palavra, onde estão presentes elementos de dominação e resistência. As representações sociais se tornaram então estudo da Psicologia Social, a partir do momento em que integra a análise da complexidade existente entre o social e o psicológico, na construção do pensamento e do comportamento social (BOMFIM, 1991/1992).

O lugar de registro dessas representações é a memória coletiva, produzida no interior de um grupo que constrói uma realidade consensual, capaz de gerar valores comuns a um grupo de pessoas. É uma forma de pensamento social compartilhada com o poder de difusão, mantida por sentimentos, ideias e valores que identificam determinado grupo. O caminho para a análise das representações sociais é a memória coletiva por meio da linguagem (SÁ; MENANDRO; NAIFF, 2013). Para Moscovici (2012, p. 44), “o indivíduo leva na memória uma coleção de imagens do mundo em seus diferentes aspectos [...]. Essas imagens são espécie de sensações mentais, impressões que os objetos ou as pessoas deixam em nosso cérebro. Ao mesmo tempo, elas mantêm vivos os traços do passado”.

A representação social é a construção de um conceito que sustenta uma realidade construída socialmente. Desse modo, é comum observar comportamentos e pensamentos semelhantes em pessoas de um mesmo grupo. Isso acontece porque foi construído um tipo de identidade social que situa os indivíduos em ações comuns. Isso acontece porque as representações sociais são compartilhadas e ressignificadas por meio da linguagem durante a interação social, de modo que os conteúdos transmitidos em sociedade são consensuados para organizar o comportamento (MOSCOVICI, 2012).

Um dos lugares de manifestação dessas representações é o espaço público. Afinal, é um lugar de encontro, de construção e de transformação da realidade. O que é público é compartilhado por todos os que o atravessam, tornando-se um local privilegiado para o surgimento da comunicação e das interações sociais. Esses locais de convívio existem em função da pluralidade humana, constituindo-se como espaços de troca de informações, que acontecem de forma dialética (JOVCHELOVITCH, 1995).

Quadro 1- Síntese conceitual sobre a análise das representações sociais

Representação social	Saber compartilhado que sustenta a percepção sobre a realidade e situa os sujeitos numa identidade social que norteará futuras ações.
Lugar de registro	Na memória coletiva
Forma de transmissão	Linguagem e interação social
Lugar de manifestação	Espaço público, identidade social, demais formas de objetivação

Fonte: Adaptado de Moscovici (2012).

A análise das representações sociais sempre se dá no nível cultural pois, como afirma Moscovici (2012), saber “quem” produz esses sistemas é menos instrutivo do que saber “por que” foram produzidos. Portanto, este estudo buscou identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro, e compreender como essas representações influenciaram a permanência de romeiros na cidade. Representações sociais são tomadas como objeto empírico para compreender os conceitos de um grupo sobre dada realidade. A representação social é estruturada por meio da linguagem durante as interações sociais e o seu local de registro é na memória coletiva (MOSCOVICI, 2012).

Nesse estudo, compreendemos a linguagem como mecanismo importante para que as representações sociais sejam transmitidas entre os sujeitos de um grupo social. No caso em questão, os romeiros do Padre Cícero que se deslocam para a cidade de Juazeiro do Norte em busca de dádivas físicas e espirituais. No próximo capítulo, descrevemos as estratégias metodológicas escolhidas para alcançar os objetivos propostos neste estudo.



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA PESQUISA

O capítulo apresenta o universo da pesquisa, as categorias de análise e as etapas de construção da pesquisa, bem como as técnicas de coleta e o método de tratamento de dados adotados. Como já mencionado, a pesquisa tem o objetivo de identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e o Juazeiro de maneira a compreender como elas influenciaram a permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

Por se tratar de um fenômeno social, a abordagem metodológica do estudo é qualitativa, (MINAYO, 2008). Entende-se que, o fenômeno social analisado, está envolto a outras características fundamentais como, religiosidade, meio ambiente e cultura. Todavia, a delimitação estabelecida para essa pesquisa, considerou observar especificamente e com profundidade representações sociais que envolvem o Padre Cícero e a Cidade de Juazeiro do Norte. Esse fator não minimiza as demais características do fenômeno, mas a ênfase às questões sociais foi necessária, para o alcance do objetivo central dessa pesquisa.

3.1 Universo e sujeitos da pesquisa

A definição do universo de pesquisa acontece a partir da representatividade do lugar e dos sujeitos investigados. Escolhemos dois grupos de romeiros migrantes indicados e atendidos pela Pastoral da Romaria que está vinculada à Basílica Nossa das Dores, em Juazeiro do Norte. Algumas décadas após a morte do Pe. Cícero, a Pastoral da Romaria da atual Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, se tornou a principal referência de apoio aos romeiros que chegam à cidade de Juazeiro. Em quatro décadas, essas expressões religiosas vêm desenvolvendo diversas ações de acolhimento para os romeiros que visitam ou permanecem na cidade como moradores. Nesse sentido, escolhemos a Pastoral da Romaria como referência para a investigação acerca do objeto desse estudo e compreensão dos grupos delimitados para a pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são romeiros que permaneceram na cidade de Juazeiro do Norte como moradores, com a expectativa de melhorar diversas dimensões das suas vidas como, saúde, trabalho. Para identificarmos esses sujeitos buscamos a fundadora da Pastoral da Romaria Ir. Annette Dumoulin (Figura 15), freira da Congregação das Cômegas de Santo Agostinho²⁷ da Bélgica, que chegou ao Brasil, em 1974. Ela chegou a Juazeiro, por um interesse

²⁷ Congregação Católica fundada na França no século XVI (REDE ALIX, 2020).

de pesquisa na área da psicologia da religião, mas logo se sentiu chamada a permanecer na cidade, não somente como pesquisadora, mas como religiosa, e desde então, passou a desenvolver um ministério de pastoral para os afilhados do padrinho Cícero.

Figura 15 – Irmã Annette Dumoulin



Foto: Rafael Vilarouca. Fonte: Cariri Revista, 2017.

A partir da primeira entrevista com a Ir. Annette, tivemos acesso às famílias que chegaram a Juazeiro e foram recebidas pela Pastoral da Romaria. Por meio da primeira indicação, obtivemos informações sobre diversas famílias que moram na Rua do Horto, essa via (rua), é caminho de diversas manifestações romeiras e local de moradia de muitos personagens centrais, para essa pesquisa (Figura 16).

Figura 16 – Peregrinação na Rua do Horto, em Juazeiro do Norte–CE



Foto: Mário Silva (2015)

Além dessas famílias, outros sujeitos foram compondo o universo de pesquisa. A assistente social do Instituto Monsenhor Murilo que faz parte do corpo técnico da Pastoral da Romaria e os usuários dessa instituição; romeiros que buscam apoio para diversas demandas.

O Instituto Monsenhor Murilo atende a dois públicos: romeiros em períodos de romaria e pessoas em situação de rua que chegam à cidade, em busca de emprego, mas não conseguem se inserir no contexto produtivo. Muitos dos que chegam até o Instituto são descendentes de pais e avós romeiros. Antes de chegarmos a esses sujeitos foi construído um corpus de análise a partir da construção de categorias que serão descritas a seguir.

Assim, o estudo contemplou dois grupos de romeiros que permaneceram em Juazeiro do Norte. O primeiro se refere a romeiros que migraram para Juazeiro entre os anos de 1920 e 1970 e conseguiram se integrar à cidade; o segundo grupo, corresponde a romeiros em situação de rua, que migraram para esse município nas duas últimas décadas. Esse recorte permitiu examinar a evolução das representações sociais analisadas, ao considerar a amplitude e complexidade da população romeira, que visita e ou migra para Juazeiro do Norte.

3.2 A construção das categorias de pesquisa

A construção de categorias faz parte do método de análise de conteúdo que está baseada na análise crítica e dinâmica da linguagem. Seu principal objetivo é a descrição e interpretação de sentidos implícitos contidos em textos ou relatos. A interpretação dos registros favorece a produção de conhecimentos sobre um determinado fenômeno (BARDIN, 2009).

Para que haja uma compreensão coerente dos conteúdos coletados é necessário cumprir etapas. Na primeira etapa é feita (a) uma análise prévia dos dados a partir de uma leitura flutuante sobre o material coletado, de onde emergem os temas mais frequentes; depois, (b) uma análise do material, a partir da técnica categorial, classificação dos temas mais frequentes, estabelecer critérios de organização dos dados para tratar as informações por meio da inferência; e por fim, (c) uma análise e tratamento dos dados, através da interpretação dos conteúdos. (BARDIN, 2009).

Nesse tópico apresentamos os tipos de categorias que compõe esse estudo, construídas a partir da primeira etapa: a pré-análise. Inicialmente, elaboramos um estudo aprofundado sobre o fenômeno que investigamos. Apenas dessa forma podemos sair de um “olhar ingênuo”, para um “olhar científico”. Esse processo ocorre por meio de um balizamento teórico que nos indica um *corpus* de análise (CARDOSO de OLIVEIRA, 2000).

Neste estudo, consideramos três tipos de categorias: analíticas, empíricas e temáticas. As categorias analíticas foram construídas a partir dos elementos teóricos: A Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2012) e das discussões teóricas sobre exclusão social de Bader Sawaia (2001) e Amartya Sen (2010). Assim, as categorias analíticas foram as seguintes: ações e comportamentos gerados a partir da representação social; transmissão da representação social por meio da linguagem e interação social; identidade social presente na memória coletiva transmitida pela linguagem, função simbólica e percepção da realidade, privação de liberdade e sofrimento ético-político. A declinação das categorias analíticas para empíricas aconteceu por meio da aplicação da teoria das representações sociais.

Para compreender a relação entre a representação social e a permanência dos romeiros na cidade de Juazeiro do Norte, fizemos um levantamento dos principais fundamentos da Teoria das Representações Sociais de acordo com Moscovici (2012). No Quadro 2, descrevemos o processo de construção das categorias analíticas que foram aplicadas no roteiro de entrevista e observação, além da análise das entrevistas. Para tanto, utilizamos a tese de Moscovici publicada no livro *A psicanálise, sua imagem e seu público* (2012).

Quadro 2 - Categorias analíticas levantadas a partir da teoria de Moscovici (2012)

Construção das categorias analíticas	
A representação social tem uma função simbólica de construção da realidade	→ Identificar a função simbólica dos sujeitos da investigação para construção do real
O mesmo objeto pode ter representações diversas.	→ Compreender a diversidade da representação social dos sujeitos da pesquisa.
As representações sociais são criadas e transformadas nas interações sociais.	→ Como as interações sociais criam e sustentam as representações sociais?
A representação social sustenta uma realidade.	→ De que forma a representação social constrói uma realidade social?
A linguagem é elemento mediador na construção e transmissão das representações sociais	→ Qual a função da linguagem na construção e transmissão das representações sociais?
A representação social cria um tipo de identidade social que organiza o comportamento	→ Qual identidade construída socialmente? → Que tipo de comportamento é gerado?
O lugar de registro é na memória	→ Memória como acesso as representações sociais – memória coletiva
As representações sociais produzem memórias coletivas capazes de gerar valores comuns a um grupo	→ Quais os valores, vínculos que são comuns ao grupo?



Seleção das categorias analíticas
Função simbólica
Ações e comportamentos gerados.
Transmissão das representações sociais por meio da linguagem e interação social
Identidade social presente na memória coletiva

Fonte: Adaptado de Moscovici (2012) pela autora.

Esses quatro aspectos foram definidos como as categorias analíticas aplicadas na coleta e análise dos dados. Nesse sentido, analisamos a representação social do Pe. Cícero, construída historicamente pelos romeiros e, como isso influenciou na permanência deles, como moradores da cidade de Juazeiro do Norte.

Além desses elementos extraídos da teoria de Moscovici (2012), destacamos ainda que, a representação social é construída a partir de dois movimentos dialéticos: ancoragem e objetivação. A primeira tem como função transformar um fato estranho em algo familiar. Para isso, há um esforço do sujeito na assimilação do novo conteúdo. Já a objetivação é quando os conteúdos ancorados são externalizados no meio social por meio de uma imagem, fala ou comportamento (linguagem). Por essa razão, aplicamos esses dois movimentos às nossas categorias analíticas, ou seja, estabelecemos uma relação entre os conceitos de ancoragem e objetivação e as categorias analíticas elencadas neste estudo, que resultou no Quadro 3.

Quadro 3 - Relação conceitual dos movimentos de ancoragem e objetivação aplicadas na pesquisa

Ancoragem	Objetivação
Conceituação dos romeiros sobre o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro	Atitudes manifestadas a partir da conceituação do Pe. Cícero e Juazeiro
Identidade social presente na memória coletiva	Comportamentos comuns ao mesmo grupo
Valores e vínculos comuns presentes na memória coletiva	Materialização dos elementos simbólicos no espaço público
Transmissão das representações sociais pela linguagem	Comportamentos gerados a partir de uma crença

Fonte: Elaborada pela autora.

Como vimos na Figura 14, estamos partindo do pressuposto de que a forma como as pessoas percebem o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro (ancoragem) produz um tipo de comportamento (objetivação), que é manifestado no espaço público, a partir do ato de fixar residência na cidade e do desempenho de diversas práticas socioculturais como, participações em atos religiosos. Essas categorias analíticas e roteiro de entrevista estão descritas a seguir no Quadro 4:

Quadro 4- Processo de construção das questões de pesquisa a partir das categorias analíticas

Categorias analíticas	Descrição	Roteiro De observação e Entrevista
Ações e comportamentos gerados	A representação social sustenta uma realidade social e se manifesta no comportamento.	Quais relatos indicam a manifestação da fé na realidade dos romeiros?
Transmissão pela linguagem	A linguagem estabelece a ligação entre o mundo social e individual para organização do comportamento humano por meio da interação social. Apresenta o que estava ausente.	É possível identificar nas narrativas a transmissão das representações sociais por meio da linguagem durante as interações sociais?
Identidade social presente na memória coletiva	A identidade social situa os indivíduos em uma forma de comportamento e pensamento comuns a um determinado grupo.	Quais valores e vínculos são comuns ao grupo? (dominação, troca de favores, solidariedade).
Função simbólica	A compreensão sobre um determinado fenômeno constrói uma realidade e um tipo de comportamento nos sujeitos	Como a compreensão sobre o Padre Cícero e a cidade de Juazeiro sustentam uma realidade criada pelos romeiros? Como isso interfere no processo de tomada de decisão em fixar residência no Juazeiro?
Privação de liberdade	Situações de vulnerabilidade social que tolhem o direito de escolha dos sujeitos	Quais situações de fome; desemprego; ruptura de vínculos sociais?
Sofrimento ético-político	Sentimentos despotencializadores que implicam uma condição de servidão dos sujeitos.	Quais situações de dependência; humilhação; vergonha; isolamento social?

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A seguir, apresentamos o quadro de análise que sintetiza, para cada objetivo, o referencial teórico mobilizado e as categorias analíticas e empíricas aplicados nesse estudo.

Quadro 5 – Quadro de análise

Objetivo	Referencial teórico	Categorias analíticas	Categorias empíricas
1. Identificar quais as motivações de chegada e quais as condições de permanência dos romeiros em Juazeiro	Representações sociais (Moscovici (2012), Sá (2015), Jodelet (2001) Farr (1995), Bomfim (1991/1992)).	Ações e comportamentos gerados a partir da representação social	Atitudes manifestadas a partir da compreensão dos sujeitos, sobre o Pe. Cícero e Juazeiro.
		Transmissão da representação social por meio da linguagem e interação social	Materialização dos elementos simbólicos no espaço público
		Identidade social presente na memória coletiva transmitida pela linguagem.	Comportamentos comuns ao mesmo grupo
		Função simbólica	Compreensão dos romeiros sobre o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro
2. Compreender as representações sociais do Pe Cícero e Juazeiro construídos por romeiros que permaneceram na cidade em períodos distintos.	Representações sociais (Moscovici (2012), Sá (2015), Jodelet (2001) Farr (1995), Bomfim (1991/1992)).	Ações e comportamentos gerados a partir da representação social	Atitudes manifestadas a partir da compreensão dos sujeitos, sobre o Pe. Cícero e Juazeiro.
		Transmissão da representação social por meio da linguagem e interação social	Materialização dos elementos simbólicos no espaço público
		Identidade social presente na memória coletiva transmitida pela linguagem.	Comportamentos comuns ao mesmo grupo

		Função simbólica	Compreensão dos romeiros sobre o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro
3. Analisar as representações sociais sobre o Pe Cícero e Juazeiro e suas possíveis repercussões nos processos de integração ou exclusão social na cidade	Exclusão social (Sen (2010), Sawaia (2001) e Paugam (2001)).	Privação de liberdade	Desemprego Fome Situação de rua
		Sofrimento ético-político	Isolamento social, Desqualificação social (humilhação, vergonha) Ruptura de vínculos

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Por fim, foram definidas as categorias temáticas, construídas a partir da leitura flutuante²⁸ das narrativas obtidas durante as entrevistas. Essa é uma forma de classificação, onde identificamos os principais temas emergentes que deram origem às categorias temáticas. Nesse estudo foram: a chegada ao “santo” Juazeiro; a permanência na cidade; Terra de oração e trabalho; Padrinho “santo” ou “santo” padrinho. Dentro desses grandes temas foram aplicadas as categorias analíticas e empíricas com a finalidade de, interpretar os dados levantados.

Definidas as bases em que se orienta este estudo, partimos para a etapa de campo, descritas na próxima seção.

3.4 A primeira etapa do levantamento de dados de campo

Nessa primeira etapa de levantamento de dados de campo, foram realizadas nove entrevistas com romeiros que chegaram a Juazeiro, entre os anos de 1920-1970, sendo esses sete mulheres e dois homens. O objetivo dessa primeira etapa de pesquisa de campo foi analisar representações sociais construídas no século XX, entre os romeiros e o Pe. Cícero.

²⁸ “Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas” (SILVA, FOSSÁ, 2015, p.3).

A entrevista é uma produção dialógica e os elementos trazidos pela voz do entrevistado representam as muitas vozes, por isso a análise interpretativa precisa ser contextualizada no momento histórico e social. A entrevista permite mapear e compreender significados sobre fatos ocorridos. Esse instrumento exige um maior esforço para a identificação de atores, a preparação e realização das entrevistas, além de tempo necessário para a análise dos resultados (MINAYO, 2008).

As entrevistas citadas permitiram a compreensão do modo como essas pessoas ou grupos viveram no início do século XX, pois favoreceu o acesso à memória coletiva, onde estão registradas suas representações sociais acerca do Pe. Cícero. Nesse contexto, as representações sociais sustentam a percepção sobre a realidade, criando valores comuns ao mesmo grupo (MOSCOVICI, 2012).

Assim, realizamos com a Ir. Annette Dumoulin a primeira entrevista semiestruturada. Sua narrativa trouxe elementos fundamentais para a compreensão das questões da pesquisa. A pesquisadora e religiosa se tornou uma fonte verbal e documental, já que utilizamos suas publicações sobre o Pe. Cícero como referências fundamentais neste estudo. Além disso, sua participação na pesquisa foi fundamental para iniciarmos as ações de campo, visto que a religiosa nos indicou as primeiras famílias de romeiros para iniciarmos nosso trabalho de campo.

A partir da primeira indicação da Ir. Annette, fomos encontrando uma teia de histórias de famílias de romeiros na Rua do Horto. Ao final da entrevista, pedíamos que nos fosse indicado outra família de romeiros que, também veio morar em Juazeiro. Essa foi uma importante estratégia para termos acesso aos sujeitos, de outro modo, seria obscuro tanto encontrar, quanto estabelecer a confiança necessária para entrar nas casas e poder realizar as entrevistas. Assim, a pessoa que indicava, validava a minha presença em campo, estabelecendo um vínculo inicial.

Essa forma de indicação é conhecida como amostragem por bola de neve. Uma técnica não probabilística onde um informante-chave é identificado e, a partir dele, uma rede de contatos potenciais é levantada. Posteriormente é estabelecida uma cadeia de referências, onde os indivíduos selecionados convidam outros participantes para o estudo. A principal vantagem desse método é a identificação de um grupo específico que, de outra maneira, seria de difícil acesso para investigação (VINUTO, 2014). No Quadro 6, apresenta-se a caracterização desse primeiro grupo que fez parte da pesquisa.

Quadro 6 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa na primeira etapa da investigação

Iniciais	Sexo	Idade	Ano, chegada e origem
DD	Mulher	65 anos	1953 – Chegou de Pernambuco com a família. Passou por privação de comida e moradia, mas foi acolhida por D. Rosinha do Horto e pelos padres salesianos, que lhe ofereceram apoio e moradia.
DE	Mulher	77 anos	1970 – Chegou de Alagoas com o marido e seis filhos pequenos. Foi acolhida pelas Irmãs Annette e Terezinha, e D. Rosinha do Horto. Recebeu apoio de moradia e alimentação.
AR	Mulher	44 anos	1970 - Chegou de Alagoas com os pais e irmãos. Passaram por situações de privação de moradia e alimento. A família foi acolhida pelas Irmãs Annette e Terezinha, e D. Rosinha do Horto. Foi morar na casa cedida pela Pastoral da Romaria, recebendo apoio na moradia e alimentação.
JW	Homem	72 anos	1920 - Seu avô chegou da Bahia, porque ouviu falar que em Juazeiro tinha um padre que cuidava dos doentes e arrumava emprego. Foi acolhido pelo Pe. Cícero que o encaminhou para um emprego nas “terras dos Bezerra ²⁹ ”.
ZC	Homem	63 anos	1930 - Seus avós chegaram do Piauí em busca de trabalho. Pe. Cícero lhes cedeu terras na Chapada do Araripe para plantar macaxeira. Mesmo assim, relatou situações de privação de alimento.
DL	Mulher	60 anos	1930 - Seus avós chegaram do Piauí em busca de trabalho. Pe. Cícero doou terras na Chapada do Araripe para a família plantar macaxeira.
DR	Mulher	82 anos	1930 - Chegou com seu pai do Pernambuco. Pe. Cícero ainda era vivo. Passaram por situações de privação de alimentos.
TJ	Mulher	86 anos	1920 - Chegou com seus pais ainda bebê. Vieram a pé de Pernambuco. Pe. Cícero era vivo e deu seu nome de batismo. Quando chegaram a Juazeiro, o pai conseguiu emprego para cuidar de um terreno.
DA	Mulher	64 anos	1970 - Chegou de Alagoas com sua avó, porque desejava morrer em Juazeiro. Quando Pe. Cícero era vivo, ela vinha em romaria a pé para o Juazeiro. DA casou jovem e relatou diversas situações de privação, mas afirma que morar em Juazeiro foi melhorar de vida. Receberam o apoio das Irmãs Annette e Terezinha, D. Josefa André e D. Rosinha do Horto.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Assim, por meio das indicações, foi sendo estabelecido o cenário de pesquisa. A partir dos primeiros dados obtidos, seguimos para a segunda etapa de campo, com o objetivo de compreender as representações do Pe. Cícero nos dias atuais e as possíveis repercussões no

²⁹ Terras que pertenciam à família Bezerra. Essa família é tradicional na região do Cariri e historicamente exerce influência na política e economia local.

processo de exclusão social de romeiros que vieram até a cidade em busca de melhorias para as suas vidas.

3.5 A segunda etapa do levantamento de dados de campo

A segunda etapa do trabalho de campo foi realizada durante os meses de abril a junho de 2019, no Instituto Monsenhor Murilo, vinculado à Pastoral da Romaria da Basílica Menor do Santuário Diocesano de Nossa Sra. das Dores, em Juazeiro do Norte. Na ocasião, foram utilizados três instrumentos: entrevista semiestruturada com a coordenadora do Instituto Monsenhor Murilo; observação direta e grupo focal, com os usuários da casa. A utilização de instrumentos distintos para a investigação do mesmo objeto é chamada de triangulação de dados. Segundo Flick (2009) a utilização de mais de um método poderá melhorar a qualidade da coleta e análise de dados, na medida em que, eles se completam e podem ampliar os resultados obtidos.

O primeiro instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada; esta permite que, a partir de um roteiro com perguntas norteadoras, se alcance os conteúdos almejados para condução do estudo. A entrevista foi realizada com a assistente social do Instituto Monsenhor Murilo, com o objetivo de, conhecer a história e as atividades realizadas no Instituto.

Existem ações permanentes que acontecem durante a semana e são voltadas às pessoas em situação de rua, como “o grupo de convivência³⁰”, dirigido por estagiárias do curso de Psicologia, e o “grupo de espiritualidade³¹”, dirigido por pessoas vinculadas à Basílica. Além disso, há ações voltadas para a higiene pessoal e o fornecimento de refeições. Recentemente, foi iniciada uma sala de aula para jovens e adultos. Além dessas atividades permanentes, há um acompanhamento dos romeiros durante os períodos de romaria.

Além dessa entrevista, realizamos observação direta do cotidiano da casa, por meio de conversas informais com os usuários e colaboradores da Instituição. Na observação direta, o pesquisador faz o levantamento da informação por meio de um roteiro de observação que é orientado, a partir das categorias de análises anteriormente apresentadas (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005).

A observação direta é uma estratégia de captação de dados que possibilita um contato direto do pesquisador com o público pesquisado, partindo da interação *in loco*. O principal

³⁰ Espaço para desenvolvimento de atividades coletivas e promoção da cidadania.

³¹ Espaço para orientações com base na espiritualidade cristã.

espaço de observação aconteceu nas atividades do grupo de convivência dirigido pelas estagiárias de Psicologia. Durante dois meses, acompanhamos as atividades do grupo, totalizando oito encontros com duas horas cada um. Os temas eram construídos de acordo com a demanda observada em cada encontro. Em geral, versava sobre o perigo das ruas, a solidão, fome, o desejo de encontrar emprego, saudade/tristeza dos familiares. O método mais utilizado para abordar os temas foi por meio do trabalho manual, como recortes e pinturas. Além disso, foi utilizada a técnica do Teatro do Oprimido³² para acessar a fala dos participantes.

Na realização dos trabalhos, observamos algumas especificidades do grupo, como frequência irregular. Considerando que são pessoas em situação de rua, nem sempre estavam próximos do Instituto para participar das ações. Entretanto, havia alguns usuários da casa que estavam de maneira permanente nos encontros e, antes mesmo do início das atividades, já esperavam adentrar no espaço.

Além da irregularidade na frequência, para alguns participantes, havia dificuldade em focar na realização das atividades, ficavam dispersos e nem sempre faziam o que era proposto. A falta de concentração na atividade poderia estar relacionada à carência de necessidades básicas, como alimentação. Nesse sentido, foi sugerida a distribuição do lanche mais cedo. No entanto, havia baixo nível de participação por meio da fala, apenas alguns compartilhavam suas experiências, os demais ouviam, esboçavam sorrisos ou demonstravam “impaciência”. A pouca participação nas discussões pode estar relacionada a determinado nível de passividade frente às possibilidades de saída da condição de rua.

O objetivo do espaço em grupo era estabelecer um ambiente de convivência fraterna e trocas de experiências sobre o cotidiano das ruas. Segundo Bertini (2014), o trabalho de grupo junto a pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social favorece a vivência coletiva sobre sentimentos, problemas comuns, além de impulsionar a mobilização dos sujeitos para um bem comum. Nesse sentido, o trabalho grupal pode ser um importante instrumento para construir processos de autonomia.

O grupo no Instituto era formado, em quase unanimidade, por homens entre 25 e 50 anos, advindos de cidades e estados vizinhos. Chegaram a Juazeiro na expectativa de conseguir emprego. Alguns são devotos do Pe. Cícero e esperavam “alcançar a graça do trabalho”, outros vieram atraídos pela imagem de Juazeiro, como terra próspera. Ao contrário do que esperavam,

³² A técnica denominada Teatro do Oprimido (TO) foi criada pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal na década de 1960, visando trabalhar, a partir de elementos advindos do teatro, questões relacionadas ao contexto sociopolítico onde o público-alvo se encontra, tendo como foco central a promoção da transformação social (BOAL, 1991).

ficaram em situação de rua, mas amparados por equipamentos sociais como o Centro Pop³³, o restaurante popular e o Instituto Monsenhor Murilo.

Minha inserção no grupo foi acordada por todos. Apresentei a intenção de pesquisa e meu lugar de observadora durante as atividades, a importância das anotações e resguardo das informações e identidade do grupo, além de possibilitar um espaço de fala para que pudessem tirar dúvidas. A princípio, eles pediram que eu não fizesse anotações no caderno que fazia uso e não os identificassem pelo nome. Essas questões foram atendidas prontamente.

Estive como observadora das atividades e, após seis encontros, já estava integrada ao grupo, onde senti abertura para propor a realização de um grupo focal com o intuito de ampliar a interação do grupo e obter dados relevantes para a pesquisa. O coletivo demonstrou interesse em colaborar e, no encontro seguinte, havia um grande número de participantes para atividade. Na próxima subseção, indicamos o modo como conduzimos essas atividades e no quadro abaixo, caracterizamos os sujeitos dessa etapa de pesquisa.

Quadro 7- Caracterização dos sujeitos da pesquisa na segunda etapa da coleta de dados

Sujeitos de pesquisa	Identificação	Histórico
Usuário da casa, situação de rua	PG. Homem, 30 anos	Não quis identificar sua origem.
Usuário da casa, situação de rua	CV. Homem, 34 anos	Está em situação de rua devido ao uso de álcool e outras drogas.
Usuária da casa, situação de rua	MS. Mulher, 50 anos	Única mulher do grupo. Filha de romeira. Veio na sua juventude com a mãe em romaria, após sua morte ficou em situação de rua.
Usuário da casa, situação de rua	FN. Homem, 28 anos	Saiu da Paraíba em busca de emprego em Juazeiro.
Usuário da casa, situação de rua	JP. Homem, 48 anos	Não quis identificar sua origem.
Usuário da casa, situação de rua	FB. Homem, 34 anos	Baiano, veio para Juazeiro para procurar emprego.
Usuário da casa, situação de rua	SS. Homem, 45 anos	Não quis identificar sua origem.

³³ O Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP) é uma estratégia de Proteção Social Especializada, contida no Sistema Único da Assistência Social, voltada ao atendimento socioassistencial de demandas advindas de pessoas em situação de rua (BRASIL, 2011).

Usuário da casa, situação de rua	SL. Homem, 40 anos	Não quis identificar sua origem.
Usuário da casa, situação de rua	SC. Homem, 56 anos	Filho de romeira. Veio para Juazeiro procurar emprego.
Usuário da casa, situação de rua	SJ. Homem, 41 anos	Neto de romeira. Nasceu em Juazeiro. Está em situação de rua pelo uso de álcool e drogas.
Usuário da casa, situação de rua	SR. Homem, 58 anos	Filho de romeira. Saiu do Maranhão em busca de emprego.
Usuário da casa, situação de rua	AG. Homem, 26 anos	Não quis identificar sua origem.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Durante essa segunda etapa, escolhemos não utilizar entrevistas individuais e sim, o grupo focal. Essa mudança de instrumento de coleta de dados foi importante por alguns critérios. Primeiramente, porque já havia um grupo instituído como prática semanal, facilitando a minha inserção no espaço. Além disso, os componentes do coletivo em situação de rua se sentiam mais seguros quando estavam em grupo, do que em uma abordagem individual.

Essa observação está relacionada à resistência ao acesso a algumas informações básicas como o nome, local de origem. A estranheza em fornecer dados está relacionada ao fato de alguns não se sentirem confiantes. Entendemos que o tempo de dois meses não foi o suficiente para que esse vínculo de confiança fosse estabelecido, mas isso, não impediu que outros instrumentos fossem escolhidos para alcançar a coleta de dados durante as observações, entre eles, os registros de campo, grupo focal.

3.5.1 O grupo focal

O grupo focal é uma estratégia definida por Millward (2010, p. 280) como “entrevista baseada na discussão que produz um tipo particular de dados qualitativos gerados via interação grupal”. Essa estratégia, objetiva atingir uma visão macro sobre os fenômenos visualizados no instrumento anterior, atendendo a segunda fase da pesquisa.

O objetivo da atividade realizada no grupo focal foi mobilizar as falas dos participantes, a partir das representações sociais do Pe. Cícero e da cidade de Juazeiro do Norte, encontradas na primeira fase da pesquisa, conforme mostramos na Figura 17.

Para analisar se essa compreensão é recorrente nas falas dos romeiros (em situação de vulnerabilidade), selecionamos algumas afirmações retiradas das entrevistas da primeira etapa

da pesquisa (Quadro 8), que revelam a representação social de Juazeiro como terra de salvação e prosperidade, porque foi abençoada pelo Pe. Cícero, e pedimos aos participantes do grupo focal que nos dissessem, em que medida eles concordavam com a afirmação, a partir das suas experiências. Com essa atividade, buscamos estimular a fala dos participantes para que emergissem nelas as representações sociais do Pe. Cícero, presente no cenário atual de migração de romeiros.

Quadro 8 - Roteiro direcionado ao grupo focal a partir da representação social encontrada, considerando a fala dos sujeitos da primeira etapa da pesquisa de campo.

Roteiro direcionado ao grupo focal	Representação social
“Meu Padim Ciço disse a meu pai que viesse pra terra da mãe de Deus que não morria de fome. Aqui no Juazeiro se come, se bebe, ninguém morre de fome” (TJ, mulher, 82 anos).	Juazeiro, terra de salvação e provisão, porque foi abençoada pelo Pe. Cícero
“Juazeiro nos acolhe, nos dá o pão de cada dia, mas é preciso ter paciência” (DA, mulher, 64 anos).	
“Eu trabalhei desde os oito anos na roça, comi muitas vezes de esmola, eu vim ter um sossego depois que eu vim pro Juazeiro” (DA, mulher, 64 anos).	
“Juazeiro era como um hospital, vinha gente de todo canto buscar ajuda de meu Padim Ciço” (JW, homem, 75 anos).	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os dados coletados foram registrados por meio de anotações em diário de campo e gravações em áudio, esta última, seguindo os princípios éticos de pesquisa, como determina a Resolução nº. 466/2012 (BRASIL, 2012), que estabelece que os entrevistados recebam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), mediante o qual concordam em participar da pesquisa. O primeiro instrumento, o diário de campo, tem como principal função, assinalar observações do pesquisador como sinais não verbais, percepções pessoais e é utilizado durante as primeiras observações de campo (CARDOSO de OLIVEIRA, 2000). Tais instrumentos foram adotados com o consentimento dos entrevistados e tiveram o objetivo de zelar pela confiabilidade dos dados para que fossem posteriormente transcritos e analisados.

Na transcrição da entrevista, procuramos respeitar a identidade de fala dos informantes, sem interferir no seu repertório linguístico, muito menos, querer adequá-lo à modalidade formal da língua portuguesa. Entretanto, a fim de imprimir as entonações próprias da fala à modalidade escrita, inserimos as pontuações convencionais da língua.

Na próxima seção, apresentamos o método de tratamentos dos dados adotados nesta tese, a fim de que nos norteasse nas análises que apresentamos no capítulo 05.

3.6 Síntese dos métodos e técnicas de coleta e tratamento de dados

Este estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica, voltada para a leitura de estudos sobre os temas que compõem a tese. Iniciamos a pesquisa a partir da revisão de literatura, tendo como foco de interesse cada categoria analítica. Para o estudo da representação social, adotamos Moscovici (2012). Já para a compreensão da relação entre desenvolvimento e exclusão social, utilizamos autores como Sen (2010) e Sawaia (2001). Para a compreensão dos acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte e do papel do Pe. Cícero nesse cenário, consultamos obras que dissertavam sobre os acontecimentos históricos da cidade e de seu fundador.

Assim, o *corpus* de análise foi construído a partir dos estudos teóricos, definições de categorias analíticas e empíricas que foram aplicadas no roteiro de entrevista e observação. Como instrumentos de coleta de dados, realizamos entrevistas semiestruturadas nas duas etapas. Na primeira etapa, entrevistamos a Ir. Annette Dumoulin. A partir dessa entrevista, obtivemos informações sobre romeiros que chegaram a Juazeiro entre 1920 e 1970. Na segunda etapa, entrevistamos a assistente social do Instituto Monsenhor Murilo/ Pastoral da Romaria. Além das entrevistas, realizamos a observação direta e aplicação do grupo focal aos usuários do Instituto.

O tratamento dos dados aconteceu por meio da análise de conteúdo. Seu principal objetivo é a interpretação do conteúdo de uma mensagem. As análises se apoiam nos indícios manifestos durante a comunicação. A análise parte das evidências que devem ser relacionadas ao objetivo da pesquisa. A interpretação dos registros favorece a produção de conhecimentos sobre um determinado fenômeno (BARDIN, 2009).

Em síntese, apresentamos no Quadro 9 um esquema, relacionando os métodos e técnicas de coleta de dados adotados neste estudo e sua descrição, na ordem em que foram realizados:

Quadro 9- Métodos e técnicas de coleta de dados

Método/Técnicas	Descrição
Pesquisa bibliográfica	- Revisão bibliográfica
Observação direta	- Grupo de convivência com usuários da casa
Entrevistas semiestruturadas	- Irmã Annette - Romeiros migrantes - Coordenadores da Pastoral da Romaria
Grupo focal	- Usuários da Pastoral da Romaria

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nesse capítulo apresentamos os métodos e técnicas de coletas de dados e com eles, as delimitações necessárias para a promoção do estudo. Ressaltamos os sujeitos da pesquisa que são dois grupos de romeiros, o primeiro se refere a romeiros que migraram para Juazeiro entre os anos de 1920 e 1970, os quais conseguiram se integrar à cidade; o segundo grupo, corresponde a romeiros em situação de rua, que migraram para esse município nas duas últimas décadas. No próximo capítulo, iniciam-se as reflexões a partir dos dados obtidos no estudo de campo.



PAU-DE-ARARA DO NORDESTE J. BORGES

J. Borges-16

4 OS “ROMEIROS DO PADRINHO”: DA ROMARIA À PERMANÊNCIA NA CIDADE

A vida dos sertanejos nordestinos foi marcada por grandes períodos de estiagem, que causaram escassez de alimento e água. A falta de intervenção adequada do Estado mantinha os sujeitos em condição de exclusão social. Nesse contexto, a fé se tornou um dos principais instrumentos de enfrentamento das situações de miséria. A característica da religiosidade no Sertão perpassa fatores institucionais; “as casas, por mais simples que sejam, têm sempre nas paredes muitos quadros de santos, misturadas com velhas fotografias de família, já amareladas com o tempo” (CHACON, 2007, p. 237).

Entre os sertanejos estão os romeiros, que seguem a tradição, mantida por gerações, de vir a Juazeiro do Norte, todos os anos, em busca de respostas aos problemas socioeconômicos que enfrentam cotidianamente. Compartilham a crença no padrinho santo de Juazeiro, que pode seguir os abençoando. Muitos dos que visitam a cidade, ali permanecem como moradores, pois acreditam que na “terra santa” irão receber seu milagre de prosperidade material e saúde. Entretanto, contrariando as expectativas dos devotos, muitos migrantes têm chegado e permanecido na cidade em condições desfavoráveis de moradia, saúde e educação.

Antes de aprofundarmos as reflexões sobre o objeto da pesquisa, cabe entender, como a fé e práticas religiosas fazem parte do âmago da cultura brasileira. Para isso, são necessárias observações da história nacional, a qual revela que, a constituição desse território tem importantes marcas das expressões de fé, sejam elas, populares ou institucionais.

Durante a colonização, alguns aspectos sobressaíram, entre eles, o objetivo de expansão da fé católica e a implantação de novas práticas culturais. Os portugueses trouxeram consigo as marcas de sua cultura, as quais se expressavam fortemente na fé, por meio das devoções, entre elas, o culto aos santos e as romarias (MACEDO, 2008).

A religiosidade no Sertão nordestino, embora possa apresentar características particulares, faz parte de um perfil cultural presente no território brasileiro. No interior do Nordeste, o processo de colonização esteve ligado a obras missionárias da Igreja Católica que trouxeram práticas religiosas, ancoradas em um forte poder territorial (BERNARDES, 2007).

Tal característica cultural é manifestada atualmente em diferentes perspectivas e, na vida dos sertanejos, continua movimentando a esperança de dias melhores. Esse fator pode ser identificado, ao considerar os dados observados na pesquisa, onde, a fé, expressa na religiosidade, move historicamente ações concretas como, as romarias e o processo de migração para Juazeiro, que atualmente, atrai milhares de pessoas para a cidade.

Neste estudo, interessa-nos identificar e analisar representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro, e compreender como essas representações influenciaram a migração e permanência de romeiros nessa cidade. Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados levantados nos dois grupos sociais da pesquisa. O primeiro se refere aos descendentes ou remanescentes dos romeiros que chegaram a Juazeiro, entre os anos 1920 e 1970 e conseguiram se estabelecer na cidade. O segundo grupo, corresponde a romeiros que chegaram recentemente e permaneceram na cidade com dificuldades de integração socioeconômicas. Neste capítulo apresentamos as principais motivações de chegada e condições de permanência desses romeiros.

Para alcançarmos esse objetivo, analisamos primeiro, as entrevistas realizadas com nove romeiros migrantes e com a fundadora da Pastoral da Romaria, irmã Annette Dumoulin. Para o segundo grupo, a coleta de dados foi realizada por meio de um grupo focal, entre os usuários do Instituto Monsenhor Murilo. Para tanto, partimos de uma narrativa principal que vai transpassar as diversas categorias temáticas: construídas a partir dos diálogos estabelecidos com a irmã Annette Dumoulin. Ambos os grupos estão vinculados à pastoral da romaria

A Irmã Annette Dumoulin veio para o Brasil na década de 1970, juntamente com a irmã Ana Thereza³⁴, com a finalidade de pesquisar sobre movimentos religiosos populares. Sua primeira parada no Brasil foi na cidade do Recife, onde descobriu aspectos da devoção ao Pe. Cícero, através de seus vizinhos, os quais eram devotos do sacerdote e possuíam um grande pôster do santo popular na casa onde residiam.

Ao conhecer a história do Pe. Cícero, as Irmãs Annette e Ana Tereza quiseram ver de perto essa manifestação popular. Elas permaneceram por alguns dias na cidade de Juazeiro e foram surpreendidas pelas especificidades que aconteciam entre os devotos do Pe. Cícero. Segundo a Irmã Annette, “havia expressões genuínas vindas dos romeiros e aconteciam sem a manipulação da Igreja, as manifestações vinham de baixo para cima” (informação verbal)³⁵.

A vontade de aprofundar seus conhecimentos acerca dessas manifestações, fez com que, alguns anos depois, as religiosas conseguissem se estabelecer de forma definitiva na cidade. Desde então, iniciaram um trabalho missionário na Pastoral da Romaria junto à Matriz de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro. Atualmente, a Irmã Annette, desenvolve trabalhos grupais

³⁴ Religiosa e pesquisadora, atuou durante décadas junto à irmã Annette, em trabalhos pastorais voltados à dignidade do povo romeiro. Faleceu no ano de 2013.

³⁵ Informação fornecida pela Irmã Annette Dumoulin, em entrevista realizada em Juazeiro do Norte – CE, no dia 22 de abril de 2019.

com os romeiros, buscando debater questões políticas e cidadania. A religiosa, também é referência em pesquisas sobre o Padre Cícero e as romarias.

A seguir, apresentamos as duas primeiras categorias temáticas que emergiram a partir das entrevistas realizadas. Nelas poderemos identificar quais as principais motivações para chegada, assim como, as condições de permanência na cidade. É interessante destacar que, os relatos apresentados pela religiosa se entrelaçam aos depoimentos dos romeiros, tecendo uma relação dialógica entre as narrativas.

4.1 A chegada ao “Santo Juazeiro”

A primeira categoria temática surge quando questionamos a Irmã Annette sobre, os motivos que fazem os romeiros chegar a Juazeiro:

Sigo ouvindo dos romeiros: “já fiz dez romarias, mas o meu sonho é vir morar em Juazeiro, pelo menos, quando eu me aposentar”. Isso é muito frequente. Eu percebo, na medida que eles vêm algumas vezes, [que] a atração vai ficando cada vez maior, pra vir morar. O ritual de voltar...: “um dia vai ser minha romaria final, eu venho morar aqui”. Outros dizem: “não dá agora, mas é o meu sonho vir morar aqui”.

Logo no início da fala descrita, há uma assertiva que chama atenção: “sigo ouvindo dos romeiros, o maior sonho é morar em Juazeiro”. Considerando que a Irmã Annette convive com os romeiros há mais de quatro décadas, partimos da premissa que existe uma recorrência nesse discurso, indicando que há um projeto de vida dos romeiros, que se traduz em, se estabelecerem como moradores da cidade.

A decisão de mudar com a família para Juazeiro, de forma definitiva, é precedida por um longo processo de visitas em romaria. Essa percepção da Irmã Annette é mencionada também, na fala dos romeiros migrantes:

Ele veio aqui com mãe a pé. Vieram três viagens. Eles vinham pra visitar meu Padim Ciço. Dessas viagens que ele vinha pra aqui, quis vir morar em Juazeiro. Vendeu tudo que a gente tinha, terreno, gado, tudo, tudo! E viemos pro Juazeiro. Ele dizia que queria estar perto do meu Padim Ciço e Nossa Senhora. O negócio dele era esse... Ele queria estar aqui no Juazeiro (DR).

A decisão de vir morar em Juazeiro após algumas romarias faz emergir a primeira categoria analítica, a interação social e a transmissão de experiências, por meio da linguagem, de elementos simbólicos. Durante as peregrinações, os romeiros ouviam os sermões do Pe. Cícero compartilhavam memórias e expectativas que fortaleciam um projeto comum: residir

em Juazeiro, para morar perto da “Mãe de Deus”³⁶ e do padre. “O negócio que fez meu pai vir aqui pro Juazeiro é que, quando ele vinha visitar, ele ouvia os sermões do Padre Ciço; aí ele botou na cabeça que queria morar e se enterrar aqui” (DR).

Segundo Dumoulin (2017), quando Pe. Cícero foi suspenso das ordens sacerdotais, desenvolveu o hábito de seguir conversando com seus devotos, todos os dias, na janela de sua casa. Assim, os romeiros seguiam caminho para Juazeiro, a fim de receber os conselhos do padre e, como já citamos, eles ouviam os sermões e desenvolviam o desejo de morar em Juazeiro. O ato de interagir por meio da linguagem em suas diferentes expressões, atualizava as representações sociais de Juazeiro, como um lugar de provisão, e do Pe. Cícero, como padrinho acolhedor.

No relato de DA, observamos a importância da transmissão das representações sociais por meio da memória e linguagem: “meu sonho, desde que eu me entendi por gente, era vir morar no Juazeiro e hoje tô aqui. Fiz minha família, tenho meus fi, meus netos, tudo aqui do Juazeiro” (DA). Desde muito cedo, DA ouvia sua avó contar (linguagem) sobre Juazeiro e o Pe. Cícero. A interação com as histórias e memórias despertou o desejo de vir morar em Juazeiro. Daí a afirmação: “desde que me entendo por gente”.

A avó de DA costumava contar as histórias das diversas vezes em que veio a Juazeiro a pé³⁷. A travessia chegava a durar meses, até chegar na “terra do Pe. Cícero”. Quando chegavam à Chapada do Araripe, um grupo de homens vigiava ao redor do acampamento, para que as onças não se alimentassem das crianças que dormiam durante a noite. A partir do compartilhamento das memórias da avó de DA, ambas nutriram a expectativa de vir morar em Juazeiro.

No relato de DA, o elemento afetivo se apresenta na representação social. A imagem da cidade de Juazeiro do Norte, para essa moradora, estava associada à sensação de satisfação, que era compartilhada pela avó. As histórias contadas sobre as vindas à Juazeiro estão entrelaçadas a afetos, que motivaram a entrevistada a migrar para Juazeiro. Outra entrevista explícita que a decisão de permanência foi precedida por romarias e memórias compartilhadas.

[...] A minha avó veio pra o Juazeiro visitar meu padrinho Ciço, porque sabia das histórias dele. Nesse tempo não tinha nem rodagem³⁸; vinham por dentro do mato fazendo cruz, aqui acolá nos pés de pau pra saber voltar. Aí meu pai veio confiando na mãe de Deus e não voltou mais (TJ).

³⁶ Expressão comumente mencionada pelos romeiros, ao se referirem a Nossa Senhora das Dores, título destinado à Maria, mãe de Jesus Cristo.

³⁷ Muitos romeiros, até hoje, percorrem longas distâncias a pé, (entre municípios e estados), como percurso de romaria, motivados pela devoção ao Padrinho e Nossa Senhora.

³⁸ Estrada sem pavimentação, comum em ambientes rurais.

A fala de TJ ressalta novamente a relevância da transmissão das representações por meio da linguagem. Afinal, ela veio porque “sabia das histórias dele”. A linguagem tem a capacidade de apresentar o que estava ausente, ou seja, (re)apresenta reconstituindo e modificando os conceitos em um permanente jogo dialético. A linguagem é também, essencialmente social, pois é por meio da interação entre as pessoas que são produzidos os significados que serão compartilhados socialmente (FARR, 1995).

Apesar da dificuldade de trânsito até Juazeiro, as pessoas se deslocavam de suas cidades de origem, porque ouviam falar sobre as histórias do Pe. Cícero, denotando a força da representação do sacerdote na vida dos romeiros. Conhecer o Pe. Cícero por “ouvir falar”, favorecia a tomada de decisão de vir morar em Juazeiro, como no relato de TJ, que se deslocou do estado de Pernambuco: “A minha avó disse: eu não vou só, vou na companhia do Meu padrinho Ciço! E, quando chegar lá, peço licença a ele e ele me mostra uma casinha pra morar. Mas eu vou morar lá, moro aqui mais não” (TJ).

O depoimento acima demonstra que a tomada de decisão para sair da cidade de origem e ir morar em Juazeiro, acontecia com a certeza de que, ao chegar, Pe. Cícero mostraria um lugar para o recomeço da vida. Ela veio “confiando no Pe. Cícero e na mãe de Deus”.

Essa é uma manifestação da fé, externalizada na decisão de morar em Juazeiro. É um processo da representação social que, segundo Moscovici (2012), ocorre por dois movimentos dialéticos: a ancoragem e objetivação. O primeiro é um processo de assimilação de novas significações, já o segundo é a externalização dessas por meio de ações. Assim, a crença (ancoragem) de que o Pe. Cícero poderia ajudar as pessoas a melhorar de vida, fez com que, tomassem a decisão de morar em Juazeiro (objetivação).

Ele veio muitas vezes em romaria, tinha ano d’ele vir as três romarias. Como sofria de asma, ele percebia que quando vinha pra cá, não sentia nada. Toda vez que chegava em Maceió ele dizia... nam, o Juazeiro é que vai dar minha saúde, toda vez que eu tô lá não sinto nada, mas quando chego aqui começa esse cansaço. Meu Padim Ciço tá me chamando, agora eu vou pra perto dele, porque eu vou ter minha saúde é lá (DE).

Vir em romaria por diversas vezes favorecia a interação social. Durante quatro dias, os romeiros visitavam vários pontos religiosos, além de participarem das missas diárias onde compartilhavam questões pessoais, inclusive o desejo de um dia morar em Juazeiro. A linguagem e a interação social são os principais mecanismos de difusão das representações sociais. Segundo Moscovici (1995), apenas uma frase possui uma grande quantidade de representações que correspondem ao que se passa na vida social.

Entre os romeiros, havia uma expectativa de que, ao chegar a Juazeiro do Norte, tudo iria melhorar. Essa ideia de Juazeiro ser considerado um lugar de provisão tem sua origem na forma como Pe. Cícero acolhia os romeiros que ali chegavam: “Meu pai vinha em romaria e o Padim Ciço disse pra ele vir pra cá, que não morria de fome. Aí ele veio. Foi meu Padim que mandou plantar feijão de pau, ele obedeceu, tinha muita fé no meu Padim e morreu aqui mesmo” (DL). Logo, a sensação de ser acolhido desperta no sujeito que está imerso em vulnerabilidade social, a vontade de fazer parte dessa “terra de provisão”.

Relatos apontam que, a saída da cidade de origem parece estar relacionada a uma expectativa de sair da condição de pobreza. Em contrapartida, Juazeiro do Norte é descrito como um bom lugar para viver, pois é um lugar onde o sujeito consegue se manter financeiramente, desenvolvendo qualquer atividade, conforme afirma ZC:

Eles vieram pra Juazeiro, porque lá no Piauí a situação não era boa e todo mundo vindo fazer romaria e já ficava. Porque um lugar desse aqui, como diz... o negócio é inchamento, né? Um lugar saudável, um clima gostoso, que vive de qualquer coisa. No Juazeiro o povo vive de qualquer coisa, é vendendo um bombom, uma espiga de milho cozinhada, assada, né assim? (ZC).

Segundo Moscovici (2012), a representação social sustenta uma realidade. Nesse relato, os fatores de atração para Juazeiro foram a cidade como representação de prosperidade e fé, a figura do Pe. Cícero como mediador de conflitos existenciais (sociopolíticas e religiosas) e a possibilidade de melhorias de condições de vida. Como afirma JW, “Juazeiro era como um hospital; vinha gente de todo canto pra conseguir ajuda. Eles corriam pro Padim Ciço e aí o boca-a-boca vai, era só chegando gente” (JW).

Os relatos descrevem Juazeiro como uma cidade santa, um lugar onde ninguém morreria de fome ou de sede, corroborando com o que é expresso por Della Cava (2014) sobre a imagem da cidade como refúgio. A metáfora “Juazeiro Hospital” demonstra a perspectiva de um ambiente promotor de refrigério e reabilitação das dores dos sujeitos no contexto histórico das migrações, que foi permeado por algumas das grandes secas do Ceará. Vir a Juazeiro era um fator que trazia bem-estar e evocava o desejo de mudança de vida.

Muitos romeiros que chegavam até Juazeiro eram trabalhadores rurais, afinal a agricultura era a atividade principal de subsistência da época (BARROS, 2008). Quando era vivo, Pe. Cícero recebia os sertanejos e os encaminhavam para a Chapada do Araripe: “aí meu Padim Ciço mandou vir pra cá. Meus avós receberam cinquenta e poucas tarefa³⁹ até topar na floresta. Tudo tinha sido doado pelo meu Padim. Ele mandava o povo vir pra Serra plantar

³⁹ Medida utilizada como referência para delimitação de terras.

feijão de pau e mandioca braba⁴⁰” (DL). A cidade da prosperidade contava com um representante que era visto como um “guia”, que acolhia e encaminhava as pessoas para atividades de subsistência.

A representação da cidade com uma terra de provisão, estava também relacionada ao discurso do Pe. Cícero. Durante as entrevistas, foi comum os romeiros citarem um trecho dos sermões do Pe. Cícero, em que ele afirmava: “quem andar pelos quatro cantos do mundo e não achar o que comer e beber venha para o Juazeiro que come e bebe”. As pessoas que vinham a pé até Juazeiro ouviam os sermões e voltavam para sua terra levando a notícia de que, em Juazeiro, havia um padre que dava remédio, conselho e trabalho.

Essa referência corrobora com o que Chacon (2007) ressalta sobre a fé dos sertanejos. A religiosidade é um traço característico da vida desse povo e favorece a manutenção da expectativa por dias melhores. Para muitos, Juazeiro passou a ser, lugar de recomeço, atraindo um contingente de pessoas dispostas a integrar essa cidade.

O convite do Pe. Cícero, “venha para o Juazeiro que você acha”, teve uma forte reverberação. Todas as pessoas mais velhas entrevistadas retrataram essa mesma fala, como pode ser observado nos seguintes excertos:

Minha avó dizia que Padim Ciço falava assim: “quando você procurar nos quatro cantos do mundo um agasalho e não achar, pode vir pro Juazeiro da Mãe de Deus que nem morre de fome, nem de sede. E foi o que aconteceu. O povo vem e acha (ZC).

Em outro depoimento, observamos a “certeza” de que Juazeiro seria o lugar da provisão para qualquer situação de privação:

Meu pai contava que meu Padim dizia: “quando faltar comida, venha pro Juazeiro, pra terra da Mãe de Deus que tem. Quando faltar água pra beber, venha pro Juazeiro que bebe, quando faltar sossego pra dormir, venha pro Juazeiro que tem. Aqui come, aqui bebe, aqui reza e aqui dorme, porque aqui no Juazeiro da Mãe de Deus é o lugar do sossego, porque nada é contra o Juazeiro, porque a Mãe de Deus com o santo braço dela atia⁴¹. O que for ruim, ela bota o braço e fastá” (TJ).

Nos períodos de seca, a falta de água e alimento era comum. O semiárido nordestino passou por diversas situações extremas, forçando os sertanejos a migrarem de suas cidades em busca de provisão. O acolhimento do Pe. Cícero aos refugiados da seca favoreceu a crença de que Juazeiro seria um lugar de refrigério ao abandono do Estado (DUMOULIN; GUIMARÃES, 1983).

⁴⁰ Produto agrícola, base para a produção de “farinha de mandioca”, alimento típico na região, especialmente na cultura culinária da época.

⁴¹ Expressão que remete à defesa, “afastar”.

Segundo os entrevistados, Juazeiro é definido pelo Pe. Cícero como, um lugar de sossego e provisão. Considerando o contexto sociopolítico da época, formado por um Estado inerte frente às demandas sociais, não seria difícil a cidade se tornar um grande polo de convergência dos romeiros.

Ele [Pe. Cícero] dizia: “pode faltar alimento e água em todo lugar do mundo, mas aqui no Juazeiro não vai faltar nunca!” No Juazeiro tá faltando água e alimento? De jeito nenhum, quem vivesse por aqui ia ver. Zezé contava, Dona Laura também. Ele dizia [que] quem procurasse sossego por todo lugar do mundo podia vir aqui que encontrava (DR).

O fenômeno da migração e os efeitos da seca são relatados nas cartas do Pe. Cícero, apresentadas por Dumoulin e Guimarães (1983). No ano de 1877, Pe. Cícero escreve a D. Luís, Bispo da Diocese de Fortaleza: “A imigração espantosa que tem ocorrido para o Cariri está regurgitando de verdadeiros náufragos [...]”.

A apatia do governo do Estado diante dos efeitos da seca é destacada em outros trechos de cartas. Em 20 de fevereiro de 1878, Pe. Cícero pede a intervenção do Bispo junto ao governador da província para combater o flagelo da seca. “Desculpe eu enviar este ofício dirigido ao Presidente da Província. Já temos mandado três com esse, e nem sequer a delicadeza de responder” (ALENCAR; MENEZES, 1989, p. 28).

Em outro trecho de uma carta do ano de 1878, Pe. Cícero traz um tom de desespero ao relatar ao Bispo o que se vivia em Juazeiro: “Eu nunca pensei em ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciam-se de carne humana no caminho, no campo. Por toda a parte é um cemitério [...]” (ALENCAR; MENEZES, 1989, p. 28).

Tais comunicações vêm de encontro ao que é expresso por Campos (2014) sobre as formas de gestão da seca no contexto cearense. Segundo o autor, no início do século XX, começam os investimentos em reservatórios, como forma de conter os efeitos da seca. Contudo, foi observado que o problema da seca não poderia ser sanado somente por esses empreendimentos, sendo insuficiente apenas investir nessa estratégia.

Enquanto o Ceará sofria com a seca e abandono do Estado, o Nordeste brasileiro assistia ao surgimento de outro movimento messiânico, o de Canudos. Esses movimentos assumem um caráter revolucionário em resposta às graves crises sociopolíticas e apatia do Estado (ARRUDA, 1993).

Antônio Conselheiro se inspira no trabalho missionário de mestre Ibiapina, que buscava dirimir, por meio de ações comunitárias, a realidade opressora e de extrema desigualdade no estado do Ceará. No ano de 1873, Conselheiro deixa o Ceará para peregrinar pelos estados do Nordeste, como Pernambuco e Bahia, falando sobre solidariedade e amor ao próximo. Ele

condenava a riqueza e pregava o uso coletivo da terra para que todos tivessem uma vida digna. As práticas e discursos de Conselheiro exerciam um fascínio sobre as multidões de desamparados. Isso incomodou profundamente a elite e o governo, sendo que o trágico fim dessa história é bem conhecido: Conselheiro e sua gente foram dizimados por tropas do Estado (ARRUDA, 1993).

O contexto local de Juazeiro apresentava semelhanças com esse movimento. Ambos tinham a religiosidade como a principal forma de sublimar a dolorosa vida do sertanejo, ou seja, a religiosidade era a única coisa que lhes restava. Esse fato é percebido num trecho da carta escrita pelo Pe. Cícero, no ano de 1878 ao Bispo, em que descrevia a situação da população de Juazeiro no contexto da seca: “O Pe. Monteiro aqui tem sido um herói, mas o que ele só há de fazer, com um povo moribundo, pelas calçadas, pelos caminhos, por toda parte. *Só o sagrado Coração de Jesus nos pode salvar e suprir de tanto abandono [...]*” (DUMOULIN; GUIMARÃES, 1983, p. 92, grifos nossos).

A representação do Pe. Cícero, como cuidador do sertanejo, se espalhava e a principal forma de difusão desse fenômeno era por meio da memória e linguagem. Ao compartilhar as experiências vivenciadas em Juazeiro, os romeiros encorajavam outras pessoas a buscar auxílio. Esse fato pode explicar o afastamento de suas cidades de origem, pois primeiro, eles visitavam a cidade em romaria e depois, decidiam pela mudança.

Alguns relataram: “Meu Padim tá me chamando”, para os romeiros isso era o suficiente para que vendessem seus pertences, colocassem a família em cima de um pau-de-arara ⁴²e fossem em direção a Juazeiro. Esse “chamado”, também decorre das representações transmitidas durante as visitas; na medida em que o contato com o padre se estreitava, maior era o surgimento da vontade de fazer parte da cidade abençoada.

Em diversos relatos, deparamo-nos com afirmações como essa: “vendemos tudo e viemos embora pro Juazeiro”. Foi assim que aconteceu com a família de DE:

Aí a gente vendeu tudo. Viemos simhora. Naquele tempo, a gente não chegava no mesmo dia, tinha que dormir no caminho. Aí o caminhão encostou eu fui fazer café, eu grávida com aquele horror de menino. Quando eu cheguei aqui, cadê casa? Tinha casa não. Eu trouxe umas rede... viemos sem ter nada... a gente chegou em Juazeiro, fomos [morar] debaixo de um pé de juá na matriz (DE).

A fala de DE surpreende por tamanho desprendimento. Ela saiu de Alagoas, grávida de quatro meses, com mais seis filhos pequenos. Não sabiam onde iria morar, mas partiam de uma

⁴² Transporte típico de romeiros, especialmente no século passado. Constitui-se de um caminhão adaptado ao transporte de pessoas.

certeza manifestada pelo marido: “meu Padim e Nossa Senhora das Dores não vão nos deixar desamparado” (DE). Sua família ficou alojada na casa de uma senhora, amiga das Irmãs Annette e Ana Teresa: “Quando as irmãs viram a gente debaixo do pé de pau, conseguiram uma senhora que morava sozinha, ela acolheu a gente e ficamos mais de mês. Pai só queria a casa se fosse aqui no Horto, porque era perto do meu Padim Ciço” (AR).

Para a Irmã Annette, os romeiros definem Juazeiro como um lugar sagrado. Eles acreditam que, chegar a essa terra já será o suficiente para resolverem seus problemas. “Eles acham que Juazeiro está mais perto do céu, do que qualquer outro lugar do mundo. Aqui é antecâmara do céu” (IA). Essa crença construída ao longo dos anos continua mobilizando homens e mulheres a se estabelecerem na cidade. A metáfora “antecâmara do céu” denota que a cidade tinha uma representação tanto de lugar, onde seria possível encontrar a salvação dos problemas vivenciados pelos sertanejos em suas localidades, quanto de espaço que remete à satisfação e felicidade, pois agora os migrantes estariam protegidos e amparados.

Partindo disso, podemos inferir que a chegada dos romeiros à cidade de Juazeiro do Norte tem um forte componente da transmissão das representações sociais por meio da linguagem. Uma relação intergeracional, através das quais avós, pais e filhos ressignificam sua compreensão sobre o Pe. Cícero e a cidade. Nesse período, Juazeiro é descrito como um lugar de acolhimento e provisão, onde ninguém morre de fome. Além disso, as pessoas poderiam encontrar a cura de doenças e a prosperidade financeira.

O Pe. Cícero é descrito como um padrinho que distribui presentes físicos e espirituais, tais como terra para plantar, mantimentos ou bênçãos em geral, o que reflete na representação do padre como padrinho, visto que, na cultura católica, a figura de padrinho é relacionada à proteção de um afilhado, como é apontado por Faoro (2000).

Portanto, as representações sociais compartilhadas pelos romeiros migrantes os situam, em um tipo de identidade social que, referenciam ações futuras (MOSCOVICI, 2012). Assim, eles se reconhecem como afilhados do Pe. Cícero e, por isso, acreditam que residir em Juazeiro do Norte, pode melhorar suas condições de vida.

Iniciamos a segunda etapa das entrevistas junto à assistente social do Instituto Monsenhor Murilo que nos apresentou dois cenários: os romeiros que chegam à cidade nos períodos de romaria e os que chegam com a intenção de se estabelecer como moradores. A partir dessa entrevista, percebemos que, as motivações de chegada dos romeiros a Juazeiro do Norte permanecem relacionadas às representações sociais encontradas na primeira etapa da pesquisa, em que Juazeiro é vista como a terra próspera do padrinho abençoador.

A assistente social afirma que os principais desafios nos atendimentos acontecem com os romeiros que chegam durante os períodos de Romaria. “Esses são períodos complexos porque um grande número de pessoas chega à cidade com muitos problemas de saúde, eles acabam piorando e são internados pedindo uma atenção especial da casa” (AS).

Outro problema recorrente são os acidentes nas estradas com os ônibus que transportam os romeiros. Nessas situações, o Instituto é informado para o acompanhamento dos feridos. A assistente social relata que, ao chegar ao hospital para prestar assistência, uma senhora lhe falou com conformidade, sem apresentar sinais de desespero: “‘Pois é... eu estou aqui, só quebrei meu braço, mas eu perdi meu filho e minha mãe’. A gente via que tava sofrida, mas ela não estava no desespero, e assim, eles iam se ajudando entre si, o tempo todo” (AS).

Para a assistente social, a resignação diante do sofrimento é um comportamento comum e está relacionado com a fé do romeiro: “a alegria de chegar em Juazeiro supera qualquer problema. Eu acho que o romeiro, a fé dele, faz com que ele lide com mais tranquilidade com a dor” (AS). Novamente, a assistente social relaciona a fé no Pe. Cícero, como o motivo para lidar de modo “conformado” com a dor.

Historicamente, as situações de vulnerabilidade social fazem parte do cotidiano dos sertanejos, isto é, a seca, a fome e a necessidade de sair das suas cidades para sobreviver com a família fazem parte dos registros históricos no final do século XIX e início do século XX. A “conformidade” ou resignação com a dor parecem ser uma marca dos sertanejos, mas no lugar de conformismo, observamos também uma resistência a toda miséria. A estratégia é seguir se deslocando na direção da vida. Enquanto Pe. Cícero esteve vivo, este recebeu muitos migrantes em situação de miséria, devido às condições climáticas do semiárido nordestino e à falta de políticas públicas para mitigar os efeitos da seca e desigualdade social.

Esse quadro de desajustes climáticos e sociais é ainda observado nas últimas décadas e, portanto, os sertanejos seguem se deslocando à procura de melhores condições de vida. Eles já saem das suas cidades com problemas e esperam encontrar soluções em Juazeiro do Norte (Figura 17). Como afirma a assistente social, “a vida deles é muito sofrida, quando a gente vai se aproximando vai conhecendo histórias de muita dor e sofrimento. Havia uma senhora que tinha perdido seis filhos assassinados, todos jovens, mesmo assim estava aqui todos os anos, feliz da vida” (AS).

Figura 17 - Romaria de Nossa Senhora das Candeias



Foto: Bibiana Belisário (2019)

Tal postura de resignação perante as adversidades está relacionada com a fé dos romeiros, que creem que sua condição de vida irá melhorar por meio da intercessão do “padrinho santo”. Assim, as condições de vulnerabilidade foram vistas durante a pesquisa, e em fatores históricos documentados, ou descritos nas entrevistas. Contudo, nessa segunda etapa das entrevistas, percebemos que os romeiros estão expostos a situações de vulnerabilidades sociais mais intensas. Barreto *et al.* (2017) afirma que, para compreender os processos de vulnerabilidade social, é preciso compreender três dimensões: ambiental, social e risco. A primeira diz respeito à privação ou escassez de recursos naturais, a segunda sobre situações de exclusão e pobreza e a última, sobre os impactos diretos das outras duas dimensões supracitadas.

A assistente social descreve os romeiros como pessoas “conformadas” e que não se queixam dos problemas: “Eu não conheço um romeiro se queixando da vida, não. Lamentando da vida. ‘Ai, eu não tenho... minha casa não tem comida, minha família tá sofrendo, meus filhos estão na droga, meus filhos foram assassinados’” (AS).

Parte significativa dos romeiros que chegam à cidade são caracterizados como pessoas pobres, sem recursos financeiros e, apesar do sofrimento, são pessoas alegres. Eles chegam à cidade com fins religiosos, não como turismo. Esse fator faz com que percebam os acontecimentos adversos na cidade, como parte da peregrinação e não como um problema. “A alegria deles impressiona, eles então não têm dinheiro algum para ficar na cidade, eles trazem de casa a farinha, rapadura, macaxeira, inhame. Eles ficam numa situação muito precária, mas não se queixam...” (AS). A participante segue descrevendo sua percepção sobre os romeiros: “Eles são movidos pela fé no Pe. Cícero. Eles vêm realmente, porque tem fé que aqui em

Juazeiro, ele se sente melhor, e aqui ele cura os males, eles dizem assim, que vai levar energia para o resto do ano” (AS).

Esse depoimento parece reafirmar a representação social encontrada na fase anterior da pesquisa. Os romeiros acreditam que Juazeiro é uma terra santa, um lugar onde as pessoas têm a esperança de encontrar a provisão de que precisam para suas vidas. Pensando a partir da Teoria dos Afetos, Gleizer (2007) aborda a díade esperança-medo na obra de Espinosa. A esperança é representada como a alegria instável, nascida de uma ideia futura e o medo, como tristeza instável nascida de uma ideia futura (não há esperança sem haver medo). Quando se atinge a estabilidade (por não haver mais incerteza), a esperança se torna confiança e o medo, desespero. A instabilidade afetiva no eixo esperança-medo gera superstição e fatalismo.

O Instituto Monsenhor Murilo também atende pessoas em situação de rua. Quando perguntamos a relação desse público com os romeiros, ela afirma que alguns são romeiros que saíram de suas cidades na expectativa de conseguir uma vida melhor em Juazeiro. Outros, não são romeiros, mas em algum momento, perceberam Juazeiro como lugar de prosperidade e acolhida, decidindo assim, migrar e “tentar a vida” no município.

Muitos saíram de suas casas e vieram se aventurar, acham que Juazeiro é terra santa abençoada pelo Padre Cícero, e que ao chegar aqui podia melhorar a vida. Aí chegou aqui não consegui, um trabalho, espaço, uma moradia digna, como eles vêm de uma realidade muito difícil, então eles acham que sempre pode ser melhor aqui...infelizmente não é isso que acontece, muitos ficam nas ruas (AS).

Segundo a assistente social, as pessoas saem de suas cidades por dois motivos: a crença religiosa de que o Pe. Cícero vai ajudá-los a mudar de vida e porque acreditam que, ao chegar à cidade, encontrarão trabalho por ser uma terra próspera: “[eles] chegam em Juazeiro porque acreditam que é a terra santa, e chegando aqui, quem tá doente recobra a saúde, é incrível...” (AS).

Nesta subseção, apresentamos as principais motivações para a chegada dos romeiros à cidade nos dias atuais. Identificamos que a representação social dos pais e avós sobre Juazeiro e Pe. Cícero (Terra boa onde ninguém passa fome) teve uma importante influência no processo de decisão de migração para os que ali chegam atualmente. Na próxima subseção, expomos como acontece o processo de permanência deles na cidade.

4.2 A permanência na cidade

A desigualdade social no início do século XX era estrutural na sociedade brasileira, agravada quando o Brasil perde suas características rurais e inicia um avançado processo de urbanização. Associado a esses fatores, havia o desamparo do Estado, especialmente para as localidades que se distanciavam do litoral. Ao longo dos anos, Juazeiro foi se constituindo como “um refúgio dos naufragos”, como expresso em carta pelo Pe. Cícero (DELLA CAVA, 2014).

Como vimos na sessão anterior, à chegada dos romeiros à cidade de Juazeiro acontecia com a expectativa de sair da situação de pobreza e adoecimento, vivida na cidade de origem. As representações sociais do padrinho acolhedor e da cidade santa eram compartilhadas pelos romeiros e atraíam outras pessoas para a cidade. Entretanto, quando os romeiros chegavam a Juazeiro, estes sofriam com o enfrentamento das situações de pobreza extrema. Nos primeiros meses, mantinham-se com o dinheiro dos pertences vendidos na cidade de origem, mas tão logo o dinheiro acabava começavam os principais desafios. Apesar disso, os romeiros buscavam estratégias para resistir, pois acreditavam que o “Padim Ciço” e a Mãe das Dores iriam prover-lhes o que fosse necessário.

Nessa categoria, apresentamos dois tipos de relatos, descritos por romeiros que chegaram a Juazeiro e foram recebidos pelo Padre Cícero, mas também romeiros que chegaram após sua morte. Na perspectiva da Irmã Annette, os romeiros chegam a Juazeiro sabendo das dificuldades, mas acreditam que tudo pode ser resolvido com ajuda do Pe. Cícero e de Nossa Senhora das Dores. “O romeiro se acomoda porque tudo é alegria, estar em Juazeiro é o céu” (IA). De igual modo, relata o romeiro: “Eles achavam que chegar em Juazeiro era uma riqueza pra todo mundo, porque onde moravam não tinha oportunidade, como ainda hoje...” (ZC).

Segundo a religiosa, as dificuldades para se estabelecerem na cidade já eram conhecidas antes que os romeiros chegassem, mas havia uma expectativa de que tudo se acomodaria. Em entrevista, (DA) confirma essa afirmação, quando ressalta sobre a capacidade da cidade em acolher as pessoas de fora e “dar o pão de cada dia”. Contudo, para isso, é preciso ter paciência:

O que meu Padim sempre pedia aos afilhados dele, era pra ter paciência. Ele dizia assim, ao invés de trazer dois sacos de dinheiro, traga dois sacos de paciência, porque o dinheiro acaba, mas a paciência não. As pessoas têm que começar com o dinheiro da terra. Aqui no inverno, verão não falta nada, mas tem que ter paciência (DA).

Segundo Dumoulin (2017), a paciência a qual Pe. Cícero se referia estava relacionada à postura de não passividade diante dos problemas. Os romeiros reconheciam as dificuldades como parte do processo e acreditavam que tudo iria se resolver pela provisão do Pe. Cícero,

como pode ser visto nesta fala: “A gente teve dificuldade, mas não dissemos aah vamos voltar. A fé do meu pai em meu Padim Ciço fez as coisas se encaixar. Aí tamo aqui até hoje” (AR).

Apesar das diversas limitações de uma cidade que crescia rapidamente sem planejamento, havia uma postura de “persistência e paciência” diante das situações de pobreza extrema vivenciadas ao chegar à cidade, conforme o depoimento de ZC: “o povo daquela época morria e não se entregava. Sabe o que minha mãe fazia? Depois do meio dia, ela lavava as panela e botava numa trempe⁴³ de tijolo pro povo pensar que a gente tava passando bem...” (ZC).

Ao lavar as panelas vazias após o horário do almoço, a mãe de ZC buscava dissimular para os vizinhos que não estava passando fome. Outro relato de ZC, também demonstra que sua família passou por situações de privação ao permanecer em Juazeiro, sendo a fome a principal delas:

Quando a gente era pequeninho, a gente comia uma vez por dia quando tinha, sabe o que era o di comê⁴⁴? Leite de coco morodongo com farinha lavada em 9 água no baxio do Crato. Quando a gente engolia aquela farinha, chega descia rasgando na garganta. Aí fazia o pirão de leite de coco com sal e servia o di cumê. Arroz era sobremesa, só tinha um arrozim no dia de domingo na casa do mais ou menos. Aí botava pra cada um tirar uma colher como se fosse um molho de carne (ZC).

Apesar dos relatos de fome, o Cariri se tornou um lugar de convergência de sertanejos “açoitados pela seca, dos vários Estados vizinhos, em busca de refrigério nos seus vales férteis e na dadivosa Chapada do Araripe” (BARROS, 2008, p. 97).

Após a morte do Pe. Cícero, a Igreja Católica assumiu uma parte do acolhimento necessário aos romeiros, especialmente a Igreja de Nossa Senhora das Dores, através do Pe. Francisco Murilo de Sá Barreto e do Pe. José Alves de Oliveira. Essa era uma relação delicada, pois a própria Igreja Católica tomou uma postura silenciosa em relação ao Pe. Cícero e às romarias, devido à suspensão de sua ordem ocorrida após o “milagre da hóstia” (DUMOULIN, 2017).

Além da ação institucional da Igreja, ações de solidariedade dos romeiros que já estavam estabelecidos na cidade para com aqueles que estavam chegando. Apesar dessas ações de acolhimento da Pastoral da Romaria e dos que ali já moravam, as situações de privação persistiam. Nesse contexto, apresentamos um pouco da história da família de DD.

⁴³ Espaço ao ar livre, destinado a secar utensílios domésticos.

⁴⁴ Modo informal de se referir à comida. É uma expressão típica na região.

Sua mãe decidiu vir morar em Juazeiro após uma “graça alcançada”. Seus pais saíram de Pernambuco com três filhos pequenos e a sua mãe estava grávida de três meses. Com o dinheiro dos pertences vendidos, conseguiram um quarto de aluguel para ficar em Juazeiro. Os dias foram passando sem conseguir emprego, até que o dinheiro acabou e eles precisaram desocupar o lugar: “Meu pai disse: ‘se acabou o dinheiro, eu não tenho mais o que fazer, eu vou subir, vou procurar, eu vou andar na rua ver o que eu arranjo, que é que eu faço, porque não tem mais onde ficar não, acabou o dinheiro, não tem dinheiro de pagar aluguel’. Aí conseguimos uma casa de favor” (DD).

Esse relato retrata ações de solidariedade que parecem comuns naquele período. Encontrar uma casa para morar de favor, ou seja, contar com a solidariedade dos moradores da cidade, foi um elemento importante para a permanência dos romeiros recém-chegados:

Mas aí chegou o tempo de desocupar de novo. Aí meu pai chegou em casa: “eita, mulher e agora? Pra onde é que nós vamos? Aí ela ficou preocupada demais. Mas o padre salesiano disse pra gente fazer uma casinha com umas madeiras e palha de coco catolé num terreno lá no Horto. Daí minha mãe ficou feliz demais (DD).

Novamente, a presença da ajuda esteve amparando a permanência dos romeiros. Enquanto o Pe. Cícero era vivo, ele era a principal referência de ajuda e redistribuição; agora, a Igreja Católica, por meio da Pastoral da Romaria da Matriz de Nossa Senhora das Dores e os moradores da cidade geravam uma rede de apoio para o enfrentamento das situações de privação. Como exemplo, vimos que a família de DE ficou alojada na casa de uma senhora amiga das Irmãs Annette e Ana Teresa:

Apesar das dificuldades de permanência na cidade, os depoimentos demonstram a alegria e conformidade com pequenos ganhos, haja vista a história de DD, que conseguiu um terreno com os padres salesianos e fez uma casa de palha. Na primeira noite, caiu a “chuva de São José”⁴⁵ e inundou a casa:

Mudamos na véspera do dia de São José, aí foi uma chuva tão forte com trovão e relâmpago. A casa era só o ralo, entrou água por todo canto. Ele encostou a mala aqui, botou os meninos tudinho sentado na mala, ela comigo porque a mais nova era eu, né? Aí era comigo no braço e disse que ficou aquela moqueca⁴⁶ todinha ali junto da mala. Mas tudo satisfeito, quando passou no outro dia, botaram as coisas pra enxuga, mas tudo feliz né?

Além da ajuda da Igreja Católica local, havia os romeiros que já estavam na cidade há mais tempo e acolhiam os que estavam chegando, como foi o caso da D. Josefa André e D.

⁴⁵ Chuva esperada pelos sertanejos, nas proximidades do dia de São José (23 de março).

⁴⁶ Expressão que indica junção, proximidade.

Rosinha⁴⁷: “D. Josefa André e D. Rosinha foram uns anjo na minha vida, porque ajudava meus filho, quando faltava o pão elas davam. As primeiras pessoas que conheci aqui em Juazeiro e na rua do Horto” (DA).

Em outro depoimento, D. Rosinha é identificada como referencial de ajuda e acolhimento de quem chegava, sendo denominada de “mãe do Horto”: “Dona Rosinha era a mãe do Horto. Ela foi nossa mãe que acolheu nós tudo. Quando a gente chegou aqui nessa casa, ela já tinha varrido e tinha água no fogo pra fazer café” (AR).

A prática da ajuda mútua faz parte da cultura local. Desde o início do povoamento do Cariri, havia ações de mutirão para o cultivo das roças e construção das casas. Além disso, houve uma forte influência das ações de Pe. Mestre Ibiapina que fortaleceram o caráter de ajuda mútua entre os sertanejos, com a perspectiva de transformação social. Assim, destacamos a presença do trabalho coletivo na comunidade da Santa Cruz do Deserto, constituída pelos romeiros do Pe. Cícero e liderada pelo Beato José Lourenço que, assim como Canudos, foi destruída pelas forças do Estado (BARROS, 2008).

Em outros depoimentos, observamos que, apesar das situações de pobreza extrema, os romeiros percebem Juazeiro como um lugar de sossego, prosperidade e provisão. Inclusive DA afirma que, morar em Juazeiro foi uma forma de melhorar de vida, mas reconhece que primeiro “sofreu um bocado”: “Trabalhei na roça desde os oito anos de idade, comi muitas vezes de esmola. Daí eu vim ter um sossego quando cheguei em Juazeiro. E tudo isso foi bênça de Deus e do meu Padim Ciço, mas pra eu chegar aqui já sofri um bocado” (DA).

Em outro depoimento, Juazeiro também é descrito como um lugar de prosperidade, inclusive a entrevistada acredita que, se estivesse permanecido em Maceió, não teria alcançado os mesmos resultados: “Meu pai, quando chegou em Juazeiro, encontrou saúde, casou os filhos tudo. Tem vez que eu penso, se ele tivesse ficado em Maceió não tinha alcançado tanta graça” (AR).

Apesar de os romeiros descreverem situações de privação das mais diversas ordens, eles acreditam que chegar a Juazeiro os fez alcançar a prosperidade de vida, especificamente na dimensão financeira, como uma dádiva do Pe. Cícero, conforme nos relata DA: “Tudo o que eu tenho foi tudo construído aqui no Juazeiro. Tudo foi meu Padim que deu, eu não trouxe nada das Alagoas” (DA).

Os relatos apresentados até então chamam atenção para dois fenômenos que potencializam as ações de enfrentamento à vulnerabilidade social: os sentimentos decorrentes

⁴⁷ Romeiras estabelecidas na cidade que exerciam práticas de acolhimento aos migrantes.

do pertencimento e o sentimento de comunidade. Partindo da compreensão de estima de lugar de Bomfim (2010), o pertencimento é apresentado como uma estima que está diretamente relacionada ao processo de apropriação do espaço, o que gera no sujeito a sensação de fazer parte do lugar e de se sentir responsável por ele. Também está relacionado à construção da identidade de lugar, que é perpassada pelas representações sociais criadas sob o lugar onde se vive.

Logo, sentir-se parte do lugar almejado, no caso de Juazeiro, da terra da provisão, move o morador a se sentir implicado com a terra do “Padim”, apesar das adversidades. O pertencimento também move a noção de “fazer parte”. Logo, o romeiro migrante, a se ver como parte da cidade e acolhido por esta, tende a defendê-la, zelá-la e vê-la com bons olhos. Isso também impacta na visão de se sentir responsável pelo bem-estar dos membros do seu entorno, como é percebido na acolhida dada aos novos chegados pelas ações religiosas católicas e os já moradores de Juazeiro. É necessário ressaltar aqui que o contexto de chegada desses migrantes é totalmente diferente dos migrantes atuais. A cidade possuía menor porte populacional e mais possibilidades de estabelecimento de redes sociais de apoio.

Nesse sentido, as noções de solidariedade e pertencimento são importantes, pois quanto maior o sentimento de comunidade, maior a sensação de proteção. Ao se sentirem parte de Juazeiro, ao formarem redes sociais de apoio, ao desenvolverem laços afetivos tanto com o lugar quanto com a figura do Pe. Cícero e com os moradores que os acolheram, os migrantes desenvolveram estratégias de enfrentamento às situações de vulnerabilidade vividas no momento da mudança. Mesmo estando cientes das possíveis adversidades, as representações sociais partilhadas ao longo das romarias, lhes davam motivação em querer pertencer a Juazeiro, pois se sentiam protegidos nesse lugar. Para podermos verificar, de forma mais aprofundada, o sentimento de comunidade dos moradores antigos, seria preciso a aplicação de instrumento psicológico específico, a escala de sentimento de comunidade, o que fica como sugestão para os próximos estudos.

De acordo com os relatos, a permanência na cidade de Juazeiro, também acontecia em situações de extrema de pobreza. Contudo, a postura do romeiro frente a esse fato era de enfrentamento. Havia uma crença de que, no tempo certo, tudo iria se acomodar, mas era preciso ter paciência.

A fé era o principal elemento de sustentação dessa realidade construída pelos romeiros. Além disso, a presença de uma rede de apoio composta por entidades católicas, como a Pastoral da Romaria e os moradores locais, trouxe acolhimento aos novos moradores da cidade. Moscovici (2012) afirma que a representação social produz comportamentos comuns a um

determinado grupo de pessoas. Nesse caso, a fé de que o “padrinho” traria provisão gerava um comportamento de resistência às situações de pobreza extrema.

Sobre os moradores da cidade que acolhiam os romeiros recém-chegados, é importante ressaltar que estes também, eram romeiros que já haviam passado por essa situação de acomodação e privação, por isso estabeleciam uma relação empática de cuidado e ajuda mútua. Assim, apesar de todas as situações de extrema pobreza, a percepção sobre Juazeiro se manteve como um lugar de provisão, prosperidade e sossego. Afinal, era “abençoada” pelo Pe. Cícero.

Contrariando essa expectativa, havia situações de pobreza extrema sim, mas havia a fé de que o “Padim Ciço” iria prover tudo, no tempo certo. Por isso, o comportamento de resistência e “paciência”.

Juazeiro é uma cidade de chegada. Os romeiros a têm como parte do seu projeto de vida. Como vimos na primeira etapa da pesquisa, a partir do relato da Irmã Annette, “eles vêm durante as romarias com a expectativa de um dia permanecerem como moradores” (IA). Isso acontece de tal forma que alguns esperam a chance de, pelo menos, morrer e se enterrar na cidade, conforme indica a assistente social:

Outro dia, morreu uma romeira durante a romaria e fomos dar assistência à família, quando falei com a filha dela me surpreendi, porque ela estava feliz que a mãe tinha realizado seu sonho de morrer em Juazeiro e afirmou: “O meu Padim Ciço ouviu o pedido da minha mãe de morrer no Juazeiro e ficar perto dele no Socorro”. E foi o que aconteceu, ela se enterrou no cemitério do Socorro ⁴⁸onde o corpo dele está sepultado (IA).

O projeto de vir morar na terra do Pe. Cícero é tão real que os romeiros esperam que se realize, mesmo que seja após a morte. Juazeiro do Norte é percebida como a “Terra Santa”, movida pelas representações sociais históricas, logo, morrer na “Terra Santa” pode ser considerado como um final de vida majestoso, pois o corpo ficará para sempre na terra do seu “Padim”. O fato de romeiros morrerem em períodos de romaria é tão comum na cidade que, há um túmulo coletivo destinado aos romeiros no cemitério do Socorro.

Esse relato está relacionado à crença existente de que Juazeiro é uma terra de prosperidade e que ali ninguém morreria de fome. Sobre essa primeira afirmação, a maioria dos romeiros migrantes concordou que as pessoas realmente pensam dessa forma. Nesse sentido, apontamos a fala de FB: “Eu ainda não passei fome aqui... ninguém passa fome mesmo não, aqui acola chega um prato de sopa, cachorro quente, uma coisa e outra... Tem os grupos de religião que se juntam e matam a fome” (FB).

⁴⁸ Cemitério público da cidade de Juazeiro. Está localizado nos arredores da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, local onde foi sepultado o corpo do Padre Cícero.

FB afirma que existem na cidade grupos religiosos que acolhem as pessoas em situação de rua e não os deixam passar fome. Quando perguntamos qual a origem religiosa, ele nos disse que há de toda religião, como católicos, evangélicos e espíritas. De fato, a presença da religiosidade é a marca da cidade de Juazeiro do Norte, por isso a maior frequência dessas iniciativas.

Em outra perspectiva, um participante discorda e apresenta seus argumentos:

Eu vejo muito problema nessa cidade, muitas pessoas precisando de ajuda e são poucas as pessoas que têm a coragem de se levantar como vocês tão aqui escutando a gente. Tá aqui um monte de marmanjo drogado e vocês cuidando da gente. Juazeiro é uma cidade muito grande e tem muita gente em situação de rua. Eu poderia chamar de calamidade porque não tem saúde, não tem educação não tem emprego. O prefeito que deveria a fazer o que vocês tão fazendo. Eu sei que todo mundo paga imposto, isso é pra quê? (AG).

A fala de AG tem um tom de indignação. Para o participante, a falta de emprego é o principal motivo pelo qual as pessoas se encontrarem em situação de rua. Há uma má gestão dos recursos, causando um agravamento em várias áreas. Apesar de suas queixas à gestão municipal, ele reconhece o espaço do grupo como um local de ajuda e cuidado.

Voltando-nos à perspectiva de exclusão e ao processo de sofrimento, é possível visualizar a demanda de suporte psicossocial dos participantes da pesquisa e a importância do grupo de convivência como espaço de escuta. Outro elemento observado na fala de AG é o sentimento de indignação, que denuncia as disfunções sociais, mas também indica uma posição de resistência ao sofrimento, um tipo de potência de ação que busca manter a sua existência (SAWAIA, 2001).

A assistente social ressalta ainda que, há um agravante para que muitas pessoas permaneçam na cidade em situação de rua, principalmente durante as romarias: a prática de pedir esmolas⁴⁹: “Os romeiros juntam aquelas moedinhas o ano todo para dar de esmolas aqui no Juazeiro” (AS). Essa prática ocasiona o ajuntamento de um grande número de pedintes nas calçadas das igrejas e outros pontos religiosos. Sobre essa prática, FB relata que não pede dinheiro aos romeiros em hipótese alguma, diferente de outros colegas que estão na mesma condição.

⁴⁹Embora durante todo o ano possam ser identificados pedintes em alguns locais de Juazeiro, especialmente nas proximidades de igrejas e demais locais religiosos, em épocas de romarias, o número de pedintes é visualmente acrescido.

Eu não peço dinheiro a romeiro. Mas tem gente que quando vê esse monte de romeiro diz assim: “eita, oh o tanto de romeiro, vamos encher o bolso, vou lá pra matriz com uma vasilha pedir esmola”. Jamais nunca usei essa má fé de aproveitar dos romeiros. Eu passo fome, mas não peço (FB).

Em contrapartida, outros participantes discordam e afirmam que não há problema em pedir, mas sim em roubar (Figura 18). “Eu não acho feio pedir não, feio é pegar nas coisas dos outros”; “A cidade só roda se vier gente de fora pra trazer dinheiro... Por isso os romeiros. Mas uma coisa é certa: melhor pedir do que tirar o que é dos outros” (SL).

Figura 18 - Pessoas nas proximidades da estátua do Pe. Cícero, no Horto pedindo esmolas



Fonte: Mário Silva (2017).

Em outra conversa do grupo focal, um participante afirma que a permanência na cidade o fez passar por situações de fome nas ruas, mas tem vergonha de pedir comida. Quando consegue “bico”, usa o dinheiro para comprar comida, não para comprar drogas.

Muitas vezes eu fico com fome na rua, mas eu tenho vergonha de pedir um prato de comida, ou pedir esmola, mas quando eu consigo bico eu vou na padaria e peço: “me dê um pedaço de bolo, um suco”, eu só não gasto meu dinheiro com drogas(FB).

O uso do álcool e outras drogas são comuns entre os participantes, inclusive alguns chegam alcoolizados no grupo, mas há uma regra segundo a qual, eles não podem ficar nessas condições na casa. Segundo relatos, o uso de drogas minimiza as dores da rua, como a fome e os conflitos pessoais. Inclusive, durante as atividades percebemos que havia certa dificuldade na capacidade de concentração e organização da fala, que pode estar associada, entre outros fatores, ao uso do álcool e de entorpecentes. A analgesia temporária proporcionada pela droga

aprofunda situações de adoecimentos físico e mental, retroalimentando um ciclo de sofrimento e dependência (SAWAIA, 2001).

Outro elemento relevante que identificamos na fala de FB é a condição de vergonha por precisar pedir comida. Esse sentimento é característico do sofrimento ético-político descrito por Sawaia (2001). Para a autora, os afetos tristes como medo, vergonha, humilhação, provenientes dos conflitos sociais, são unidades de análise para compreender o processo de desigualdade e exclusão social.

Para FB, conseguir “um bico”, ou seja, algum meio de trabalho informal é a saída para essa condição de vergonha e humilhação. A maioria dos participantes relatou que estão em situação de rua por falta de emprego. Eles esperavam chegar a Juazeiro e encontrar trabalho. Como não conseguiram, ficaram nas ruas.

Nesse sentido, Sawaia (2001) afirma que o processo de sofrimento é resultado das vivências em contextos de injustiça e exclusão social. É um processo que ocasiona ao sujeito dor e sentimento de culpa, vergonha e humilhação. A autora ilustra que esses sentimentos podem ser usados para a perpetuação de situações de exclusão e exploração social.

Ficou perceptível durante os diálogos que, a violência e a falta de sossego são marcas das ruas. Muitos descreveram situações cotidianas de violência, que vão desde a abordagem abusiva de policiais até pessoas que os agredem. “Na rua a gente não tem sossego, vive com medo... medo de levar chuva, medo de levar pancada... uns fazem sujeira e todo mundo paga, a gente acaba apanhando também” (FB). Inclusive, um dos participantes relatou que, certa vez, cedeu seu lugar no batente da igreja para outra pessoa dormir. Quando retornou, por volta das cinco da manhã, havia policiais no local. Seu colega havia sido apedrejado até a morte por alguém.

Sobre o depoimento de FB em relação ao medo de viver nas ruas, retomamos Chauí (2006), para quem o medo é um dos afetos nascidos da tristeza que aniquila a potência de ação dos sujeitos. O medo está relacionado à violência das ruas, seja pela abordagem policial, seja pelos “cidadãos” que acreditam que todos os que estão na rua são uma ameaça à ordem social, como vemos na fala a seguir: “Na rua ninguém tem sossego, a violência é todo dia e de todo jeito, a polícia bate na gente, porque pensam que todo morador de rua é ladrão” (PG).

FB ressalta a recorrência da truculência da abordagem policial para as pessoas em situação de rua: “Você tá num canto na praça, sempre chega um e quer bater na gente. Às vezes a gente tá na praça. Esses policiais véi que botam uma farda e acha que pode jogar spray de pimenta [...]” (FB).

Um participante afirma que toda condição de vulnerabilidade poderia ser resolvida se as pessoas conseguissem emprego, mas isso se torna inviável porque as empresas não contratam pessoas sem endereço fixo: “O problema é que nessa cidade não tem emprego... Mas também quando você procura aí diz: Ei cara, onde você mora? Na rua... ninguém contrata. O que nós passa aqui... se não fosse Deus, a gente já tava tudo morto” (FN).

Os estereótipos de deslegitimação, como os que categorizam as pessoas em situação de rua como “perigosas”, visam excluir moralmente um grupo do campo de normas e valores aceitáveis, através de uma desumanização que autoriza a expressão do desprezo e do medo e justifica as violências e penas que lhe infringem (JODELET, 2001). Tais estereótipos reforçam as situações de vulnerabilidade e risco acometidas às pessoas em situação de rua.

Nessa subseção, apresentamos como é, nos dias atuais, o processo de permanência do grupo de romeiros participantes da pesquisa em Juazeiro. Assim como no século XX, um grupo de pessoas que permanecem na cidade como moradores, já está em condição de exclusão social, a diferença é que agora, eles não conseguem se estabelecer na cidade, ficando em situação de rua e aprofundando sua condição inicial de exclusão social. Na próxima subseção, tratamos de outra representação social de Juazeiro. Desde o século XX, a cidade é associada à prosperidade e ao crescimento econômico, atraindo pessoas de diversas origens.

Neste capítulo temos examinado as motivações de chegada e as condições de permanência dos romeiros em Juazeiro do Norte. Observamos a reprodução e transmissão entre gerações da mesma representação social que motivou a chegada dos romeiros sujeitos dessa pesquisa (ou dos seus parentes e antepassados): “*Juazeiro como terra boa, próspera e abençoada pelo Pe. Cícero*”.

Durante a pesquisa identificamos que esses romeiros, já saíram das suas cidades de origem em condições de exclusão. Nesse contexto, as condições de permanência em Juazeiro foram ou são difíceis, mas observamos uma diferença significativa entre o grupo que chegou entre 1920 e 1970 e os mais recentes. O primeiro grupo de romeiros entrevistados conseguiu se estabelecer na cidade, apesar das dificuldades citadas durante as entrevistas. Já o segundo grupo não obteve o mesmo resultado e aprofundou sua condição inicial de exclusão social. Houve relatos de situações de solidão, isolamento, violência física e simbólica. Agora, o sentimento de morar na cidade não é descrito com alegria por esse grupo, mas pela referência do desamparo e do sentimento de impotência.



5. JUAZEIRO: LUGAR DE SALVAÇÃO NA TERRA E NO CÉU

Esse capítulo examina e analisa as representações sociais do Pe. Cícero e Juazeiro do Norte, construídas pelos romeiros atendidos pela Pastoral da Romaria da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. Em entrevista com a fundadora da Pastoral, (Ir. Annette Dumoulin), foi apontado que, os romeiros percebem Juazeiro como um lugar de salvação na terra e no céu. Essa percepção está relacionada ao tratamento indissociável que o Pe. Cícero dava as dimensões do trabalho e oração.

Durante sua vida pública (sacerdote e político), Pe. Cícero recebeu um grande número de migrantes de vários estados do Nordeste que vieram se estabelecer na cidade como moradores. Ele demonstrava preocupação sobre a ocupação laboral desses peregrinos. Por isso, o sacerdote falava em seus sermões: “em cada casa um santuário e, em cada quintal uma oficina”. Ao longo dos anos, Juazeiro foi se tornando uma referência de prosperidade material e imaterial, em particular, na base da pecuária, do artesanato do couro, da pequena fábrica. Assim, as atividades de comércio e artesanato faziam com que as pessoas conseguissem se estabelecer na cidade (GOMES; SILVA, 2013; DELLA CAVA, 2014).

A dupla dimensão “trabalho e religiosidade” marca historicamente a rotina da cidade. Para além do fluxo das atividades econômicas, “são frequentes na cidade, ritos religiosos institucionais e devocionários populares, característicos da cultura, sendo assim, os aspectos da religiosidade estão presentes em espaços públicos e privados” (SILVA *et al.*, 2018, p. 571).

Durante o estudo, um elemento se destaca na análise das narrativas dos romeiros participantes da pesquisa: se refere a Juazeiro, como um lugar de provisão, onde os romeiros encontrariam trabalho e melhorariam de vida. O santo padrinho entregaria as bênçãos aos afilhados por meio de “graças alcançadas”. A identificação desses aspectos deu origem a duas categorias temáticas: “*Terra de oração e trabalho*” e “*Santo padrinho ou padrinho santo?*” Essas categorias serão descritas a seguir.

5.1 Terra de oração e trabalho

Durante a entrevista com a Irmã Annette, questionamos sobre quais elementos faziam de Juazeiro um polo de convergência de romeiros, advindos de vários lugares do Nordeste. Segundo a Ir. Annette, os romeiros não desejam apenas visitar, mas também se estabelecer como moradores: “eles pensam no ritual de voltar um dia, e ser a última romaria”. Para ela, a

atração por Juazeiro está relacionada à forma como o Pe. Cícero tratava de não separar as dimensões de oração e trabalho, assim Juazeiro se tornou um lugar de salvação na terra e no céu:

Eu atribuo isso a metodologia do Pe. Cícero, porque ele se preocupava que o romeiro se convertesse, rezasse, mas nunca esqueceu o lado do trabalho. Eles vêm com essa dupla dimensão, oração e trabalho. A salvação é ao mesmo tempo pro céu e pra terra. Ele queria que o romeiro pudesse sobreviver, dar de comer à família, além da conversão e salvação do céu, mas antes de tudo aqui na terra. Por isso, Juazeiro é uma terra de salvação. É assim que eles chamam. Uma cidade santa e terra de salvação, onde produz o pão de cada dia com a possibilidade de sobreviver melhor, do que no resto do Nordeste (IA).

A afirmação da Ir Annette nos indica que, os romeiros acreditam que chegar em Juazeiro é alcançar a salvação na terra e no céu. Assim, Juazeiro se tornou uma cidade de convergência de migrantes, desde o período da atuação pastoral do Pe. Cícero, acolhendo e encaminhando os romeiros para postos de trabalho, de acordo com as aptidões de cada um. Após sua morte, os romeiros relatam que, o Pe. Cícero segue abençoando seus afilhados com novos ofícios. Essa compreensão está relacionada à crença religiosa popular na intercessão do Padrinho, considerado santo pelos romeiros.

Foi como aconteceu com a mãe de DD, que melhorava a renda da família vendendo café para os romeiros, até que um dia, foi tomada por fortes crises de asma e não pôde mais trabalhar utilizando “fogo de carvão”. Sua impossibilidade de exercer seu trabalho a fez pedir por um milagre ao Pe. Cícero, que “lhe entregou”, em sonhos, uma nova oportunidade de trabalho:

“O que que eu faço, meu Padim Ciço? Eu não posso mais vender meu cafezinho para ajudar meu esposo, me dê um meio, meu Padim Ciço, de eu ajudar meu esposo a criar meus filhos”. E aí, uma certa noite, ela sonhou com meu Padim dizendo: “você agora vai ser Maria dos Bendito⁵⁰, você agora vai fazer bendito para vender”. “Mas como é que eu faço meu Padim, se eu não sei ler?”. Ele disse: “mas você vai fazer”. Daí ela passou aquela visão e ela já se sentiu fazendo os benditos (DD).

Chama-nos a atenção o seguinte excerto: “Ela se sentiu fazendo”. Apesar de a mãe de DD não ser alfabetizada, a “fala” do Pe. Cícero no sonho, a fez crer que poderia produzir os benditos. Segundo DD, sua mãe recebeu o dom por meio da palavra do padrinho. Após o sonho, D. Maria, sua mãe, encontrou as estratégias para superar o fato de não ser alfabetizada. Ela começou a ditar os benditos para os filhos, que escreviam e depois levavam para imprimir na

⁵⁰ Cânticos religiosos característicos das devoções populares na Região.

gráfica. Durante as romarias, D. Maria e suas filhas subiam ao Horto. D. Maria entoava os benditos, enquanto as filhas vendiam os folhetos.

Ela sonhava de noite e dizia: “ó, hoje eu tenho esse bendito”. De tudo os romeiros tudo comprava. Aí quando ela fazia as folhinhas, nós ia para o Horto toda tarde. Mesmo assim no inverno, sem ter quase ninguém, mas ela ia para o Horto. E na romaria, forrava um paninho ali na frente de casa e cantava os benditos, enchia de romeiro e comprava as folhinhas dela (DM).

Os benditos são composições entoadas. Nelas estão conteúdos religiosos do catolicismo popular que, entre outras menções, exaltam a figura do Pe. Cícero como santo. Por meio dos benditos, os símbolos, as representações eram compartilhadas, fortalecendo a identidade social dos romeiros que recebiam bênçãos de prosperidade por meio da fé, como afilhados do Pe. Cícero: “Quase toda romaria, ela tinha um bendito novo pra fazer, e repetia também os velhos. Assim durou por muitos anos. Ela dizia ‘ó meus filhos isso aqui, meu Padim Ciço me deu, e foi pra mim e pra vocês’”.

Interessa-nos destacar que a bênção do trabalho recebida por D. Maria era entregue para os filhos como uma herança. Por gerações, ela foi contando aos filhos e netos “a graça alcançada” por meio do padrinho. Vemos aqui, a função da linguagem que personifica, (re)apresenta o que estava ausente, gerando novas representações (FARR, 1995).

Em outro relato, DL afirma que a sua irmã “alcançou uma graça” para melhorar a vida financeira. Ela cuidava de um filho com paralisia e dependia financeiramente do marido, o qual não trazia provisão para casa. Certo dia, em uma missa do dia 20⁵¹, em celebração à morte do Pe. Cícero, ela pediu ao “Padim” que, mostrasse um meio para comprar alimentos para o seu filho:

Minha irmã sofreu muito com o marido. Ela teve um menino paralítico. Ela foi pra missa do meu Padim no dia 20 [Figura 15] e pediu de joelho a ele, que mostrasse um meio pra comprar o leite do filho sem precisar tá pedindo aquele homi. Quando ela tava indo pra casa e viu uns pé de colorau⁵², aí veio na mente dela de pedir umas galha para ela fazer colorau pra vender. Aí ela fez dois quilos de colorau, depressa o povo comprou tudo a ela. Ela agradeceu a Deus porque ali era o meio que ela precisava (DL).

Novamente, percebemos a função da linguagem tornando presente o que estava ausente. Ela pede ao Pe. Cícero e logo é atendida, com a estratégia de vender colorau na feira. Segundo DL, ela não apenas criou bem o filho como também, conseguiu comprar uma casa. A representação social do Padrinho que escuta e integra as mulheres no desempenho de funções

⁵¹ Missas que fazem memória à morte do Pe. Cícero, ocorrida em 20 de julho de 1934.

⁵² Corante avermelhado, utilizado na culinária local.

econômicas, também reforça o perfil de acolhimento social do sacerdote diante de históricas fragmentações socioculturais na região, referentes às questões de gênero.

Figura 19 - Missa do dia 20 de julho na Igreja do Socorro



Fonte: Mário Silva (2018).

Em outro trecho de entrevista, percebem-se as dimensões trabalho e oração. Dessa vez, DA relatou que, o seu esposo trabalhava vendendo ouro. Segundo ela, uma profissão de muito risco por causa do valor do metal e também, devido a grande exposição da sua casa na beira da estrada. Ela passava muito tempo sozinha com os filhos e seu desejo era de que, seu esposo conseguisse um trabalho em Juazeiro:

Eu pedi a meu Padim pra me mostrar um meio de vida pra ganhar o pão de cada dia, assim foi, ele me mostrou um mei de ganhar um dinheirinho, vendendo comida pros romeiro. Assim fomos trabalhando e conseguimos nossas coisinhas. Eu também aprendi o artesanato de palha, aí fazia chapéu, bolsa e vendia na calçada de casa (DA).

O fato de pedir ao padrinho e receber dele as bênçãos do trabalho era uma confirmação de que eles eram, de fato, afilhados. Desse modo, corroborava essa identidade social. As representações sociais situam os indivíduos em um tipo de identidade social que os referenciará nas futuras ações (MOSCOVICI, 2011).

Os romeiros que chegavam para morar na cidade trabalhavam, principalmente no comércio informal de comidas, artesanato, artigos religiosos e ranchos para hospedagem. Essas atividades ainda persistem nos dias atuais e mobilizam a economia local, principalmente durante o período das romarias. A chegada dos romeiros que visitam a cidade com fins religiosos se tornou a principal fonte de renda dos romeiros migrantes. Após a morte do Pe. Cícero, o artesanato e o comércio se estabeleceram como principais atividades econômicas de

Juazeiro. As ruas de Juazeiro se encontravam dominadas por produtos (Figuras 20 e 21) de sapateiros, ourives e dentre outros tipos de artesãos (GRANGEIRO; BASTOS, 2019).

Figura 20 - Comércio informal remédios caseiros



Fonte: Mário Silva (2018)

Figura 21 - Comércio informal artigos religiosos



Fonte: Bibiana Belisário (2019).

A partir da segunda metade do século XX, o comércio, as migrações e o artesanato não cessaram. Ao contrário, as atividades se expandiram sobremaneira, tornando Juazeiro do Norte, em comparação às cidades vizinhas do Ceará, Pernambuco e Paraíba, a única cidade que triplicou o número de habitantes no período de 1920 a 1970 (GRANGEIRO; BASTOS, 2019).

Segundo Irmã Annette, Juazeiro segue crescendo porque, para o romeiro, há uma indissociabilidade entre oração e trabalho, que foi desde muito cedo implantada pelo Pe. Cícero.

Para a religiosa, Pe. Cícero tinha uma preocupação especial de que os romeiros, também tivessem uma atividade laboral e, a partir dela, conseguissem sustentar suas famílias (DUMOULIN, 2017).

Pe. Cícero passou a vida toda cuidando desse povo, quando o romeiro queria morar aqui em Juazeiro procurava por ele, e logo perguntava as pessoas: “o que você fazia na sua terra?” Ele tinha a capacidade de procurar identificar nas pessoas, quais eram as aptidões para poder se instalar no Juazeiro.

Quando Pe. Cícero era procurado pelos romeiros migrantes, havia uma preocupação em conhecer suas habilidades ou atividades que eles realizavam em suas cidades de origem. Segundo a Irmã Annette, ele acreditava nas condições de o povo aprender e, apontava as soluções possíveis. Como afirma a religiosa, “é muito interessante acreditar na força do povo, na capacidade popular” (IA). A característica educadora do Pe. Cícero, também referencia o fortalecimento da atuação popular que protagoniza diversas dinâmicas sociais e culturais na cidade.

Segundo a descrição da freira, havia uma relação de cuidado, reconhecimento e encorajamento que fortalecia os vínculos de gratidão dos romeiros para com o Pe. Cícero. As experiências de acolhimento e encorajamento incentivavam os romeiros a compartilharem suas histórias com pessoas próximas, fortalecendo a representação de um padrinho provedor, atraindo ainda mais pessoas para a cidade.

Em outra entrevista, o Sr. JW ressalta essa característica de encorajamento, citada pela Irmã Annette e atribui o crescimento da cidade a essa visão, implantada desde a sua origem:

Tem um fato interessante de mestre Pelúcio⁵³, já ouviu falar? Sabe como foi que ele começou a fazer o relógio? Padre Cícero adquiriu um relógio lá no sul e disse: “Pelúcio, você vai fazer um relógio, vamos construir um relógio”. “Logo eu? sei não”. “Sabe! tá aqui um relógio, despertador. Abre esse relógio e vamos fazer essa peça para fazer relógio de igreja”. Em Cariri⁵⁴ tem um relógio feito pelo mestre Pelúcio (JW).

Entre o não saber e iniciar uma fábrica de relógio em Juazeiro, havia o incentivo, a fala do Pe. Cícero. Parece-nos que, assim como a mãe de DD, após assertiva do Pe. Cícero, mestre Pelúcio se sentiu encorajado a fundar sua primeira fábrica de relógios do Cariri e ensinar o ofício para os jovens da cidade (DUMOULIN, 2017).

⁵³ Empresário, músico e amigo do Padre Cícero. É um personagem protagonista na história de Juazeiro. Pelúcio Correia faleceu em maio de 1955 (CARIRI REVISTA, 2019).

⁵⁴ Município vizinho à Juazeiro do Norte que também contou com a assistência religiosa do Padre Cícero.

Figura 22- Pelúcio Correia de Macedo



Publicado pela Cariri Revista (2019). Fonte: Acervo fotográfico de Daniel Walker e Renato Casimiro

Por fim, trazemos um excerto da fala de DA, onde relata que, vir morar em Juazeiro foi um projeto de vida alcançado com êxito e que, morrer aqui, é finalizar esse ciclo no qual, não se separam as dimensões da oração e do trabalho: “Eu não vou correr mais pra lugar nenhum, eu daqui do Juazeiro só vou agora pro cemitério do Socorro⁵⁵, lá pra perto do meu Padim Ciço. Eu já sofri muito na minha vida, mas eu venci” (DA).

Durante a primeira etapa da pesquisa, ficou evidente no depoimento dos romeiros integrados que Juazeiro era uma cidade de oração e trabalho. O trabalho foi percebido como uma bênção material entregue para os que são afilhados do Pe. Cícero. Nos relatos, estavam presentes o incentivo do Pe. Cícero as pessoas, para que desenvolvessem um ofício de acordo com suas habilidades. Assim, a cidade foi se constituindo como um lugar de provisão, também por ser abençoada pelo Pe. Cícero. Portanto, eles acreditam que a cidade poderia e pode prover o “pão de cada dia” a todos os que ali chegam, bastaria ter paciência.

A partir dessa afirmação sobre Juazeiro, perguntamos aos participantes do grupo focal, se eles vieram para Juazeiro em busca de trabalho. Houve quase uma unanimidade ao concordar com afirmação: “Sim, é verdade! As pessoas vêm pra cá atrás de serviço, chega aqui e não tem! (FN).

⁵⁵Cemitério público municipal, localizado aos arredores da Igreja do Socorro, onde o Pe. Cícero foi sepultado.

Essa afirmação pode indicar que Juazeiro mantém essa representação social de local de refúgio e ajuda, mas nos dias atuais, essa ideia é contrariada pelo fato de não haver uma capacidade de suporte para incluir todas as pessoas no mercado de trabalho. Por essa razão, certos romeiros terminam por ficar em situação de vulnerabilidade, inclusive nas ruas. No entanto, as pessoas continuam chegando à cidade e decidem permanecer ali com a expectativa de mudar de vida:

Recentemente passou pela casa (Instituto Monsenhor Murilo) uma pessoa que tinha mãe romeira. Ele perdeu o emprego e lembrou que a mãe vinha a Juazeiro e falava bem daqui e como ele tava sem trabalho veio, acreditando que encontraria. Aqui ele ficou na rua, ele ficou numa situação muito ruim (AS).

A assistente social do Instituto Monsenhor Murilo relata que buscou convencer alguns desses romeiros a voltarem para sua cidade de origem. Entretanto, eles ainda acreditavam que a sua situação iria ser resolvida, como expresso no relato a seguir:

A gente tentou ajudar, mas quando eu dizia “porque você não volta para sua cidade”? aí ele disse, “não, porque eu já não tenho minha mãe, nem meu pai e eles falavam de Juazeiro, que aqui era terra boa e eu vim para cá e acredito que aqui eu vou superar”. Então ele tá por aí... ele vendeu água no sinal. Aqui tem desses casos, pessoas que vêm muito para Juazeiro nessa perspectiva de melhorar de vida (AS).

Essa mesma ideia é identificada no relato de um participante já idoso. Segundo SR, ele veio a Juazeiro em busca de trabalho, mas ao chegar à cidade não conseguiu e, portanto, ficou em situação de rua. Ele já tinha ido para Juazeiro quando criança com seus pais, que eram romeiros. Então, quando sua situação financeira ficou difícil, em seu estado natal (Maranhão), ele decidiu migrar para Juazeiro, pois imaginava que seria menos difícil conseguir emprego ali. Entretanto, ao chegar à cidade, não a reconheceu. Os antigos amigos haviam morrido e não conseguiu um lugar onde ficar, nem mesmo emprego, tendo assim que ficar nas ruas. Durante esse período, perdeu seus documentos e contato com familiares.

Eu vim pro Juazeiro porque achei que conseguiria emprego, mas não consegui. Aí não teve jeito, fui ficando na rua. Já tem dois anos assim, porque não tenho nem dinheiro para voltar pra casa. Mas vou conseguir falar com meu irmão, ele vai mandar me buscar (SR).

Na fala de SR, identificamos dois elementos: a vulnerabilidade da vida de um homem de 58 anos nas ruas, por não encontrar um posto de trabalho em Juazeiro, mas também a expectativa de reencontrar a família. Apesar de toda a situação de vulnerabilidade, SR parecia manter certa positividade. Sempre que chegava junto ao grupo sorria, falava seu nome completo, contava sua história e afirmava que seria encontrado por seus familiares.

A alegria é um dos afetos potencializadores da ação, segundo Espinosa (1992). Para explicar esse conceito, Chauí (2006) descreve que, a força que impulsiona as pessoas para ação é definida de *conatus*. Ela está presente nos sujeitos e se manifesta no corpo e mente de modo contínuo e complexo. Podemos pressupor que, apesar das situações adversas, a alegria de SR mantinha sua potência de ação elevada, impulsionando-o a reencontrar a família.

De fato, SR conseguiu reencontrar a família. A partir das informações trazidas por ele, as estagiárias de Psicologia conseguiram localizar seu irmão que reside no Estado do Maranhão. Nesse período, a família acreditava que ele já havia morrido. Afinal, foram dois anos sem qualquer notícia. Atualmente, ele já está reintegrado à família.

A história de SR é também a de várias pessoas que chegam à cidade já em situação de exclusão social e esperam melhorar de vida. São descendentes de pais e avós romeiros, que contavam sobre uma cidade próspera e abençoada pelo Pe. Cícero. Ao contrário do esperado, um grupo de pessoas aprofunda sua condição de vulnerabilidade, perdem o contato com a família e ficam em situação de rua.

Ou seja, as representações sociais antigas, que se proliferaram a partir da história oral dos romeiros, ainda mantém o afeto “esperança” no imaginário dos romeiros atuais. Entretanto, como a cidade não dispõe das mesmas possibilidades de resistência e organização social de outrora, os romeiros percebem, ao morar na cidade, que a dinâmica socioeconômica do território é outra.

Em Juazeiro, a falta de oportunidades de inserção na dinâmica formal de trabalho, dialoga com o quadro de desemprego no Brasil, ainda com a exclusão causada pelo sistema econômico implantado, “o capitalismo”. Chacon (2007) reforça que esse sistema tem como uma de suas bases, a exclusão social e a sobreposição de valores.

Outro caso semelhante ao de SR aconteceu com SC. Filho de romeira, veio desde criança com a mãe à Juazeiro em romaria, até que, após o seu casamento, não veio mais. Ele é natural do Estado de Alagoas e passou muitos anos trabalhando no Sudeste e Norte do país. Quando faltou trabalho e não viu outra saída, lembrou-se da sua mãe e do Juazeiro.

Na minha juventude eu vinha todos os anos de pau de arara com minha mãe, eu ia pro Horto, pro Salesiano. A minha mãe era romeira, eu vinha com ela, meus pais eram separados. Ela vinha com uma crença muito forte em Padim Ciço, ele era santo. Eu passei esse tempo todo sem vim pra cá. Eu esperava achar um trabalho, mas não encontrei ninguém, não tinha nem onde ficar. Ficar na rua não combina com trabalho, ninguém confia (SC).

Seu último destino antes de chegar a Juazeiro foi o estado do Pará, onde vendia água mineral nas proximidades dos sinais de trânsito. Nessa atividade, conseguia ganhar R\$12,00

para fazer uma refeição por dia. Quando SC não teve mais perspectiva de integração econômica no Pará, lembrou-se da mãe, que buscava refúgio em Juazeiro. Ao lembrar-se de Juazeiro, como lugar de refúgio, SC remete à reflexão de Moscovici (2012), para quem o lugar da representação social é na memória e a sua manifestação é no espaço público. Assim, SC recorda-se da mãe e de sua infância nas romarias (pensamento), e atuou no espaço público (comportamento). Por essa razão, veio tentar se estabelecer em Juazeiro. Saiu do Pará apenas com a passagem de ida, no caminho recebeu ajuda para a alimentação e quando enfim chegou à Juazeiro, ficou em situação de rua.

Em seu depoimento, o participante afirma que sua mãe vinha para Juazeiro porque tinha uma “crença muito forte no Padim Ciço que era santo”. Logo em seguida, ele afirma que decidiu vir para Juazeiro na esperança de encontrar trabalho. Assim, pode-se inferir que, a representação social de SC sobre Juazeiro e o Pe. Cícero é a de que a cidade seria um lugar de salvação para sua situação de pobreza extrema.

Eu vim porque achava que era o caminho do trabalho. Eu vim porque imaginava, Juazeiro é grande, tem mais opção. Mas me sinto no fundo do poço, com esse peso, não tenho onde dormir, nem o que comer, quero comprar uma coisa, um sabonete, mas não posso, eu me sinto muito fraco. Me sinto muito sozinho sem ninguém para recorrer (SC).

No depoimento de SC, podemos identificar que havia uma expectativa de que Juazeiro seria uma cidade grande e que possuía opções de trabalho, apresentando-se como um “caminho” para prover sua necessidade de emprego. Essa representação social de Juazeiro como cidade próspera foi construída no imaginário de SC, a partir das suas experiências com a mãe nos períodos de romaria. Como afirma Moscovici (2012), as representações sociais são construídas por meio da linguagem durante o processo de interação social.

De modo contrário ao que ele imaginou, SC teve sua situação de exclusão social ainda mais aprofundada ao chegar a Juazeiro, revelada na afirmação de que se sente “no fundo do poço e muito fraco”. O enfraquecimento social e a vergonha são sentimentos comuns às pessoas em situação de rua.

Quando SC afirma estar muito fraco, não é apenas uma condição física por estar em situação de rua, mas uma condição de sofrimento ético-político, que imobiliza os sujeitos numa condição de passividade e miséria. Assim, um corpo passivo (enfraquecido) está relacionado a uma mente passiva (SAWAIA, 2009).

Nesta subseção, apresentamos os elementos sobre a representação de Juazeiro como terra de oração e trabalho. Como vimos, os romeiros construíram historicamente uma representação social da cidade de Juazeiro do Norte, como terra de provisão e salvação, que é

difundida por meio da linguagem, especialmente numa relação intergeracional (MOSCOVICI, 2012). Durante o primeiro período, os romeiros que permaneceram na cidade conseguiram se estabelecer por meio do trabalho informal, como a produção de artesanato e venda de comidas. Nessa mesma expectativa, enquadra-se um grupo de pessoas que ainda chegam. Contudo, no lugar do emprego, ficaram nas ruas e em uma relação de dependência com os equipamentos sociais locais, como o Centro Pop e o Instituto Monsenhor Murilo. Um apoio para que não sucumbam à fome. Na próxima subseção, apresentamos outra representação social do Pe. Cícero: ele é percebido como santo e como padrinho.

5.2 Padrinho “Santo” ou “Santo padrinho”?

Essa categoria apresenta duas importantes dimensões do Pe. Cícero. Para os romeiros, ele é **santo** e também é **padrinho**. Quando perguntávamos para os entrevistados quem era o Pe. Cícero havia unanimidade nas falas: “Ele é santo” (Figura 23). É importante retornarmos à discussão sobre a “santidade” do Pe. Cícero. O “padrinho” é reconhecido como santo por meio da crença popular, visto que, institucionalmente ele não é considerado santo, pela Igreja Católica. Em volta desse fato, existem muitas questões históricas a serem resolvidas.

Segundo Barros (2008) a relação com o sagrado é direta e familiar, por isso o critério de santidade independe do reconhecimento formal da Igreja Católica. Os romeiros reconhecem que o Pe. Cícero é santo e consegue “compreender” e atender aos pedidos dos devotos porque ele também foi sertanejo e conhece de perto o sofrimento do nordestino.

Figura 23 - Orações aos pés da estátua do Pe. Cícero



Fonte: Bibiana Belisário (2019).

A ênfase na santidade do Pe. Cícero presente na fala dos entrevistados parece indicar que, esse é um fato inquestionável e, ao mesmo tempo, traz desconforto, porque esse é o elemento mais questionado da história do Pe. Cícero. “Minha mãe tinha uma fé muito grande, ela dizia que meu Padim Ciço é tudo, ela fez um bendito “meu Padim Ciço é santo, ninguém queira duvidar, os seus poderes são tantos que fez mudo falar...” (DD). “Tenho ele como um santo, ele morreu, mas foi santificado, sempre só dava conselho bom. A minha avó falava que quando ia pra bênça dele, ele falava muita coisa boa” (DL). Em outro relato DA comenta: “Pra minha vó, ela dizia que ele nasceu Santo, viveu Santo e morreu Santo. Eu digo a mesma coisa porque aprendi com ela”. Novamente a crença na santidade é reafirmada por DD, “Meu Padrinho Ciço é santo na terra e santo no céu, viu minha fia? Minha mãe dizia que ele era Espírito Santo⁵⁶, ele tinha força do Espírito Santo com ele” (DD).

E por fim TJ relata outro fato que para ela comprova que o Pe. Cícero é santo “Meu avô me contou uma vez que ele levantou um morto na Serra de São Pedro⁵⁷. Ele tinha sido mordido de cobra”.

Em todas as entrevistas da primeira etapa, identificamos um elemento comum na crença de que o Pe. Cícero. Essa crença aconteceu por meio da linguagem: “A minha mãe tinha fé”, “A minha avó contava”, “o meu avô contou”.

Além da percepção de santo, ele também foi definido como padrinho. Para os romeiros há uma relação de proteção e cuidado, por isso foi definido como padrinho. Segundo Barros (2008) a relação de padrinhos e afilhados é comum na cultura sertaneja. Entre eles, havia uma relação de proteção e provisão por parte do padrinho e obediência, respeito pelo afilhado. O padrinho teria uma responsabilidade de cuidar financeiramente dos afilhados até que estivessem em idade adulta. Isso acontecia por meio da entrega anual de novilhos aos pais, os quais deveriam cuidar diligentemente do patrimônio até que na idade adulta, os “apadrinhados” pudessem constituir família. Em forma de reconhecimento e gratidão, os afilhados visitavam seus padrinhos e levavam presentes, como uma galinha gorda, peru criado no quintal de casa. Essa visita acontecia durante o período da semana santa, onde padrinhos e afilhados se sentavam juntos à mesa e reafirmavam o compromisso de tutela e obediência.

Por muitos anos, Pe. Cícero recebeu os romeiros em sua casa, distribuindo dádivas financeiras. Assim, ao questionarmos por que ele é padrinho, os entrevistados o associam à característica da ajuda, como descrevemos no excerto a seguir:

⁵⁶ Na fé Católica, o Espírito Santo é uma das três pessoas da Santíssima Trindade, o próprio Deus.

⁵⁷Referência à cidade de Caririaçu, município vizinho a Juazeiro do Norte.

O povo conta que ele ajudava muito, chegavam na casa dele e dizia...: “eu tô morrendo de fome...”. Aí ele dizia...: “nunca diga que tá morrendo de fome, meu amiguim, porque você entra pra dentro de uma casca de ovo. Diga: ‘eu tô com necessidade’”. Aí metia a mão no bolso da batina e entregava o dinheiro: “aí, vá se alimentar”. Ele é meu Padim Ciço porque me ajuda na fé (ZC).

O desprendimento em “meter a mão no bolso da batina” é o destaque da fala de ZC. Para ele, a ajuda imediata para quem estava em situação de privação era uma atitude própria de padrinho. Apresentamos adiante outro depoimento com as mesmas características.

Ele ajudava todo mundo. Minha mãe contou [que] uma mulher deu um capão a ele. Aí tinha uma senhora grávida e com a mesma mão entregou o capão⁵⁸ e disse: “pra você comer na sua dieta que você não tem nem um pinto”. Aí a mulher que deu o capão disse: “se eu soubesse que meu Padim Ciço ia dar, eu num tinha nem trazido”. Na mesma hora ele disse: “ei, muié, venha! [faz gestos com a mão]. Aqui, tome seu capão de volta, você não trouxe pra mim. Se não quer fazer a caridade leve de volta”. Aí tirou o dinheiro da batina e deu pra mulher que estava grávida: “tome pra comprar um capão pra você tomar o caldo quando ganhar esse menino” (TJ).

Novamente, vemos a menção ao fato de o padre “tirar o dinheiro da batina” com fins de ajuda. Agora, com uma curiosidade: ele recebeu de presente uma ave gorda e, na mesma hora, entregou para uma senhora grávida que estava passando privação. A pessoa que o presenteou com o frango, reclamou do ato e ele, imediatamente, devolveu o presente. Assim, TJ associa o fato de ser padrinho com a disponibilidade para ajudar sem qualquer restrição. A seguir, apresentamos mais um relato que associa a palavra padrinho à ajuda financeira.

Aí minha vó me contava que ela chegou um dia na casa dele e disse: “meu Padim, eu não tenho nada para comer, eu vim pedir uma ajuda o senhor”. Aí ele foi e disse assim: “minha amiguinha, o que que tá faltando na sua casa?”. Ela disse: “ó meu Padrinho, tá faltando o café, tá faltando o açúcar, o feijão”. Aí ele foi lá dentro, pegou tudo que ela disse que tava faltando deu a ela, ela saiu alegre, satisfeita (DA).

Os relatos acima apontam uma das compreensões acerca da movimentação de recursos (financeiro ou bens) adotada pelo Pe. Cícero. O seu acesso a recursos econômicos advindos de doações, era destinado também, à ajuda aos fiéis romeiros. Quando faleceu, o Pe. Cícero contava com um expressivo patrimônio, o qual foi destinado em quase totalidade à Igreja Católica. Inclusive, alguns dos pontos turísticos locais, com maior movimentação de fiéis, pertenceram ao Padre e desde sempre, foram locais de acolhida de pessoas em diferentes situações existenciais.

Segundo Barros (2008), Pe. Cícero se definia como um cuidador dos sertanejos. Como afirma o autor, o padre era “solidário ao sertanejo, seu povo, eleito como seu protetor. Afinal,

⁵⁸ Expressão utilizada para se referir a frango grande, criado no quintal da casa.

não teria sido ele mesmo que se colocava como escolhido por Deus para cuidar de seus filhos mais infelizes? ” (BARROS, 2008, p. 150).

Em vida, ele seguia com uma postura de acolhimento até que chega a sua morte. Esse momento é descrito com dor e a separação é sentida como um estado de desamparo pela perda do pai, assim como descrito na fala de DD:

Ficaremos nós como o gado sem pastor, como um filho sem pai, como o ramo que murchou, Padim Ciço foi se embora da Matriz do Juazeiro, para não ver os clamores do povo do mundo inteiro, Padim Ciço aonde está, está um canto separado, lá não vai vento nem chuva nem a culpa do pecado (DD).

A morte indica separação física do “pai” ou padrinho, que significa “pai pequenininho” (DUMOULIN, 2017). Apesar da ausência física, a morte do Pe. Cícero o coloca em uma nova dimensão, uma condição “divina”, de onde os romeiros acreditam que emanaria uma forma de proteção sobrenatural sobre seus afilhados.

Quando perguntamos a DE quem é o Pe. Cícero, ela nos responde: “ele é muita coisa, muita, muita! meu esposo morreu, mas ficou ele, e tudo que eu faço ele tá no meio, quando entro em casa eu digo, bênça meu Padim! E peço que ele cuide dos meus filhos, meus netos. Ele é um santo. Até se eu ver um besouro eu digo, valei-me meu Padim Ciço. É muita fé que eu tenho” (DE). Essa referência ao padrinho é comum entre os romeiros e os devotos, habitantes da cidade.

A principal forma de identificação dos romeiros com o Pe. Cícero é o fato de ele ser padrinho, indicando ajuda e proteção em várias situações. Isso os vinculam à identidade comum de “afilhados do Pe. Cícero”. Quando perguntamos sobre como era ser afilhado, os romeiros relataram que, essa é uma escolha de cada um. Como afirma TJ, “Ele dizia assim: ‘do jeito que você me chamar eu sou, se for padrinho Ciço, eu sou... se for Pe. Cícero, assim eu sou’” (TJ). Assim, a forma como os romeiros o chama indica uma relação de apadrinhamento ou não, como nos mostra o trecho a seguir:

Feliz será o cristão que tomar ele por padrinho, ele lhe botar a bênção e ensinar seu bom caminho, ele sabe a quantia de afilhados que tem, do norte ao sul ao sertão, de Roma até em Belém, ofereço esse bendito a paixão do redentor, a Nossa Senhora das Dores e ao Padrinho Ciço protetor, nesse mundo e no outro, será o nosso defensor (DD).

Existem vantagens específicas em ser afilhado de alguém. No Nordeste brasileiro, há uma crença de que os padrinhos substituem os pais na ausência destes. “Ser padrinho de alguém tem uma responsabilidade, porque está no lugar do pai e que você vai falar com ele e você tem aquela confiança que vai ser atendido e que não vai lhe recusar. É, até porque padrinho é

derivado de pai” (JW). Portanto, ter “um santo” como padrinho pode trazer muitos benefícios, inclusive a “certeza de que será atendido”.

O padrinho santo ou o santo padrinho continua, de forma sobrenatural, a distribuir bênçãos, à medida que seus afilhados solicitam: “eu agradeço primeiramente a Deus e ao Padrinho Ciço, eu pedi a ele e ele me deu, me deu o pão de cada dia, e me deu o meu amparo pra eu viver até o dia que ele quiser, né?” (DA).

Quando questionamos a diferença entre padre e padrinho, uma entrevistada nos explica: “Padrinho é uma pessoa bem próxima, na ausência do pai e mãe, o padrinho assume a missão. Com o Padim Ciço ele era como um pai. O padre ele é o pastor, ele não tem essa afetividade tão próxima como o padrinho. O padrinho tem um laço afetivo de família, o padre é de instituição” (AR).

A relação de afetividade, aprofunda a discussão do fenômeno Pe. Cícero. O laço de afetividade é o que diferencia as duas funções. Assim, o Pe. Cícero é, sobretudo, padrinho, sugerindo uma relação de proximidade e familiaridade, assim como, paternidade: “Desde pequena, via meu pai chamando de Padim, eu tenho ele assim, como uma pessoa que me ajuda. Eu tenho muita fé! Eu não tenho vergonha de chamar meu Padim Ciço”, (DR).

Para Dumoulin (2017), o romeiro vem para Juazeiro por acreditar que vai encontrar a cura das suas mazelas. Assim, “Juazeiro cresce à sombra da Mãe das Dores e sob a orientação do sacerdote que ensinou, em cada casa seja um oratório e uma oficina” (DUMOULIN, 2017, p. 248).

Como vimos, as narrativas apresentadas nesta subseção indicam que o Pe. Cícero é duplamente representado pelos romeiros como, padrinho e santo. Assim, os que são afilhados podem acessar as bênçãos materiais e espirituais por meio da fé, no poder sobrenatural dele. Essa crença tem mobilizado a saída dos romeiros devotos das suas cidades de origem para fixarem residência em Juazeiro do Norte. Assim, vimos que o Pe. Cícero foi definido pelos romeiros como, um padrinho santo capaz de fazer milagres, cujos atributos são: protetor, provedor, amparador, ajudador, cuidador, acolhedor, figurando como um pai para os romeiros.

Durante a primeira fase da pesquisa, identificamos que há uma equivalência entre o Pe. Cícero e Juazeiro, visto que a cidade foi fundada e “abençoada” por ele. Assim, a cidade ganha uma representação social de um lugar de prosperidade e provisão.

O entendimento sobre essa representação social aconteceu a partir da análise das categorias empíricas apresentadas no Quadro 9. Buscamos relacionar os principais fundamentos da teoria da representação social com os elementos de pesquisa, encontrados nas narrativas dos romeiros.

A seguir, apresentamos o quadro síntese que relaciona os aspectos da representação social e os elementos encontrados na primeira etapa de pesquisa.

Quadro 10- Síntese da representação social e elementos encontrados

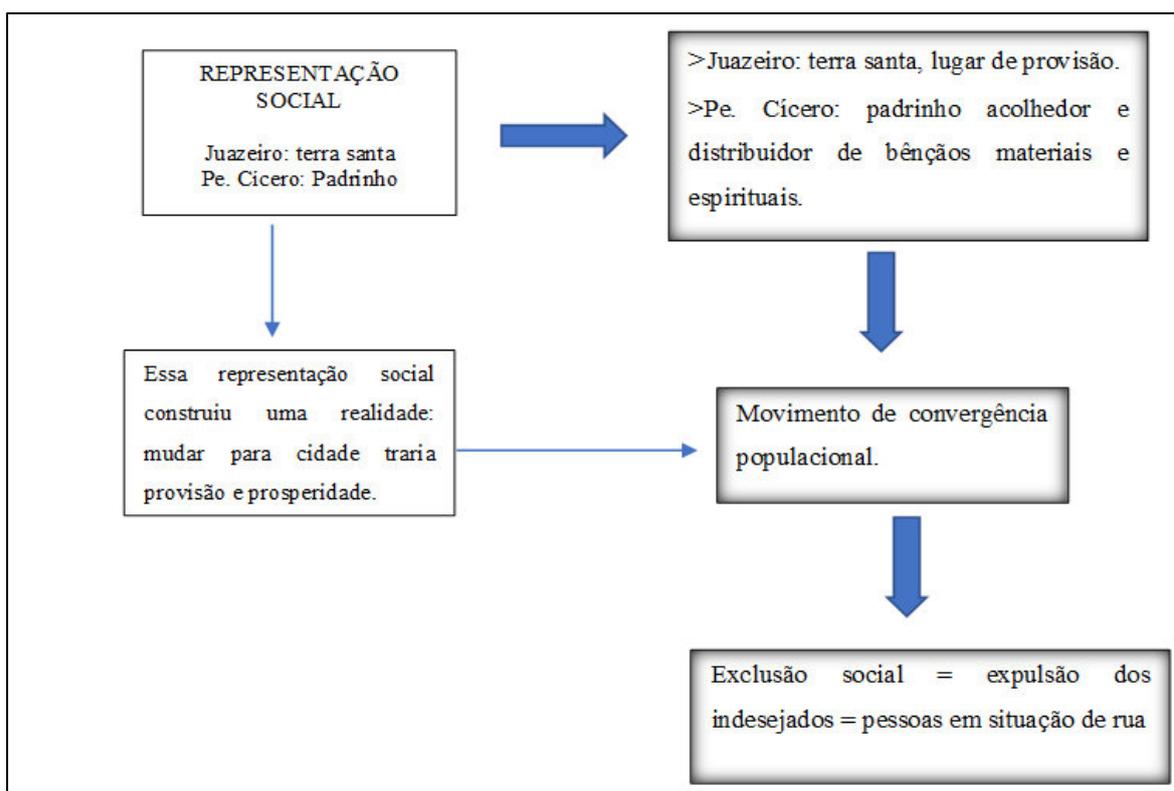
Representação social	Elementos encontrados
A representação social constrói uma realidade	O padrinho acolhedor e provedor gerou uma a realidade social de que Juazeiro seria a terra da salvação: “Quem não tiver o que comer e beber, venha para o Juazeiro que come e bebe” (TJ).
A memória é o lugar de registro das representações sociais	As representações sociais presentes na memória dos avós e pais foram compartilhadas com as novas gerações, mantendo a tradição das romarias: “Minha avó contou as histórias do meu Padim Ciço” (DA).
A transmissão das representações sociais acontece por meio da linguagem	A interação dos romeiros durante o período de romaria e também entre gerações criou um espaço de troca de experiência. Por meio da linguagem, as representações sociais foram transmitidas: “As pessoas vinham pro Juazeiro porque sabiam as histórias do Padim” (DR).
As interações sociais recriam e sustentam as representações sociais	As interações sociais entre os devotos enfatizam a dinâmica de reestruturação das representações sociais
As representações sociais criam uma identidade social que é compartilhada	Afilhados que recebem as bênçãos materiais e imateriais do padrinho: “Tudo o que eu tenho foi meu Padim que deu” (DA); “Ele sabe a quantia de afilhados do norte ao sul do sertão” (DD).
A representação social cria valores comuns que são compartilhados por um determinado grupo.	Ajuda mútua e solidariedade: “Dona Rosinha era como a mãe do horto, ela cuidava de todo mundo” (DA).
Compreensões sobre o Pe. Cícero	Padrinho acolhedor, padrinho conselheiro, padrinho conciliador, padrinho provedor, santo, professor. Visto na afirmação sobre a morte dele: “Ficaremos como gado sem pastor, como filho sem pai” (DD).
Comportamentos gerados	Morar em Juazeiro: “ter paciência e persistência” diante das situações de privação, “vendemos tudo e viemos embora pro Juazeiro” (DE).

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Durante a segunda etapa de pesquisa observamos que, Juazeiro foi descrito como uma Terra Santa e abençoada, porque foi “construída” pelo Pe. Cícero. Segundo os relatos dos romeiros, Pe. Cícero afirmava que todas as pessoas que chegassem a Juazeiro encontrariam acolhida, não morreriam de fome e nem de sede. Essa conceituação teceu uma representação social da cidade de Juazeiro como um lugar de provisão, cura e prosperidade. Desse modo, Pe. Cícero foi representado como um padrinho protetor que ajudava seus afilhados, distribuindo-lhes bênçãos materiais e espirituais.

Essa representação social elaborada sobre Juazeiro e o Pe. Cícero tem levado à construção de uma realidade: o movimento de convergência de romeiros de diversas partes do Nordeste para se tornarem moradores da cidade, com a expectativa de prosperar em áreas como finanças e saúde. Tal representação está relacionada às experiências dos pais e avós dos romeiros, mas também, ao chamado feito pelo Pe. Cícero aos devotos, visto que em seus sermões ele afirmava: “quem não tiver o que comer e beber, venha para o Juazeiro que come e bebe”. Os efeitos dessa representação social são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 11 - Representação social demonstrada pelos sujeitos da primeira etapa da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O chamado do Pe. Cícero para Juazeiro foi reforçado, a partir de um pedido feito em seu testamento. No documento, ele solicitava aos romeiros que, após sua morte, estes não abandonassem Juazeiro, especialmente os já domiciliados na cidade. De fato, mesmo com a sua morte, o processo de convergência para o Juazeiro prosseguiu reforçada pela crença do padrinho santo. Para todos os entrevistados, não havia qualquer dúvida do seu poder sobrenatural para continuar a distribuir as bênçãos de emprego e saúde aos seus afilhados. Assim, chegar a Juazeiro poderia garantir o recebimento da ajuda de que todos precisavam.

Sobre essa crença, ou “certeza” de que receberiam a “graça” perguntamos aos sujeitos da segunda etapa de pesquisa: quando vocês saíram das suas cidades em direção a Juazeiro, vocês vieram buscar ajuda? De onde viria a ajuda? Sobre esse questionamento, os participantes afirmaram que sim, saíram das suas cidades de origem e vieram até Juazeiro em busca de ajuda. SC relata que as pessoas chegam até Juazeiro, porque o Pe. Cícero fazia um chamado: “venha pro Juazeiro que come e bebe”. Por causa desse chamado, ele veio até a cidade em busca de emprego e, embora não tenha conseguido, acredita que seja uma provação divina:

Ele fazia um chamado ao nordestino, vem pro Juazeiro, vem pro Juazeiro... Agora eu me senti chamado, por isso eu vim... depois de tantos anos... aí fiquei desse jeito sem nem um lugar pra dormir o que dirá um emprego... será que isso é uma prova? Eu penso que é! (SC).

Os romeiros integrados que foram entrevistados na primeira etapa da pesquisa, relataram que o Pe. Cícero fazia um chamado ao povo, afirmando que no Juazeiro ninguém morreria de fome, nem de sede. Os que ali chegavam tinham a certeza de que seriam atendidos, bastava “ter paciência”. De fato, observamos que todos os romeiros entrevistados na primeira etapa da pesquisa, que haviam chegado na cidade entre o período de 1920 e 1970, conseguiram se estabelecer e melhorar de vida, quando comparados à vida que levavam em sua cidade de origem. Contudo, essa não é a realidade unânime dos dias atuais, e não pode ser deixada de lado, nas pautas sociopolíticas do município.

A partir da fala de SC, entendemos que ele se sentiu chamado por suas memórias, do tempo em que vinha a Juazeiro nas romarias junto de sua mãe. Essas experiências de infância e juventude fez com que ele tomasse a decisão de vir procurar ajuda em Juazeiro. Enquanto nas representações do primeiro grupo, o “chamado” estava relacionado ao contato direto entre os romeiros e o Padre Cícero, no segundo grupo o “chamado” é consequência das reverberações das representações sociais conduzidas pelos romeiros pioneiros. Nesse mesmo sentido, Jodelet (2001) apresenta o conceito de representações sociais, como um tipo de conhecimento

constituído no processo de interação e comunicação social, orientando comportamentos comuns a um determinado grupo.

Ainda sobre o depoimento de SC, destacamos o fato de que ele levanta um questionamento se a situação a qual se encontra é uma provação divina. Isso permite inferir que ele, possui a esperança de que toda essa situação seja superada e que possa conseguir um emprego e se estabelecer na cidade, assim como vimos nos relatos presentes na primeira etapa da pesquisa, que “bastaria ter paciência” e o padrinho abençoador apresentaria uma saída. Novamente, percebemos como o afeto “esperança” pode tanto estimular a permanência do migrante na cidade, quanto deixá-lo passivo diante da situação de vulnerabilidade social em que está imerso.

SJ também concorda com a afirmação de que, as pessoas vêm para Juazeiro em busca da ajuda do Pe. Cícero. Ele conta que sua avó era romeira e chegara a Juazeiro na década de 1930. Conseguiu construir um patrimônio, mas após sua morte a família perdeu esses bens por problemas de saúde: “Minha avó era romeira e veio pra cá buscar ajuda, ela conseguiu fazer a vida aqui...” (SJ).

O fator de a avó romeira do participante vir a Juazeiro em busca de ajuda e conseguir construir um patrimônio pode estar relacionado com o fato de a cidade, nos seus primórdios, ter suporte físico e econômico para absorver a mão de obra dos que ali chegavam. Entretanto, à medida que a cidade foi crescendo, assim como os processos de desigualdade, muitas pessoas começaram a vivenciar situações de desemprego e problemas no acesso a cargos e serviços.

No mesmo sentido, SC reafirma que a ajuda vem do “Santo Padim” e da sua condição sobrenatural: “Ajuda vem do meu Padim que é um santo junto de Deus e todo nordestino tem um amor por ele. O nordestino é um povo sofredor” (SC).

Além do padrinho abençoador, os participantes identificam a economia informal como outra forma de melhorar suas condições de vida, a partir da chegada dos romeiros no período de romaria:

A ajuda vem dos romeiros, porque na real... Juazeiro sem romeiro, não existia. Quando tem romaria você pode colocar um isopor de água que num instante vende. A romaria traz dinheiro pra cidade. Tudo que botar pra vender dá certo. Bota chocolate, milho, o que botar vende (SL).

Esse excerto reforça os relatos da primeira fase da pesquisa. Os entrevistados da primeira etapa destacaram a importância do comércio informal durante o período das romarias, para que eles melhorassem sua renda. A romaria movimentava a economia local e o comércio informal.

Nesta subseção seguimos observando que a principal motivação para chegar a Juazeiro está na promessa de conseguir melhorar de vida na terra próspera, mas as expectativas foram frustradas e aprofundaram a situação de exclusão social. Na próxima subseção, destacamos os novos elementos do contexto de permanência na cidade que foram encontrados considerando os dias atuais.

5.3 Novos elementos encontrados durante a permanência dos romeiros na cidade nos dias atuais.

As políticas públicas socioassistenciais locais para pessoas em situação de rua, são voltadas ao suprimento de necessidades básicas como a alimentação, distribuídas pelo Centro Pop e o restaurante popular. Essas iniciativas são importantes, mas não suficientes para reestabelecer sua potência de ação.

Sobre esse fato, destacamos as considerações de Sawaia (2001), segundo a qual, é preciso analisar em que medida as políticas públicas estão criando estratégias de inclusão perversa, que retroalimentam a ruptura de vínculos sociais. Nesse caso, as pessoas em situação de rua estão recebendo alimentação, mas não há ações direcionadas para restabelecê-los à sociedade. Afinal, a fome não é apenas de comida.

Essa compreensão reforça a necessidade de novos direcionamentos que contemplem com eficácia, a integração dos fatores que geram desenvolvimento.

É importante enfatizar que qualquer política ou medida de regulamentação que vise fortalecer o desenvolvimento sustentável só será efetiva se contar com a legitimação da sociedade e esta só virá por meio de um processo amplo e profundo de conscientização e comprometimento do indivíduo com a coletividade. Para isso acontecer é necessário, além de uma mudança de base ideológica, que também os fazedores de política tenham claro para quem e para que estão planejando (CHACON, 2007, p. 132).

Para os participantes do grupo focal, a estratégia para saírem dessa condição de exclusão social seria por meio da inclusão adequada no mercado de trabalho. JP relata a impossibilidade de conseguir emprego e o seu sentimento frente a essa situação, quando afirma que: “Eu levo muita humilhação... Já bati todo canto com esse currículo e ninguém quer... Sabe de uma coisa? Eu vou é tomar de quem tem... Se eu não arrumar um emprego vou entrar pro crime” (JP).

Destacamos novamente a presença do sentimento de humilhação na fala de JP por não conseguir emprego. As humilhações são a manifestação do sofrimento ético-político, uma dor proveniente das injustiças sociais (SAWAIA, 2001).

A situação de frustração do desempregado frente a sua nova condição social faz com que este, seja tomado pelo desânimo e pela resignação, desconectando-se dos vínculos sociais anteriormente estabelecidos. Seu sentimento de humilhação frente à realidade vivenciada passa a prejudicar as relações sociais do sujeito, ocasionando um estado de desintegração desses vínculos. Paugam (2001) afirma que, esse fato abre caminhos para a entrada do sujeito no estado de dependência dos serviços prestados pela assistência social.

JP afirma que “só quem sabe o que é essa vida de rua é quem tá nela. Tem vez que eu não durmo [...] paciência tem limite. Aqui nesse Juazeiro tem muita gente que humilha a gente” (JP). Esse excerto indica as manifestações corriqueiras de violência vivenciadas por quem está em situação de rua. Há um estigma de marginal, de vagabundo que inviabiliza o acesso a direitos básicos. Para Goffman (2008), o estigma é uma marca visível que torna as pessoas desacreditadas socialmente, tornando-se alvos fáceis de diversas formas de discriminação e violência.

A naturalização do fenômeno da exclusão e o papel do estigma servem para explicitar a natureza dos mecanismos que promovem o ciclo de reprodução da exclusão e a fragilização do vínculo social. A estigmatização da pobreza funciona através da lógica que faz os direitos serem transformados em ajuda, em favores, reforçando o processo de exclusão. Sendo assim, os novos excluídos são vistos como seres descartáveis, incômodos, perigosos, desnecessários, despreparados (WANDERLEY, 2001).

Assim, JP afirma que apenas as pessoas que têm o estigma das ruas podem entender a dimensão do sofrimento a que estão dispostos a todo instante. De fato, nós que conduzíamos o grupo focal não poderíamos mensurar, apenas nos constranger com tamanho sofrimento, diante de um cotidiano de violência.

Reportando-nos à compreensão da afetividade e exclusão na concepção de Sawaia (2001), é possível afirmar que, os sentimentos de vergonha e humilhação possuem relação com o processo de sofrimento ético-político, elemento que revela “a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social” (SAWAIA, 2001, p. 106). A vergonha e a humilhação fomentam o potencial de padecimento, que promove a servidão e aprisiona o sujeito.

Para encerrar o grupo focal, pedimos que completassem a seguinte frase: para mim, Juazeiro é... As respostas variaram, mas ainda confirmaram a representação social encontrada na primeira fase: “Juazeiro, terra de provisão”. Na concepção de FN, Juazeiro do Norte é “terra boa que acolhe a gente, mas tem que ter mudança dos que governam. A gente que passa por dificuldade, poderia ter um apoio. A gente precisa de um prato de comida, mas mais do que isso, a gente precisa de emprego” (FN).

O depoimento de FN reconhece que as políticas socioassistenciais da cidade de Juazeiro deveriam, de fato, superar a ação de dar um prato de comida. Os romeiros migrantes esperam mais. Há o desejo de emprego e a expectativa de que, com ele, venha a retomada da sua dignidade.

A única mulher do grupo focal só participou do último encontro. Não é o objetivo desse trabalho, discutir as relações de gênero no contexto da rua, mas podemos inferir que, a predominância masculina pode ter gerado um constrangimento que pode ter inibido sua participação. De qualquer forma, ela afirma que Juazeiro é, para si, “uma terra boa de se morar, porque tem gente que se preocupa com a gente. Terra abençoada que meu Padim Ciço Romão deixou pra gente viver né?! (MS).

Ao final do grupo focal, demonstrei meu interesse em conversar mais um pouco com MS para entender sua história, mas ela não deu abertura para a entrevista. Respeitei sua decisão, mas antes de ir embora, ela disse que veio até Juazeiro com sua mãe para conseguir uma graça e, após seu falecimento, ficou morando na rua. Esse fato chama a atenção quando vemos seu depoimento sobre Juazeiro. Apesar de estar morando nas ruas, afirma que é uma terra abençoada que o “Padim Ciço” deixou para ela viver. A participante foi embora e fiquei com dois sentimentos: a inquietação de saber mais sua história, mas, sobretudo, o respeito sobre o desejo de MS não falar sobre suas dores.

Já CV fala sobre Juazeiro com um tom de criticidade: “aqui é terra que as pessoas acham que vão resolver os problemas, mas não resolve não” (CV). De fato, essa é a questão que nos mobiliza nesta pesquisa. As pessoas têm uma representação de Juazeiro como terra abençoada e próspera e, por isso, esperam que os problemas materiais e imateriais sejam resolvidos. Entretanto, para alguns, não é essa a realidade encontrada ao chegar à cidade. Essa afirmação de CV sobre Juazeiro nos parece indicar que houve modificações na representação social do Pe. Cícero e da cidade, especialmente para pessoas que já chegam ao município em situação de vulnerabilidade.

Na pesquisa entre os romeiros integrados, Pe. Cícero surge em unanimidade como um padrinho abençoador e Juazeiro como terra próspera. Não é mais o caso entre romeiros recentes em situação precária. Esse novo elemento pode indicar um processo de autorresponsabilização que pode gerar uma potência de ação para mudar sua condição de vida: “Juazeiro é minha morada..., mas a pessoa tem que correr atrás não adianta esperar o santo entregar” (CV). Em outro excerto, PG declara: “Não é porque tem um santo lá em cima que vai resolver as coisas. Se eu não correr atrás eu não consigo. Aqui é uma cidade como outra qualquer” (PG). A

responsabilização sobre si, acerca da situação de vulnerabilidade, também abre amplo espaço de reflexão.

Durante o grupo focal ficou evidente na fala dos participantes sentimentos tristes como humilhação, medo e vergonha por estarem em situação de rua. Observamos, a partir das suas histórias, uma marca profunda de sofrimento, que os despersonaliza e rompe-lhes os vínculos sociais. Eles esperavam chegar a Juazeiro do Norte e melhorar suas condições de vida, ao contrário disso, precisam suportar o desamparo das ruas. Afinal, a cidade convive com todos os desafios dos grandes centros urbanos, entre eles o aprofundamento das relações de desigualdade e exclusão social.

A partir dos dados apresentados, entendemos que os participantes do grupo estão inseridos num contexto de sofrimento ético-político. Com a finalidade de sintetizar os resultados, apresentamos no Quadro 12 a relação entre os excertos da entrevista dos participantes e os sentimentos expressos nessas falas em decorrência da atual situação de rua:

Quadro 12 - Síntese dos sentimentos contidos no grupo focal

Depoimentos	Sentimentos
“Muitas vezes eu fico com fome, mas eu tenho vergonha de pedir”.	Vergonha
“Eu esperava chegar em Juazeiro e encontrar um trabalho, mas não encontrei nada, nem onde ficar”.	Frustração
“Eu vim porque achava que era o caminho do trabalho...”.	Frustração
“Me sinto no fundo do poço, me sinto muito fraco, não tenho o que comer nem onde dormir”.	Enfraquecimento Imobilidade
“Na rua ninguém tem sossego. Somos tratados feito vagabundo, feito bicho”.	Desqualificação social
“Na rua a gente vive com medo, medo da chuva, medo de pancada”.	Medo
“Eu levo muita humilhação, já bati todo canto com esse currículo e ninguém quer”.	Humilhação Rejeição

Fonte: Elaborado pela autora.

Como afirmam Estanislau e Ximenes (2016), a pobreza é multidimensional e possui raízes nos processos de desigualdade social. Nesse contexto, o pobre é culpabilizado por sua incapacidade de não alcançar um bom desempenho econômico. Os sentimentos de vergonha e humilhação se tornam parte da rotina de pessoas em situação de rua.

A humilhação é um processo promotor de rebaixamento moral, que impacta diretamente na autoestima do sujeito, deixando-o mais frágil e passível de servidão. Isso gera uma

deslegitimação da identidade pessoal e social do pobre como sujeito de direitos. Essa resignação e conformidade podem estar relacionadas ao sentimento de vergonha, rejeição e humilhação (ESTANISLAU; XIMENES, 2016).

Reportando-nos à compreensão da afetividade e exclusão de Sawaia (2001), é possível afirmar que, os sentimentos de vergonha e humilhação possuem relação com o processo de sofrimento ético-político, elemento que revela “a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social” (SAWAIA, 2001, p. 106). A vergonha e a humilhação fomentam o potencial de padecimento, que promove a servidão e aprisiona o sujeito.

A seguir, apresentamos no Quadro 13, as categorias empíricas que emanam dos relatos dos participantes do grupo focal, que revelam o aspecto da exclusão nos dias atuais.

Quadro 13 – Categorias Empíricas sobre exclusão social

Categorias empíricas do processo de exclusão social	Elementos encontrados
Privação de liberdade: Fome, dependência	Os usuários da casa descreveram uma situação de total dependência dos equipamentos sociais para não sucumbirem à fome. Alguns relataram que não têm dinheiro nem para comprar um sabonete, precisando da ajuda de outras pessoas. Essa condição fazia com que, se sentissem “no fundo do poço”. Um tipo de imobilidade diante da condição de dependência.
Privação de liberdade: Desemprego	Todos estavam na condição de desemprego. Um participante relatou sua indignação por ter seu currículo rejeitado em todos os lugares. Outros conseguiam algum dinheiro pedindo esmolas ou como flanelinhas.
Privação de liberdade: Situação de rua	Marcada pela violência e estigma social. A casa deles é o espaço público, praças, calçadas, incomodando os que passam. São vistos como vagabundos e ameaçam a ordem local. Por isso, relatam abordagens truculentas da polícia e violência física dos “cidadãos”.
Sofrimento ético-político: Isolamento social	Sofrem isolamento social, devido à perda das suas referências básicas, como a família de origem.
Sofrimento ético-político: Desqualificação social	O estigma social de moradores de rua os coloca como alvo da discriminação social.
Sofrimento ético-político: Ruptura de vínculos	A situação de rua é marcada pela ruptura de diversos vínculos sociais, tais como a ruptura com o trabalho, com a família, com os projetos de vida e com o grupo social. Há um processo de despersonalização, pois tudo que lhe referenciava deixa de existir. Um intenso sofrimento ético-político.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Percebemos que os usuários do Instituto Monsenhor Murilo se encontravam em uma situação de total dependência dos equipamentos sociais, caso contrário, sucumbiriam à fome nas ruas. Essa situação trazia o constrangimento de não ter qualquer autonomia sobre si, não tendo dinheiro nem mesmo para suprir suas necessidades básicas.

O desemprego era a realidade de todos. Durante o grupo de convivência, eles falavam da expectativa de conseguir um trabalho para suprirem suas necessidades básicas, como a alimentação. Um participante relata o desejo de experimentar um sanduíche de uma grande rede de *fastfood*, mas não pode, pois não tem qualquer dinheiro. Nesse caso, percebemos a relevância do trabalho e renda, para além da integração social, como instrumento de satisfação de necessidades de consumo.

Outro ponto é a própria situação de rua a qual os expõe ao constrangimento e aos riscos do espaço público, que variam desde a dificuldade de encontrar um banheiro até a truculência das abordagens policiais e dos moradores da cidade. A rua os expõe à desqualificação social, sendo percebidos como marginais ou apenas, uma “sujeira” na paisagem da cidade.

Por fim, outros dois pontos que estão relacionados são, o isolamento social e a ruptura de vínculos. A saída de casa, do convívio com os familiares trouxe a primeira ruptura de vínculos. Tais pessoas deixam de ser esposos, pais e passam a viver fora de um núcleo que o referencie como sujeito. Os dias e noites nas ruas passam a ser de isolamento social, o ajuntamento em grupos de pessoas de rua acontece mais, como uma forma de sobrevivência do que, vínculos de amizade. Outros vínculos se rompem como o trabalho, as relações sociais e, pouco a pouco, parece haver a dissolução de uma identidade. Agora, a vergonha e humilhação parecem ser o que lhes referência. Sob essa égide de sofrimento ético-político, está o desafio do desenvolvimento proposto por Amartya Sen (2010).

Neste capítulo discutimos as representações sociais do Pe. Cícero e Juazeiro do Norte, construídas pelos romeiros atendidos pela Pastoral da Romaria da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. O capítulo foi formado a partir de duas categorias temáticas: Terra de oração e trabalho e Santo padrinho ou padrinho santo? No capítulo a seguir apresentamos uma discussão sobre as principais reverberações das representações sociais, expressas nos dois grupos analisados.



G. S. 1900 missa dos chopins - foto p/lo do fuzero 2001

6. JUAZEIRO DO NORTE NOS DIAS ATUAIS: URBANA, DESIGUAL E “ABENÇOADA”

Neste capítulo, analisamos as representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro e suas possíveis repercussões nos processos de integração ou exclusão social dos romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

Para alcançarmos esse objetivo, apresentamos uma síntese dos resultados e análises aos quais chegamos, a partir de matrizes comparativas entre os sujeitos da primeira etapa da pesquisa (romeiros hoje integrados, que chegaram a Juazeiro entre os anos de 1920 e 1970) e os da segunda etapa (sujeitos que chegaram à cidade a partir dos anos 2000 e ficaram em situação precária). Para tanto, partimos das quatro categorias temáticas elencadas nesta tese: a chegada ao “Santo” Juazeiro; a permanência na cidade; Terra de oração e trabalho e padrinho “Santo” ou “Santo” padrinho?

A Teoria das Representações Sociais construída por Moscovici (2012) analisa valores e identidades sociais, presentes no cotidiano dos sujeitos, capazes de produzir comportamentos comuns a um determinado grupo. A representação social é transmitida por meio da linguagem durante a interação social. Portanto, está localizada na memória e se manifesta no espaço público. Partindo desses elementos que compõe a representação social, apresentamos como tais representações foram construídas entre os sujeitos e, suas reverberações nos processos de integração e exclusão social nos dias atuais.

Ao final da descrição de cada categoria temática, apresentamos uma matriz comparativa que demonstra os principais elementos constituintes das representações sociais dos dois grupos de romeiros, tanto os que conseguiram se integrar à cidade como os que, ficaram em condição de exclusão social. Nessas matrizes, podemos visualizar a descrição dos processos e as mudanças que ocorreram nas representações sociais desses dois grupos, a partir de três parâmetros os quais, numeramos da seguinte forma: 1. Mantém; 2. Mantém parcialmente; 3. Mudou.

Essas categorias e parâmetros foram definidos de acordo com a dinâmica da pesquisa e dos aspectos metodológicos adotados. O quadro comparativo aponta um importante recorte da investigação, onde os entrevistados (os quais representam dois grupos da população romeira) puderam expressar as representações sociais formadas acerca do fenômeno estudado. A participação popular foi fundamental nessa pesquisa, como instrumento de valorização dos

sujeitos e o reconhecimento da atuação popular na manutenção do fenômeno estudado. A primeira seção descrita a seguir, apresenta as motivações dos sujeitos para a chegada à Juazeiro.

6.1 A chegada ao “Santo” Juazeiro

A chegada de pessoas até Juazeiro estava relacionada com a expectativa de conseguir ajuda. Enquanto o Pe. Cícero era vivo, o sacerdote era o centro da redistribuição de bênçãos materiais ou não. À medida que os romeiros tinham suas petições atendidas, elas retornavam para suas cidades de origem e compartilhavam suas experiências sobre o padrinho abençoador. Essa interação encorajava outras pessoas a também se deslocarem em direção ao Juazeiro, em busca de auxílio.

Nessa primeira etapa da pesquisa, os sujeitos entrevistados eram filhos ou netos dos primeiros romeiros que foram recebidos pelo Pe. Cícero. Ao chegar à cidade em romaria, eles se dirigiam à casa do Pe. Cícero para anunciar a chegada e pedir ajuda. Em geral, estavam em busca de emprego ou conselhos. Na maior parte das vezes, os romeiros que chegavam, passavam um tempo na cidade e depois voltavam para seus estados. Os romeiros residiam em diversos municípios do Ceará e de outros estados, principalmente Paraíba, Pernambuco, Alagoas e até Sergipe.

Ao retornarem aos seus locais de origem, compartilhavam com amigos e outros parentes que, em Juazeiro, tinha um padre que ajudava aos pobres. Foi relatado no capítulo anterior que Juazeiro parecia um hospital, com pessoas vindas de vários lugares para serem tratados e curados. Essa representação de Juazeiro como lugar de provisão e segurança era reforçada pelos sermões do Pe. Cícero, que afirmava: “quem não tiver o que comer, venha para o Juazeiro que come e bebe”. Considerando o abandono do Estado ao sertão Nordeste, no final do século XIX e início do século XX, era de se esperar uma grande movimentação de sertanejos em busca de auxílio.

Várias características expressam a diversidade de funções que ele ocupava na vida dos devotos, desde conselheiro espiritual, educador e até mesmo, procurado em situações de enfermidades. Essas características, para além do discurso oral, encontram-se registradas na história local e em diversas pesquisas que retratam a atuação pastoral e política desse personagem histórico (BARROS, 2008).

Nesse contexto, a cidade de Juazeiro surge. De um pequeno vilarejo do Crato, torna-se um centro comercial e começa a inquietar as cidades vizinhas, devido ao grande fluxo de pessoas, principalmente após o “milagre da hóstia”. Após esse “milagre”, no imaginário

popular, Juazeiro passou a ser vista ou representada como, a Nova Jerusalém, onde o sangue de Jesus havia sido derramado por misericórdia aos pobres sertanejos. (DELLACAVA, 2014)

De modo processual, foi se constituindo um grupo social denominado de romeiros, ou mesmo, afilhados do “Padim Ciço”. Um tipo de identidade social que favorecia comportamentos comuns, como por exemplo, ter como desejo morar na cidade de Juazeiro. As ações e comportamentos gerados estavam relacionados à tomada de decisão de permanecer na cidade e receber as bênçãos do padrinho.

Uma característica comum aos romeiros que frequentam a cidade de Juazeiro são os seus diversos rituais e performances, que denotam a forte característica de religiosidade na cidade, fortalecida pela atuação popular. Esse perfil religioso traçado pela ação popular fortalece às diversas práticas de religião e, no contexto do catolicismo, promovem uma multiplicidade de dinâmicas socioculturais (ANDRADE, *et al.*, 2019).

Em períodos de romarias, na cidade de Juazeiro do Norte, é comum serem observadas práticas de expressões populares, imbuídas de características religiosas. Essas dinâmicas são expressas em forma de rituais e performances que perpassam os ritos institucionais locais e reconfiguram a forma de expressar a fé (ANDRADE *et al.*, 2019).

Durante os anos, foi sendo desenhada uma representação social sobre o Pe. Cícero e Juazeiro do Norte, passando a ser parte da memória coletiva dos romeiros e de outras pessoas, comerciantes, políticos. Cícero passou a ser chamado de padrinho, ou “Padim Ciço”, indicando uma relação pessoal e afetiva, um padrinho que distribui presentes físicos e espirituais, como terra para plantar, mantimentos ou bênçãos em geral para seus afilhados. A saída do lugar de origem acontecia com a certeza de que, ao chegar a Juazeiro, Pe. Cícero mostraria um lugar para o recomeço da vida. Eles vinham “confiando no Pe. Cícero e na Mãe de Deus” (Ir. Annette).

A cidade foi descrita pelos entrevistados do primeiro grupo, como terra próspera e de proteção, o que está diretamente relacionado com a representação social do Pe. Cícero como um padrinho santo, provedor de dádivas e da acolhida. Juazeiro seria um refúgio onde os grupos vulneráveis poderiam se estabelecer para fugir do contexto adverso em que viviam em suas cidades de origem.

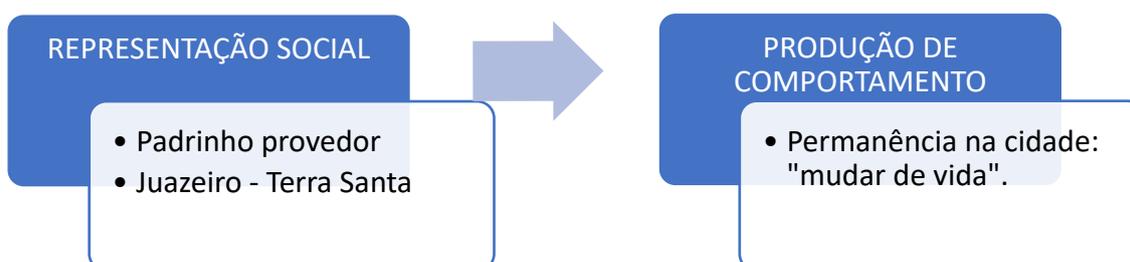
Segundo Moscovici (2012), a representação social sustenta uma realidade. Assim, a associação dessas duas representações sociais, “padrinho santo” e “terra de prosperidade”, gerou uma realidade, ou seja, uma cidade com grande fluxo de pessoas que esperavam sair da sua condição de exclusão social. A representação construída estabeleceu uma equivalência entre Pe. Cícero e Juazeiro, na medida em que, a cidade é fundada e abençoada por ele. A

representação social da cidade é de um lugar de prosperidade e provisão, porque foi abençoada pelo santo padrinho.

Moscovici (2012) demonstrou que a representação social é um processo perceptivo que sustenta uma realidade construída socialmente. Desse modo, é comum observar comportamentos e pensamentos semelhantes em pessoas de um mesmo grupo. Isso acontece porque foi construído um tipo de identidade social que situa os indivíduos em ações comuns. As representações sociais são compartilhadas e ressignificadas por meio da linguagem durante a interação social. Os conteúdos da representação são consensuados de modo a organizar o comportamento.

Podemos considerar que a representação social de um padrinho santo e provedor, produziu um comportamento de saída de romeiros de várias localidades do Nordeste para se fixarem na cidade de Juazeiro do Norte, com a expectativa de mudar de vida. A Figura 24 apresenta essas representações.

Figura 24 - Representação Social do Pe. Cícero e de Juazeiro do Norte, obtidas na primeira etapa da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A representação social do Pe. Cícero como padrinho provedor, forjou a crença de que Juazeiro seria o lugar onde os romeiros encontrariam o suprimento das necessidades básicas para superar a situação de vulnerabilidade, vivenciada no local de origem. Os efeitos dessa representação social foram um rápido processo de urbanização e avanço demográfico, que trouxeram para Juazeiro todas as contradições e disfunções dos grandes centros urbanos.

A desigualdade social foi o primeiro elemento. À medida que Juazeiro se tornou um grande centro comercial, industrial e posteriormente universitário, questões como a ocupação irregular, falta de saneamento básico, violência urbana, falta de moradia, entremeavam a rotina da cidade. Essa mudança na realidade de Juazeiro explicita diferença com a representação social construída.

O fator que favoreceu a saída recente dos romeiros de suas cidades de origem, é decorrente também, da crença de que poderiam encontrar emprego em Juazeiro. Essa crença de Juazeiro como “terra da provisão” veio das memórias compartilhadas entre as gerações. Assim, as memórias (re)apresentam o que estava ausente e o “chamado” do Pe. Cícero reverbera nos dias atuais, trazendo as gerações seguintes até Juazeiro. No Quadro 14, expomos nossa primeira matriz comparativa entre os sujeitos da primeira e segunda etapa da pesquisa, contendo as representações que motivaram a vinda dos romeiros para a cidade que se refere à categoria, “A chegada ao Santo Juazeiro”.

Quadro 14 - A chegada ao Santo Juazeiro

A chegada ao santo Juazeiro		
I etapa (Romeiros integrados)	II etapa (Romeiros em situação de exclusão)	
<p>Chegaram inicialmente para visitar em romaria e, a partir disso, desenvolveram o desejo de um dia permanecer como morador a fim de melhorar de vida. (A interação social favorece a construção da representação social de “Terra de provisão”).</p>	<p>Mantém parcialmente</p>	<p>A chegada à cidade acontece porque acreditam que ali podem ter uma vida melhor. (Acreditam na representação social de “Terra de provisão”, compartilhada pelos pais e avós).</p>
<p>A chegada era motivada pelas histórias compartilhadas, quando os romeiros voltavam para suas cidades. (A memória e interação social favorece a construção da representação social de terra de provisão e padrinho abençoador).</p>	<p>Mantém</p>	<p>A chegada continua sendo motivada pelas memórias compartilhadas entre filhos, pais e avós. (A representação social de terra de provisão foi compartilhada por gerações, trazendo filhos e netos).</p>
<p>Os romeiros afirmam que ouviram o “chamado” do Padre Cícero para virem a Juazeiro. “Venham para o Juazeiro que vocês não morrem de fome”. (A linguagem reapresenta o que estava ausente. Assim, o “chamado” reverbera em suas memórias e os trazem até Juazeiro).</p>	<p>Mantém Parcialmente</p>	<p>Em menor frequência, eles afirmam que vieram à cidade devido ao “chamado” que o Padre Cícero fez. “Estava passando precisão e lembrei do chamado do meu Padim” (A linguagem reapresenta o que estava ausente. Assim, o “chamado” reverbera em suas memórias e os trazem até Juazeiro).</p>
<p>Todos saíram das suas cidades com a certeza de que iriam melhorar de vida. (A representação social está pautada em uma crença e produz uma realidade).</p>	<p>Mantém Parcialmente</p>	<p>Mesma expectativa e motivação, mas logo vêm as falas de frustração, por não conseguirem melhorar de vida. (A representação social está pautada em uma crença e produz uma realidade).</p>
<p>Chegavam a Juazeiro, porque achavam que todos os seus problemas seriam resolvidos pelo fato de</p>	<p>Mantém</p>	<p>Chegaram com a mesma expectativa, mas relatam a frustração.(A representação social</p>

estar na terra abençoada do padrinho. (A representação social está pautada em uma crença e produz uma realidade).	Parcialmente	está pautada em uma crença e produz uma realidade).
A religiosidade é um elemento de destaque nas falas. O Padre Cícero era descrito como padrinho cuidador do sertanejo e a cidade do Juazeiro é abençoada por ele e ninguém passa fome. Essa crença se espalha pela linguagem e interação social. (A religiosidade está no núcleo da representação social).	Mudou	O fator religiosidade não tem a mesma unanimidade. O que se manteve foi a representação social de Juazeiro como “Terra de provisão”. Pela primeira vez, observamos uma separação entre o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro. (Prosperidade material como núcleo da representação social).

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nesta seção, identificamos que a motivação dos sujeitos da primeira etapa de pesquisa estava ancorada na representação social do padrinho acolhedor que respondia as petições dos romeiros, por isso, Juazeiro se tornou uma terra abençoada e próspera. Essas representações eram compartilhadas pela memória e linguagem durante a interação social, incentivando que mais pessoas chegassem a Juazeiro.

Já na segunda etapa, os sujeitos chegaram à cidade crendo nessa mesma representação compartilhada por seus pais e avós, mas logo relatam frustração por não encontrar a terra de provisão, anunciada anteriormente.

Os romeiros saíam de suas cidades de origem com a expectativa de melhorar suas condições de vida. Acreditavam que, ao vir morar em Juazeiro, sairiam da condição de pobreza. Segundo Moscovici (2012), a representação social é construída por meio de dois movimentos: ancoragem e objetivação. O primeiro acontece quando um novo conceito é aprendido e passa a ser incorporado nas crenças dos sujeitos. A manifestação da ancoragem acontece por meio da objetivação, ou seja, a externalização dessas crenças. Assim, a ancoragem ou a crença no “Padrinho Cícero abençoador” foi observada a partir da objetivação, por meio da decisão de permanecerem na cidade como moradores. A seguir, apresentamos os processos de permanência e as modificações ocorridas a partir dos dados obtidos na investigação, considerando os dois grupos analisados.

6.2 A permanência na cidade

Os romeiros relataram que saíram das suas cidades de origem, porque estavam em condição de vulnerabilidade social em aspectos diversos, desemprego, problemas de saúde.

Muitos venderam todos os seus pertences e vieram morar na cidade sem nenhuma garantia de moradia ou emprego, assim a permanência na cidade acontecia em situações de extrema pobreza.

De acordo com as narrativas, os romeiros da primeira etapa da pesquisa, salientaram que a permanência na cidade aconteceu com diversas dificuldades de moradia e alimentação. Mas, conseguiram se estabelecer na cidade, devido à rede de apoio composta por entidades católicas e moradores locais, que trouxeram acolhimento aos que chegavam. Nesse período, havia um vínculo comunitário de solidariedade que favorecia a superação das situações de vulnerabilidade, como o desemprego e a falta de moradia. Com esse apoio, Juazeiro foi se constituindo como um lugar acolhedor, vindo a reforçar a representação social de terra próspera e abençoada pelo Pe. Cícero.

A característica da solidariedade é descrita por Chacon (2007) como um dos aspectos presentes na vida dos sertanejos. Segundo a autora, esse sentimento está voltado para a superação dos desafios vivenciados pelo povo, especialmente os que se referem à escassez de água. Nesse contexto, a solidariedade foi um aspecto importante, identificado na pesquisa, que se traduz em uma particularidade da formação do município (Juazeiro do Norte), adotado por sertanejos de diversos estados.

Atualmente, Juazeiro do Norte é uma cidade com grande densidade demográfica e com diversos problemas socioambientais, como a falta de saneamento básico e as ocupações irregulares. Tais questões estão relacionadas à desigualdade social e suas contradições. Juazeiro cresce como grande centro comercial de insumos e serviços, mas a população sofre com situações extremas de vulnerabilidade social. Nesse contexto de ampla desigualdade e vulnerabilidade social que podem ser percebidas na cidade, questionamo-nos: como ficam os romeiros que chegam à Juazeiro nos dias atuais? Em quais condições permanecem ali?

Ao contrário do que esperavam muitos romeiros permanecem na cidade na condição de desemprego, e até aprofundam sua situação de vulnerabilidade e exclusão social, por perderem os laços familiares e ficarem nas ruas. Essas pessoas são acolhidas pelos equipamentos sociais do município e pela Pastoral da Romaria no Instituto Monsenhor Murilo, local onde realizamos a segunda etapa das entrevistas.

Segundo dados do IPEA (BRASIL, 2016), o número de pessoas em situação de rua no Brasil chegou a 101.854 pessoas. Esse número foi acentuado a partir da década de 1980, devido ao processo de urbanização irregular, proveniente da saída das pessoas do campo, além da crescente desigualdade social. Mais adiante, na década de 2000, começam a surgir as políticas públicas socioassistenciais, como a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que

criaram intervenções para mitigar os efeitos das situações de vulnerabilidade social, vividas pelos grupos de menor poder aquisitivo.

No que se refere à pauta das pessoas em situação de rua, na pasta da Proteção Social Especializada, a partir da Portaria N° 843, de 28 de dezembro de 2010, foi disposto sobre os serviços referentes ao suporte das populações em situação de rua, em especial sobre as ações realizadas pelos Centros de Referências Especializadas da Assistência Social (CREAS) e pelos Centros Pop (BRASIL, 2010). Em Juazeiro do Norte, há equipamentos sociais da PNAS que são vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho, como o Centro Pop e o restaurante popular que atendem a esse público. Acerca das entidades do terceiro setor, o Instituto Monsenhor Murilo é uma entidade de caráter religioso que também, acolhe pessoas em situação de rua.

Já os romeiros que decidiram morar em Juazeiro nos dias atuais, considerando o perfil do grupo pesquisado, chegaram a partir das memórias compartilhadas por seus pais e avós: “Juazeiro é terra boa onde ninguém passa fome”. A promessa da Terra Santa e próspera compartilhada entre gerações seguiu fomentando a representação social de terra abençoada pelo Pe. Cícero. Juazeiro foi representado socialmente como um lugar de acolhimento e provisão, onde ninguém morre de fome. Assim, a representação social compartilhada pelos pais e avós, respalda esse movimento de chegada de novos moradores.

Quando chegaram a Juazeiro, encontraram um grande centro urbano com poucas condições de integração produtiva. Nesse momento, o que se instala é uma desilusão sobre a “cidade dos sonhos”. Alguns entendem como uma provação divina e esperam sair dessa situação de miséria.

Contudo, não conseguiram emprego e acabaram ficando em situação de rua, dependendo das ações socioassistenciais que a cidade oferece para não morrerem de fome. Nesse contexto, destacamos o Centro Pop e o restaurante popular que compõem a PNAS e o Instituto Monsenhor Murilo vinculado à Basílica de Nossa Senhora das Dores.

Para Harvey (2008) a relação da economia de mercado e da lógica capitalista neoliberal incide em diversas fragmentações socioculturais que tencionam a efetivação de direitos, entre eles, o direito à cidade. Embora haja um cenário de expansão urbana que ganha forças há décadas, o direito de estar inserido na cidade, não se apresenta de forma harmônica, especialmente pelas características individualistas de acesso aos recursos urbanos. “O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade” (HARVEY, 2008, p. 74).

A discussão sobre direito à cidade está relacionado aos efeitos dos processos de desigualdade social que gera exclusão social. Embora Juazeiro do Norte apresente significativos ganhos econômico, a distribuição desses recursos é desigual e gera exclusão. A lógica da exclusão é característica do modelo econômico hegemônico (CHACON, 2007). Essa relação impede a integração social, por fortalecer características individualistas, de sobreposição e de busca constante pelo lucro.

Desde o início, as cidades emergiram da concentração social e geográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos. Esta situação geral persiste sob o capitalismo, claro, mas como a urbanização depende da mobilização de excedente, emerge uma conexão estreita entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização (HARVEY, 2008, p. 74).

A perspectiva das ações capitalistas, onde o acesso a bens básicos se dá por recursos monetários (negados a uma parcela da população), o desemprego e a falta de laços de solidariedade/coletividade mais ampliados fomentam a realidade de exclusão social dos romeiros do segundo grupo da pesquisa. Para Chacon (2007) é importante compreender que, não há possibilidades de desenvolvimento sustentável em cenários de exclusão, onde não se considera a coletividade de maneira real, na promoção do desenvolvimento.

A presença de uma rede de apoio e acolhimento dos moradores da cidade é uma diferença identificada. Agora, não há mais uma comunidade que recebe e acolhe os que ali chegam. Os romeiros dos dias atuais relataram que, ao chegar à cidade, buscaram os antigos amigos, mas não os encontraram, pois alguns haviam morrido; outros, mudado de cidade. Essa falta de acolhimento na chegada ocasionou que ficassem em situação de rua. O apoio e acolhimento vieram apenas do Instituto Monsenhor Murilo e dos equipamentos sociais descritos anteriormente, que os auxiliam com o mínimo para sobreviver, isto é, duas ou até três refeições por dia. Também foi relatado apoio pontual na aquisição de alimentos, através de grupos de voluntários ligados às diversas instituições religiosas locais.

A pesquisa aponta o baixo número de instituições que de modo efetivo buscam estabelecer relações de maior aproximação com esses sujeitos. Ressalta-se nesse contexto, que as Instituições de Ensino Superior devem atentar para esse perfil da população, haja vista iniciativas de integração que podem ser geradas a partir de pesquisas e atividades de extensão acadêmica.

No Quadro 15, apresentamos a segunda matriz comparativa, que se refere à categoria 2, “Permanência na cidade”, contendo as representações dos romeiros que conseguiram se estabelecer na cidade e os que ficaram em condição de exclusão social.

Quadro 15 - Permanência dos romeiros na cidade: comparação entre os grupos pesquisados.

A permanência na cidade		
I Etapa (Romeiros integrados)	II Etapa (Romeiros em situação de exclusão)	
Os romeiros saíram da cidade de origem com a expectativa de sair da pobreza. (As representações sociais estão pautadas em crenças que produzem uma realidade: mudar para Juazeiro seria melhorar de vida).	Mantém	Os romeiros vieram crendo no que seus pais e avós contavam: “Juazeiro é terra boa que ninguém passa fome”. (As representações sociais são compartilhadas por meio da memória coletiva).
Permaneceram na cidade em condições de extrema pobreza, mas conseguiram superá-la devido à rede de apoio e vínculos comunitários. (Vínculos comunitários sustentam a permanência).	Mudou	Chegaram à cidade em condição de pobreza e aprofundaram essa situação ficando nas ruas, com o apoio apenas dos equipamentos sociais e do Instituto Monsenhor Murilo (Não há mais vínculos comunitários/ há situações de privação).
Juazeiro foi descrito como lugar onde conseguiram melhorar de vida. (As representações sociais de Juazeiro e do Pe. Cícero foram reforçadas pela experiência positiva).	Mudou	Juazeiro não é mais o lugar de referência para melhorar de vida, mas de sofrimento. (As representações sociais compartilhadas pelas memórias dos pais e avós são confrontadas com a exclusão social, gerando novas representações).
Descrevem um sentimento de acolhimento e pertencimento à cidade. Logo superaram as dificuldades da pobreza. (Vínculos comunitários sustentam a permanência).	Mudou	Não encontraram os amigos de outros tempos e ficaram nas ruas. O sentimento é de solidão e isolamento. (Não há mais os vínculos comunitários almejados / há situações de privação).
A religiosidade foi o que impulsionou a decisão de permanecer na cidade: “Juazeiro terra de salvação”. (As representações sociais de Juazeiro e do Pe. Cícero foram reforçadas pela experiência positiva).	Mudou	A religiosidade não é mais unanimidade nas narrativas. Ainda há referência ao padrinho “Santo”, mas com menor intensidade. (As representações sociais do Pe. Cícero mudaram).
Não há qualquer menção da responsabilidade do poder público. Há conformidade e resignação frente às situações de vulnerabilidade logo que chegaram à cidade.	Mudou	Observamos falas de indignação sobre a falta de ação do poder público frente à situação de miséria em que estão imersos. (Reconhecem a responsabilidade do poder público).
O sentimento de estar morando na cidade era de contentamento por ter tido êxito e vida “bem sucedida”, filhos, casa própria. Não	Mudou	Relatam situações de vergonha e humilhação. O sentimento de morar na cidade é de desamparo e solidão. Descrevem a presença de desqualificação

houve desqualificação social, mas de acolhimento e ajuda mútua. (As representações sociais de Juazeiro e do Pe. Cícero foram reforçadas pela experiência positiva).		social, estigma e violência física advindas de moradores da cidade e da polícia. (Aprofundamento da exclusão social / sofrimento ético-político).
Apesar da vulnerabilidade social, não houve relato de situações de uso de álcool e outras drogas. (A religiosidade favoreceu a superação do sofrimento).	Mudou	Pessoas em situação de extrema vulnerabilidade. Relatam uso do álcool e outras drogas, além do adoecimento físico e mental. (Aprofundamento da exclusão social / sofrimento ético-político)

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nesta seção, observamos que para os romeiros recém-chegados, houve uma diferença entre as representações sociais compartilhadas pelos seus pais e avós, de Juazeiro como terra boa, próspera e abençoada pelo Pe. Cícero. Relatam que a permanência na cidade tem fortalecido situações de solidão, isolamento, violência física e simbólica. Para esse grupo, o sentimento de morar na cidade não é descrito com alegria, mas como sinônimo de desamparo. Houve um agravamento da condição de exclusão social após fixarem residência em Juazeiro.

6.3 Terra de oração e trabalho

Na primeira etapa de pesquisa, os sujeitos relataram as diversas dificuldades enfrentadas para conseguir permanecer na cidade, especialmente no que se refere a trabalho e moradia. Esses problemas foram superados e afirmam ter melhorado de vida após se fixarem em Juazeiro. Segundo os relatos, o Pe. Cícero proporcionou “um meio de vida” para eles, mesmo após a sua morte, os devotos relataram milagres: “ele me deu graça do trabalho”. Foi nesse primeiro contexto de pesquisa que emergiu como representação social de Juazeiro a categoria “Terra de oração e trabalho”.

Os sujeitos seguiram chegando a Juazeiro por acreditarem nessa representação social de uma “Terra de oração e trabalho”, compartilhada por seus pais e avós, mas ao chegar à cidade se depararam com o anonimato. Os velhos amigos haviam morrido, ou mesmo mudado de cidade, e não encontraram pouso. Eles já chegavam sem reserva financeira, à falta de dinheiro agravava a situação de vulnerabilidade e impossibilitava o acesso a bens e serviços básicos, como comprar alimento, pagar uma pousada, passando a dormir na rodoviária da cidade.

Observamos que os sujeitos entrevistados nas duas etapas chegaram à cidade em condição de exclusão social. Mas a diferença entre eles está no período de chegada e as

condições sociopolíticas vivenciadas. No primeiro grupo (romeiros que chegaram a Juazeiro entre 1920 e 1970) um dos fatores mais significativos identificado nos relatos foi a presença de uma rede de apoio composta pela pastoral da romaria e moradores da cidade. Com isso, houve o estabelecimento das famílias no território de tal modo que, afirmam estar em melhores condições de vida, do que na cidade de origem.

Já os romeiros sujeitos da pesquisa que chegaram mais recentemente na cidade, não conseguiram se integrar, ficando em condições de exclusão social. Esse elemento pode estar relacionado com o crescimento desordenado da cidade que aprofundou as situações de desigualdade, impedindo o acesso dos sujeitos a cidade como outrora. Alguns entendem que a situação de rua é uma provação divina e que, no tempo certo, o padrinho proverá trabalho aos seus afilhados. Essa é uma espera longa, que causa sentimento de culpa por ainda não merecer a graça de alcançá-lo. Estaria então o afilhado sendo punido pelo Padrinho?

Sobre essa questão, ficou evidente o sentimento de frustração por não ter encontrado em Juazeiro a “Terra de oração e trabalho”, como foi anunciada por seus pais e avós. No Quadro 16, apresentamos a terceira matriz comparativa entre os grupos da pesquisa, que se refere à categoria 3, “Terra de oração e trabalho”:

Quadro 16 - Terra de oração e trabalho: comparação entre os dois grupos da pesquisa

Terra de oração e trabalho		
I Etapa (Romeiros integrados)	II Etapa (Romeiros em situação de exclusão)	
O Padre Cícero era referência de acolhimento e direcionamento para o trabalho. (Representação social de padrinho abençoador).	Mantém Parcialmente	Chegam em busca de trabalho, a partir das representações sociais trazidas por seus pais e avós, “Juazeiro é terra boa”. Contudo, não encontram e ficam nas ruas. (Sentimento de tristeza e frustração; sofrimento ético-político).
Após sua morte, os romeiros relatam as “graças” alcançadas no trabalho: “meu Padim me deu a graça de aprender um ofício”. (Representação social de padrinho abençoador)	Mudou	Não houve menção às “graças” alcançadas relacionadas ao trabalho. (A religiosidade não é mais um atravessamento protagonista para os migrantes atuais, apesar de ainda existir).
Relatam que aprenderam novas habilidades, artesanato, composição de benditos, por meio de milagres. “Eu sonhei com meu Padim e no outro dia amanheci sabendo.” (Representação social de padrinho abençoador)	Mudou	Não relatam nenhum tipo de habilidade aprendida por milagre ou “graça” que os levaram a um trabalho. (O contexto da vivência na cidade não está atrelado à perspectiva de dádivas divinas, mas marcado pela falta de oportunidades/ Situações de privação).

A economia informal que acontecia durante as romarias era o sustento dos que já estavam na cidade como moradores. (Vínculos comunitários, ajuda mútua)	Mudou	A principal prática de “ajuda” acontece por meio do Instituto Monsenhor Murilo, Centro Pop e por esmolas distribuídas pelos romeiros visitantes. (Relação de dependência; Situações de privação)
Havia uma relação de encorajamento e valorização do Pe. Cícero (real ou sobrenatural) para os romeiros em relação ao trabalho. (Representação social de padrinho abençoador)	Mudou	Há um sentimento de vergonha e humilhação por não ter oportunidades de trabalho (Aprofundamento da exclusão; sofrimento ético-político).
Chegaram à cidade em condições de pobreza, mas, apesar de todas as dificuldades, todos os entrevistados conseguiram trabalho. (Terra abençoada)	Mudou	Esperavam achar trabalho como seus antepassados. Entretanto, não encontraram. “Eu achava que era o caminho do trabalho”. (Sentimento de frustração; sofrimento ético-político).
Os que receberam a bênção do trabalho eram “afilhados”. (O sentimento de alegria/gratidão reforça a representação social de padrinho),	Mudou	Ninguém recebeu a “bênção” do trabalho, fazendo se sentirem humilhados. (Sentimento de abandono; sofrimento ético-político).
Chegaram à cidade em situação de pobreza, mas conseguiram melhorar de vida, assim como esperavam. (As representações sociais de Juazeiro e do Pe. Cícero foi reforçada pela experiência positiva)	Mudou	Chegam à cidade em situação de pobreza e aprofundam da situação de exclusão social. (Cria-se uma nova representação social de Juazeiro. Anteriormente era vista como cidade da prosperidade e passa a ser vista como lugar de sofrimento).

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nesta seção, tratamos sobre a expectativa dos romeiros para encontrar trabalho na cidade de Juazeiro. Os que estiveram ali entre 1920 e 1970 relataram que, apesar das dificuldades iniciais, conseguiram êxito e suas vidas melhoraram financeiramente. Já os que chegaram mais recentemente não conseguiram emprego e aprofundaram sua condição de exclusão social. A última seção deste capítulo se refere à representação social do Pe. Cícero como padrinho e santo popular. Assim como nas seções anteriores, veremos adiante, as diferenças ocorridas entre as compreensões dos grupos que fizeram parte da pesquisa.

6.4 Padrinho “Santo” ou “Santo” padrinho?

A fé cristã está presente no pensamento do homem nordestino. Ela possui características singulares e não depende das determinações da Igreja Católica romanizada, ou de outras instituições religiosas. Assim, a fé do sertanejo nordestino possui “vida própria” e os critérios de santidade são definidos pelos próprios devotos. Esta religiosidade popular está baseada em uma mensagem anunciada desde o século XIX por líderes religiosos e populares como Antônio Conselheiro, Mestre Pe. Ibiapina, Beato Jose Lourenço, Pe. Cícero. Entre eles, havia aspectos em comum, também eram sertanejos, por isso conheciam as mazelas do sertão. As estratégias de enfrentamento aos diversos problemas sociopolíticos da época estavam, na religiosidade, e o incentivo ao trabalho em comunidade (BARROS, 2008).

Nesse contexto se definiu uma dupla representação social do Pe. Cícero: a de padrinho e a de santo. “Na cultura sertaneja, esse termo padrinho tem uma conotação de segundo pai, aquele que tem obrigação de prover amparo e proteção” (BARROS, 2008. P; 185). Assim, para as pessoas que recebem o título de padrinho é reconhecida a capacidade de cuidar dos seus afilhados e são estabelecidos laços de confiança, respeito e obediência dos afilhados para com o padrinho.

Sobre a representação de padrinho (relacionada ao Pe. Cícero) está a certeza de que, os afilhados podem acessar as bênçãos materiais e espirituais por meio da fé no poder sobrenatural do padre. Essa crença tem mobilizado a saída dos romeiros devotos das suas cidades de origem para fixarem residência em Juazeiro do Norte.

Além de padrinho ele também é considerado santo, apesar da Igreja católica ainda não o reconhecer dessa forma. Assim, essa dupla representação “padrinho e santo” esteve presente entre as narrativas dos romeiros da primeira etapa do estudo. Contudo, houve diferença entre a primeira e segunda etapa desta pesquisa. No primeiro grupo, houve unanimidade em afirmar que o Pe. Cícero é santo, porém, no segundo grupo houve divergências, alguns romeiros afirmam que vieram à cidade, porque ouviram falar que ali não faltava trabalho. Sobressaiu a representação social de Juazeiro como “Terra de trabalho”. A oração, ou seja, a religiosidade, não teve a mesma relevância como na fala dos primeiros romeiros migrantes entrevistados, aparentemente mais motivados pela fé na intercessão do Padrinho.

Desse modo, pode-se inferir que, houve mudança na representação social do Pe. Cícero. Ele não foi definido pelos romeiros participantes da pesquisa (atuais), em unanimidade, como um padrinho santo, capaz de fazer milagres. Eles conseguem atribuir a responsabilidade aos poderes públicos e até ao próprio desempenho pessoal.

No Quadro 17, apresentamos a quarta matriz comparativa, que se refere à categoria 4, “Padrinho ‘Santo’ ou ‘Santo’ Padrinho”, contendo as representações mencionadas pelos grupos de romeiros que fizeram parte da pesquisa.

Quadro 17 - Padrinho “Santo” ou “Santo” Padrinho: comparação entre o perfil dos dois grupos pesquisados

Padrinho “santo” ou “santo” padrinho	
I Etapa (Romeiros Integrados)	II Etapa (Romeiros em situação de exclusão)
Todos os entrevistados consideraram o Pe. Cícero santo. (A religiosidade é um fator determinante na relação com o Pe. Cícero e Juazeiro).	Mudou Não há unanimidade em defini-lo como santo. Eles se referem à fé e a memória dos pais sobre o Pe. Cícero. (A religiosidade não é mais determinante como antes).
Todos definem o Pe. Cícero como padrinho. Havia uma relação de ajuda direta com os romeiros, ajuda real ou sobrenatural (milagres). (Representação social de padrinho abençoador que ajuda seus afilhados).	Mudou Não há uma relação direta de ajuda com o Padre Cícero. Eles identificam a Pastoral da Romaria e Instituto Monsenhor Murilo (refeições) e os outros romeiros (esmola) como os que lhes prestam ajuda. (Situações de privação).
Após a sua morte os afilhados seguem pedindo graças ao padrinho e relatam seus milagres alcançados. (Representação social de padrinho abençoador que ajuda seus afilhados).	Mudou Não há relato de “graça” alcançada. A demora de alcançar o milagre do trabalho é visto como uma provação divina. (Sentimento de abandono e solidão; situações de privação).
Eles diferenciam a relação de padrinho por causa da afetividade. É como uma pessoa de família. O padre é mais distante... (Há uma relação de proximidade e familiaridade).	Mudou Apenas alguns o identificam como padrinho, os demais se referem à cidade. “Eu achei que Juazeiro era grande...” “Eu achei que Juazeiro era o caminho...”. (A ênfase está em Juazeiro e não apenas no Pe. Cícero, como no primeiro grupo).
Há vínculos de gratidão e respeito ao Pe. Cícero e à Pastoral da Romaria, pois conseguiram melhorar de vida, após se fixarem na cidade. (Representação social de padrinho abençoador).	Mudou Há vínculo de dependência para não sucumbirem à fome. (Aprofundamento da exclusão social; situações de privação).

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Sobre a representação social do Pe. Cícero, identificamos que, no primeiro grupo, houve unanimidade no discurso sobre a imagem do sacerdote. Ele foi descrito como padrinho, santo dos pobres, com a capacidade sobrenatural de continuar entregando bens materiais e espirituais

aos seus afilhados. Já nos dias atuais, não observamos esse mesmo discurso com unanimidade. Havia os que eram devotos e o consideravam santo, mas outros eram filhos e netos de romeiros e chegaram à cidade, mais motivados pelo discurso dos pais, esperando achar emprego como outrora foi anunciado por seus antepassados.

Outro importante elemento no qual percebemos mudança foi a representação social da cidade de Juazeiro do Norte. Esse elemento foi uma descoberta da pesquisa, pois inicialmente buscávamos pesquisar apenas a representação social do Pe. Cícero. À medida que avançávamos nas entrevistas, percebíamos uma indissociabilidade entre a representação social da cidade e do Pe. Cícero.

Por essa razão, colocamos em destaque também, a representação social de Juazeiro, que no primeiro grupo foi descrita como “terra de salvação e provisão”. Já com o segundo grupo (dias atuais), houve uma mudança sobre essa perspectiva. Durante as narrativas, Juazeiro foi descrito pelos romeiros como um lugar de frustração, pelo fato de não conseguirem trabalho, desconstruindo assim, a representação social inicial que os fizeram chegar até a cidade: “Juazeiro, Terra de trabalho”.

São pessoas que já chegaram em situação de exclusão social e esperavam mudar de vida ao permanecerem na “Terra prometida”, mas, ao contrário disso, instalou-se em um processo de desqualificação social, ganhando impulso os afetos tristes como vergonha, medo e culpa. Houve uma desilusão sobre a cidade. Juazeiro deixa de ser a cidade da providência e torna-se a cidade do abandono, solidão.

A permanência desses novos moradores aconteceu com dois tipos de apoio: no primeiro grupo, foi destaque o acolhimento do Pe. Cícero e, após sua morte na década de 70, a presença de entidades da Igreja Católica e comunidade local. A relação presente nessa rede de apoio era de ajuda mútua e a presença de vínculos comunitários, especialmente as famílias que se estabeleciam nas ladeiras do Horto⁵⁹. Assim, destacamos que, entre esses primeiros moradores, havia a presença de solidariedade e gratidão, elementos importantes para que se estabelecessem na cidade.

Já no segundo período ou dias atuais, as pessoas que chegam à cidade e não conseguem se integrar em relações de trabalho são apoiadas pelos equipamentos sociais da PNAS e Pastoral da Romaria (Instituto Monsenhor Murilo). Este último foi um dos principais espaços para o desenvolvimento desta pesquisa. O tipo de relação estabelecida com essas entidades é de dependência, para não sucumbirem à fome. Os usuários de tais serviços afirmam que as

⁵⁹ É local de peregrinação dos romeiros, onde fica a estátua do Pe. Cícero; um dos pontos mais representativos de peregrinação na cidade e símbolo em campanhas midiáticas.

iniciativas deveriam superar a entrega de comidas e inseri-los no mercado de trabalho. Sobre essa queixa, destacamos os estudos de Sawaia (2001) acerca da relação exclusão/inclusão. Ela alerta que, em diversas vezes, estamos tratando de um tipo de inclusão perversa que reforçam os estereótipos de fracassados. Apresentamos esses elementos no Quadro 18, em que se pode observar a síntese dos dois grupos desta pesquisa:

Quadro 18 – Síntese da comparação das representações sociais dos dois grupos da pesquisa

	I Etapa (Romeiros integrados)	II Etapa (Romeiros em situação de exclusão)
Representação social do Pe. Cícero	<ul style="list-style-type: none"> - Havia a certeza da provisão do padrinho. - Padrinho que distribuía bens materiais e imateriais. - Padrinho conselheiro e acolhedor Santo dos pobres. 	<p>A presença do Pe. Cícero não foi tão frequente na fala dos participantes. Eles se referiam à fé dos seus pais e avós. A religiosidade parece não ser o critério definidor para vir morar em Juazeiro. Acreditaram na representação social de Juazeiro como “Terra de prosperidade” e abençoada pelo Pe. Cícero, como um dia seus pais e avós contaram.</p>
Representação social do Juazeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Terra de salvação. - Terra santa. - Lugar de resolução dos problemas. - Lugar onde ninguém morre de fome. - Terra de prosperidade e provisão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Terra boa que Padim Ciço deu para viver. - Lugar de frustração porque não conseguiram trabalho. - Lugar de muitos problemas. - Imaginavam que era o caminho do emprego. - Lugar de solidão, vergonha e humilhação.
Ações do Pe. Cícero e Igreja / valores associados	<ul style="list-style-type: none"> - Encaminhar as pessoas para o trabalho; provisão; Escutava, aconselhava; acolhia; Distribuía bens materiais e imateriais; cuidado e amparo (provisão); Provedor de graças e milagres; Valor predominante: Gratidão 	<p>Igreja, Instituto Monsenhor Murilo oferecem: - Refeições, banho;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio espiritual; - Grupo de convivência; - Sala de educação de jovens e adultos; <p>Valor predominante: dependência.</p>
Vínculos comuns presentes na memória coletiva	<ul style="list-style-type: none"> - Afilhados do Pe. Cícero. - Desejo de morar em Juazeiro. - Solidariedade. - Ajuda mútua. 	<ul style="list-style-type: none"> - Frustração por não conseguir emprego. - Medo, solidão, Vergonha, humilhação. - Situação de exclusão e sofrimento ético-político.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir dos dados apresentados no Quadro 18, entendemos que o grupo de romeiros participantes da pesquisa que chegaram entre os anos 2000 e 2020 com a expectativa de melhorar de vida, estão inseridos em um contexto de sofrimento ético-político. Os sentimentos são de vergonha por estarem desempregados, a solidão das ruas, a frustração por não conseguirem melhorar de vida, o medo da violência, além da desqualificação social e humilhação por estar em situação de rua. Nesse sentido, identificamos a perda dos vínculos familiares e sociais, o isolamento, o frio, a fome, a desqualificação social nos mais diversos níveis.

Para Sawaia (2001), o sofrimento social demonstra não apenas as injustiças sociais, mas indicam também o caminho para retomar os vínculos sociais perdidos pela condição de desigualdade e exclusão social. Podemos citar a importância de investir nas pessoas por meio de políticas públicas para intervir no quadro agudo de desigualdades sociais.

Para Deaton (2017), a desigualdade é consequência das disfunções do capitalismo, pois a riqueza alcança apenas alguns grupos em um determinado tempo. Segundo dados do IBGE (2019), Juazeiro possui um PIB per capita de R\$ 15.604,19, sendo o primeiro mais alto de sua microrregião e o décimo segundo no Estado do Ceará. Esses dados apenas demonstram a desigualdade estabelecida na cidade e os diversos processos de sofrimento ético-político e privação de direitos. Descrevemos tais processos na Figura 22:

Figura 25 - Processos desencadeados pela desigualdade social



Fonte: Elaborada pela autora.

Assim, o conceito de desenvolvimento que tomamos como ponto de partida neste estudo é o de Amartya Sen (2010). Para o autor, o desenvolvimento passa invariavelmente pela questão de bem-estar social, quando os sujeitos podem ser livres para utilizar suas habilidades com fins de alcançar um projeto de vida. Desse modo, bem-estar e qualidade de vida estão mais associados ao direito de acesso aos serviços públicos essenciais, como educação, saúde e segurança, elementos que deveriam ser garantidos pelo Estado para reduzir as desigualdades. Nesse sentido, alcançar o desenvolvimento implica a redução da desigualdade e exclusão social

que privam os sujeitos de seus direitos e acarretam situações de sofrimento como a morbidez, fome e humilhação.

Mais uma vez, ressaltamos a relevância da proposta, visto o perfil estabelecido para o seu desenvolvimento, que buscou identificar e analisar as representações sociais sobre o Pe. Cícero e, compreender como essas representações influenciou a permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

Embora, não tenha sido o objetivo do estudo esgotar as discussões sobre os romeiros e suas representações sociais (crenças, rituais e performances), tampouco seria possível conhecer todas as histórias, no entanto, apresentamos e disponibilizamos espaço para um perfil da população que, muitas vezes não conseguem sair do anonimato.

Esse estudo reforça o compromisso social da pesquisa, em estabelecer compreensões que possibilitem interação social e reflexões acerca dos fenômenos do cotidiano social, de modo particular, no contexto do município de Juazeiro do Norte. Por meio das análises, salientamos a necessidade de aprofundamento político e social na minimização dos danos da exclusão no município.

Nesse capítulo analisamos representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro e suas possíveis repercussões nos processos de integração ou exclusão social dos romeiros na cidade de Juazeiro do Norte. Foi apresentada uma síntese dos resultados e análises aos quais chegamos, a partir de matrizes comparativas entre os grupos de romeiros participantes da pesquisa. Na sequência, apresentam-se as conclusões do estudo.



CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo geral identificar e analisar as representações sociais sobre o Pe. Cícero e Juazeiro, e compreender como essas representações influenciaram a permanência de romeiros nesse município.

Partimos do pressuposto de que os romeiros decidiram se estabelecer na cidade como moradores, porque construíram uma representação social de Juazeiro como terra próspera e abençoada pelo Pe. Cícero. Assim, todos os que ali chegassem seriam acolhidos e conseguiriam sair da condição de pobreza. Essa crença gerou uma convergência populacional de romeiros para a cidade, desde o início do século XX e que cresceu vertiginosamente os dias atuais.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa que favoreceu uma prática interpretativa das narrativas. Nesse sentido, analisamos, como as compreensões construídas ao longo do tempo sobre o Pe. Cícero e Juazeiro estabeleceram o projeto coletivo de morar na cidade. Os sujeitos da pesquisa foram dois grupos de romeiros, acolhidos pela Pastoral da Romaria da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. Os sujeitos do primeiro grupo chegaram à cidade entre os anos de 1920 e 1970, os integrantes do segundo grupo passaram a residir na cidade nas últimas duas décadas. Além dos romeiros, realizamos entrevistas com a fundadora da Pastoral da Romaria e assistente social do Instituto Monsenhor Murilo.

Para a construção do nosso estudo, utilizamos em particular duas abordagens teóricas: a representação social elaborada por Serge Moscovici (2012) e a exclusão social, tratada por Amartya Sen (2010) e Bader Sawaia (2001). As representações sociais permeiam as relações sociais e sustentam a nossa compreensão sobre a realidade de tal modo que, situam os sujeitos em uma identidade social capaz de referenciar comportamentos comuns ao mesmo grupo. Já a exclusão social é produto da desigualdade social. Nessa condição, é negada a algumas pessoas o acesso a bens e serviços como educação, saúde e moradia. Essa privação de direitos sociais causa situações de intenso sofrimento ético-político e impede o projeto de desenvolvimento proposto por Sen (2010).

Nesse sentido, essa tese procurou entender, como as representações sociais do Pe. Cícero e do Juazeiro influenciaram a permanência dos romeiros na cidade e quais foram as possíveis repercussões nos processos da integração ou exclusão social desses sujeitos no município.

O abandono de um Estado inerte às demandas sociais desde o final do século XIX, associado aos problemas do semiárido, fez surgir um forte vínculo de confiança e cuidado entre

os romeiros e o Pe. Cícero. Assim, a sua representação social é de um padrinho que remete a uma figura paterna, protetora, que cuida e abençoa seus afilhados. Logo, foi construído um projeto coletivo de ser parte dessa terra de provisão e refrigério, criando uma grande convergência populacional. Essas pessoas esperavam sair da sua condição de exclusão social.

Enquanto o Pe. Cícero estava vivo, ele era o próprio centro de redistribuição das “bênçãos”. Após sua morte, os romeiros relataram que continuaram recebendo bênçãos por meio das “graças alcançadas”, ou da rede de apoio formada pela Pastoral da Romaria e pelos moradores da cidade. O acolhimento e receptividade vivenciados durante os períodos de romaria nutriam o desejo de fixar residência na cidade. Juazeiro era descrito como um lugar bom para viver e sair da condição de pobreza. Esses foram os principais fatores de atração para que os romeiros se permanecessem na cidade como moradores. A crença de que Juazeiro seria o lugar para mudar de vida foi tão evidente que, em certo momento, surgiu nas entrevistas a metáfora da cidade como “hospital”.

Juazeiro foi descrito pelos romeiros como um lugar em que as pessoas chegavam feridas pela vulnerabilidade social e que encontrariam refrigério para a sua dor. Sobre a representação social de uma cidade que cuida, estava a certeza de um padrinho que acolhe e abençoa seus afilhados.

Ser romeiro é ser afilhado do “Padim Ciço”. Essa foi uma identidade social construída historicamente e, de maneira processual, foi desenhando nos romeiros comportamentos comuns, como o desejo de morar em Juazeiro e ficar sob a proteção do padrinho.

A permanência na cidade durante o século XX foi árida, período em que os romeiros sofreram muitas privações de moradia e alimentação. Essas situações foram dirimidas através da intervenção da Pastoral da Romaria e dos romeiros que já moravam na cidade. As relações de mutualidade entre os que já moravam na cidade e os que chegavam geraram valores afetivos, como a confiança e pertencimento ao local. A presença do vínculo comunitário e da ajuda mútua foram importantes para a superação das dificuldades iniciais. Tudo isso reforçava a construção da representação social de Juazeiro como terra de prosperidade por ser abençoada pelo Pe. Cícero.

Além desses elementos de atração e permanência, havia o “chamado” do Pe. Cícero que reverberava nas memórias dos romeiros. Em seus sermões, ele afirmava: “quem não tiver o que comer e beber, venha para o Juazeiro que come e bebe”. Essa memória compartilhada reforçava a representação social de Juazeiro como um lugar de provisão.

A partir da segunda metade do século XX, Juazeiro entra em um rápido processo de urbanização e expansão demográfica, a população alcançou em números absolutos o Crato,

cidade vizinha, já na década de 60. Como consequência, veio a ocupação irregular. Nesse período, a principal atividade econômica era o comércio, o artesanato e as atividades informais que cresciam, principalmente durante os períodos de romaria. Após 1970, o processo de industrialização seguiu atraindo a chegada de mais moradores, reforçando a representação social da cidade como um lugar próspero.

Portanto, entre 1970 e 2000 Juazeiro do Norte lidou com todas as contradições próprias dos processos de urbanização, como a ocupação irregular dos espaços, o déficit habitacional, a falta de saneamento básico, desemprego e violência. Em contrapartida, a cidade se destaca como grande polo calçadista no país, centro universitário e um PIB em ascensão. Esse cenário de PIB em ascensão e miséria social torna evidente a contradição própria da desigualdade social que vai progressivamente acentuando as condições de exclusão social.

As compreensões apresentadas fundamentam reflexões importantes no contexto dessa tese, especialmente ao salientarem, para além do crescimento urbano, às particularidades locais que apontam determinado grau de desigualdades sociais e estruturais no município. Diante de fatores históricos, Juazeiro é compreendido como cidade que acolheu milhares de migrantes e por essa característica, foi potencializado o crescimento populacional do território. Essa migração esteve associada a questões de religiosidade popular e a atuação social e religiosa do Pe. Cícero, como expresso.

A partir dessa ideia, compreende-se que, o crescimento da população da cidade também está relacionado com o fluxo de peregrinos para esse território e, nesse sentido, os aspectos que constituem o município, desde fatores culturais às características estruturais estão diretamente vinculadas aos sujeitos dessa pesquisa e às questões que nos propusemos a compreender, “representações sociais que envolvem o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro do Norte”. Na sequência, ampliaremos essa discussão.

Identificamos que os romeiros que chegam até Juazeiro mais recentemente estão ancorados na representação social anteriormente compartilhada por seus pais e avós: “Juazeiro é uma terra boa onde ninguém passa fome”. Esse processo ocorreu por meio de memórias compartilhadas. A linguagem dos pais e avós (re)apresentaram o que estava ausente. Assim, a esperança de melhorar de vida foi trazida como um projeto coletivo no século XXI. Portanto, os romeiros chegam nos dias atuais com a mesma representação dos seus pais e avós: Juazeiro é uma terra de provisão e abençoada pelo Pe. Cícero.

Assim, observamos a reprodução e transmissão entre gerações, da mesma representação social, “*Juazeiro como terra boa, próspera e abençoada pelo Pe. Cícero*”, aspecto que motivou a migração de centenas de romeiros para Juazeiro, desde o século XX, até os dias atuais. Apesar

dessa continuidade da representação inicial, identificamos que houve uma mudança significativa quanto à representação social da cidade de Juazeiro, para os romeiros migrantes mais recentes que não conseguiram superar condições de vulnerabilidade social.

De modo diferente dos seus antepassados, eles não conseguiram se estabelecer na cidade, aprofundando a condição inicial de exclusão social. Eles chegaram a Juazeiro e não encontram a rede de apoio de outrora. Os sujeitos relataram que, ao chegar, não encontraram “*os velhos amigos*” e ficaram em situação de rua. A falta de acolhimento dos moradores locais indica uma situação de enfraquecimento dos vínculos comunitários, colocando os romeiros pobres em isolamento social e, posteriormente, em um sofrimento ético-político que tolhe a liberdade e estimula a servidão.

Assim, não há um lugar para ficar e nem emprego. Agora, o apoio vem dos centros sociais como o Centro Pop e Pastoral da Romaria para não sucumbir à fome. A frustração é notória nas narrativas, a cidade próspera não é encontrada, apenas um grande centro urbano marcado pela desigualdade e fragmentação social.

Assim, o confronto com essa nova realidade impõe modificações sobre a representação social construída por seus pais e avós. Agora, Juazeiro não é mais descrito como um lugar de provisão, mas de isolamento e abandono do poder público denunciado nos relatos. Além da mudança sobre a representação social da cidade, há uma diminuição da presença da religiosidade popular, o que pode indicar que os sujeitos chegaram ali mais ancorados na representação social de terra próspera do que da bênção do padrinho santo.

A modificação parcial da representação social de Juazeiro e do Pe. Cícero está relacionado com a realidade encontrada na cidade atualmente. Encontraram um grande centro urbano com suas contradições, tais como, o crescimento do PIB em detrimento a um grande número de pessoas em situações de vulnerabilidade social. Sobre essa contradição está fundamentada a desigualdade social, seu principal produto é a exclusão social que impõe aos sujeitos, situações extremas de sofrimento ético político.

Durante a segunda etapa da pesquisa, os romeiros em situação precária chegados mais recentemente relataram que, ao permanecer na cidade, aprofundaram sua condição de exclusão social. Não conseguiram emprego e ficaram em situação de rua. Foi então instaurado um processo gradual de desqualificação social, iniciado pela ruptura dos vínculos sociais com a família por estarem em cidades diferentes.

Além da ruptura dos vínculos, a condição de desemprego vai sobrepondo diversas vulnerabilidades sociais. Inicialmente, a falta de renda que impõe limites ao acesso a bens de consumo básicos, como moradia, alimentação e a higiene pessoal. Tudo isso favorece a perda

da autoconfiança dos romeiros, pois eles não se reconhecem nas habilidades de tempos anteriores e começam a se ver no discurso perverso socialmente construído. Quem está em situação de rua passa a ser identificado pelo estigma social de vagabundo, atraindo o desprezo dos “cidadãos” e a abordagem truculenta da polícia.

Trata-se de um processo de desqualificação social. Por não serem mais economicamente ativos, a vergonha e humilhação se tornam sentimentos recorrentes nos romeiros, causando-lhes desânimo e resignação diante das privações. Esse contexto é produto da desigualdade e exclusão social incrustada nas práticas hegemônicas do capital e instaura uma condição de sofrimento ético-político, descrito a partir dos sentimentos de vergonha e humilhação.

Nesse cenário apontamos uma relevante discussão que envolve características socioculturais e econômicas, as quais tencionam direitos básicos dos seres humanos, como a possibilidade de inserção social e de aquisição de recursos básicos para à vida em sociedade. Essa discussão motiva aprofundamentos nas reflexões sobre o direito à cidade, a cultura, cidadania e inclusão social.

O processo de exclusão social é agravado pelas relações de mercado, que têm como princípio a busca do interesse pessoal em detrimento do bem coletivo, ou seja, há um descompromisso político com o sofrimento do outro. Essa lógica de mercado e de competição instaurou um cenário de desordem social e ambiental. Uma parte da população está incluída perversamente no mercado de trabalho e outra excluída das relações produtivas.

Entendemos que desenvolvimento é um processo ético de investimento nas pessoas e passa, invariavelmente, pelo compromisso com o sofrimento do outro, tal como defende Amartya Sen. Sua perspectiva sobre o desenvolvimento é polissêmica, pois além do critério de renda, considera a longevidade, níveis de educação e saúde.

Nesse sentido, a pobreza humana não é apenas a falta de renda, mas a inviabilidade das capacidades individuais que estão comprometidas, devido à desigualdade e exclusão social. Promover desenvolvimento, portanto, é compreender as situações de desigualdade que instaura a pobreza nos aspectos econômicos, psicológicos e políticos. Enfrentar a desigualdade e exclusão social é investir nas pessoas e retirar-lhes todas as formas de privação como a fome, a tirania política, morte prematura e expandir as liberdades, para que o sujeito possa atuar politicamente na sua comunidade.

As privações identificadas durante esta pesquisa, como o enfraquecimento social, a fome, a vergonha e a humilhação mutilaram as potencialidades dos entrevistados causaram-lhes dependência e sujeição, restringindo-lhes o acesso a bens e direitos sociais. Os relatos

cotidianos de violência física e simbólica evidenciaram as graves situações de sofrimento ético-político vivenciadas na cidade.

O Instituto Monsenhor Murilo/Pastoral da Romaria se apresentou, desde o século XX, como um importante agente para dirimir as situações de exclusão social. Contudo, podemos observar que houve uma mudança nas representações sociais sobre o Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro, entre os grupos que fizeram parte da pesquisa. Durante o século XX, a Pastoral da Romaria conseguia integrar os romeiros na cidade com maior facilidade. Acreditamos que isso possa estar associado a dois fatores: a presença do vínculo comunitário entre os moradores da cidade e o menor número de romeiros, além do individualismo que caracteriza o capitalismo, sistema econômico massivo na cidade. Já nas últimas décadas, além de haver uma fragmentação dos vínculos sociais na cidade, há um aprofundamento dos problemas sociais e maior número de pessoas está chegando à cidade em busca de auxílio, aumentando a complexidade das demandas para o Instituto e para a formulação e gestão das políticas públicas.

Os romeiros entrevistados na segunda etapa da pesquisa reconhecem a importância das atividades disponibilizadas pelo Instituto Monsenhor Murilo, como o banho e a alimentação, mas há uma indignação com a falta de políticas públicas para a reintegração de vínculos com os espaços produtivos. Assim, é papel do Estado não apenas garantir o contexto democrático, mas também o acesso a bens e serviços de saúde, educação e emprego, para que os sujeitos possam atuar com liberdade nos espaços políticos.

As manifestações de indignação sobre a ausência do poder público diante da ampla condição de miséria nos indicam que há dentro daquele grupo convivência uma potência de ação que os impulsiona a sair da condição de sujeição e servidão. Nesse sentido, reconhecemos a importância desse espaço para a reconstrução dos vínculos sociais perdidos e o reestabelecimento da autoconfiança em suas potencialidades para agir no meio social, tornando-os, assim, agentes de mudanças e não apenas beneficiários pacíficos de ações assistenciais.

Os serviços específicos para a população de rua estão previstos na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), documento que descreve as atribuições e atividades das políticas da Assistência Social, como também dos profissionais nela empregadas. Também em 2009, é publicado o Decreto nº 7.053/09, instituindo a Política Nacional para a População em Situação de Rua, criando também os Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CENTRO POP), localizados na média complexidade da Proteção Social Especial. Também há serviço para essa população na alta complexidade, com a criação de Unidades de Acolhimento.

Segundo o Conselho Regional de Psicologia (2015), a atuação do psicólogo junto a esse público deverá promover autonomia e estímulo da participação social dos sujeitos atendidos, sobretudo no pleno acesso aos serviços socioassistenciais. Para que isso ocorra é necessário compreender a complexidade, vulnerabilidade e risco das vivências de rua. Uma das principais intervenções é a escuta do sujeito, lembrando-se que não se trata de psicoterapia, mas sim, um processo de fortalecimento dos vínculos sociais perdidos. Nesse sentido, o grupo de convivência pode se tornar um espaço de cidadania ativa e práticas de direito, na medida em que são discutidas diversas temáticas que podem encorajar os sujeitos a atuarem como agentes políticos e limitar os processos de exclusão social.

Esperamos que os resultados aqui apresentados sejam úteis para a gestão municipal, no enfrentamento das situações de vulnerabilidade social derivadas dos processos migratórios que ocorrem anualmente no município. Além disso, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar a reflexão sobre o papel, a competência e necessidade de recursos e apoios da rede socioassistencial local para a proteção e garantia de direitos dos públicos afetados. Também, aponta-se a necessidade do trabalho conjunto entre Secretaria de Turismo e Romaria e a Secretaria de Ação Social para repensar tais políticas. Por outra parte, consideramos que este estudo poderia contribuir no planejamento de ações no âmbito da gestão de cidade. Sugere-se uma ampliação do escopo pesquisado, em que a gestão municipal possa verificar em quais bairros a maior parte dos migrantes vivem e se eles estão amparados pelas políticas sociais locais.

Academicamente, esta pesquisa contribui para os trabalhos sobre o campo de gestão de cidades, reforçando a necessidade de prospecção de elementos subjetivos, como a representação social, tanto na análise como na procura de solução dos fenômenos de desigualdade e de exclusão social. O estudo sobre a representação social contribui para ações concretas na medida em que é possível conhecer em profundidade as visões que explicam os comportamentos de um determinado grupo social, favorecendo a identificação de aspectos relevantes para a elaboração de políticas públicas mais efetivas nos territórios.

Destacamos ainda que novas contribuições teóricas trazidas neste estudo estão relacionadas com o diálogo estabelecido entre a teoria da psicologia sócio-histórica e a concepção de desenvolvimento de Amartya Sen (2010). O cruzamento desses referenciais nos levou à construção de categorias analíticas que poderiam ser reaplicadas em outros estudos acadêmicos dedicados à análise da sustentabilidade nas suas diversas componentes.

Referências

ALENCAR, G. F; MENEZES, M. F. **Homens e Fatos na História do Juazeiro**. Recife: Ed Universitária da UFPE, 1989.

ANDRADE, F. J. ; SILVA, F. M. S. ; REESINK, M. L. Ritual e performance: reflexividade e expressão na religiosidade popular. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 29, n.3, p.537-551, jul./set. 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7145/4389>. Acesso em: 5 jun. 2020.

APOSTOLADO DA ORAÇÃO- BRASIL. **História**. Disponível em: <https://aomej.org.br/historia>. Acesso em: 02 jul. 2020.

ARAÚJO, I. M. **Os Novos Espaços Produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense**. 2006. 229f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ARRUDA, João. **Canudos, Messianismo e conflito social**. Fortaleza: Edições UFC/ Secult, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, E. H. F. L. *et al.* Conceitos, inter-relações e transações entre vulnerabilidade e ambiente: uma revisão sistemática da literatura brasileira. **Perspectivas em Psicologia: Revista de Psicología y Ciencias Afines**, Mar del Plata, v. 14, n. 2, p. 93-104, dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2mpcWEq>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BARROS, M. L. O. C. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. 2. ed. Fortaleza: Ed. IMEPH, 2008.

BATISTA, C. R. **Testamento completo**. Juazeiro do Norte, 1934.

BERNARDES, D. M. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. São Paulo (SP): Lua Nova, 2007, p. 41-79.

BERTINI, F. M. A. Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, 2014, p. 60-69. Disponível em: <https://bit.ly/2UrsAxT>. Acesso em: 02 mar. 2014.

BLOG DO PADRE CÍCERO. **A beata Maria de Araújo**. Disponível em: <http://www.padrecicero.net/>. Acesso em: 27 set. 2018.

_____. Galeria dos personagens do pacto dos coronéis. Disponível em: <http://www.padrecicero.net/>. Acesso em: 27 set. 2018.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira: 1991.

BOMFIM, Z. Á. C; ALMEIDA, S. F. C. Representação social. Conceituação, dimensão e funções. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9/10, n. 1/2, 1991/1992, p. 75-89. Disponível em: <https://bit.ly/3bvhbCF>. Acesso em: 10 out. 2018.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e Afetividade**: estima e construção de mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BRANCALEONE, C. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104. Disponível em: <https://bit.ly/3bEMDOs>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Governo Federal, 2012.

_____. **Relatório brasileiro para o Habitat III**. Brasília: ConCidades, IPEA, 2016.

_____. **Portaria MDS nº 843 de 28 de dezembro 2010**: Dispõe sobre o cofinanciamento federal, por meio do Piso Fixo de Média Complexidade - PFMC, dos serviços socioassistenciais ofertados pelos Centros de Referência Especializados de Assistência Social - CREAS e pelos Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua, e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 29 dez. 2010.

_____. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2011.

BRASIL TURISMO. **Região do Cariri**. 2020. Disponível em <https://www.brasil-turismo.com/ceara/mapas/cariri.htm>. Acesso em 02 jul. 2020.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: MDS, 2009.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP**. Brasília: MDS, 2011.

_____. **Lei nº 8.742**. Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS). Brasília: DF, 7 de dezembro de 1993.

BURSZTYN, M. Armadilhas do Progresso: contradições entre economia e ecologia. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 97-124, 1995.

_____. (Org.). **No meio da rua**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

_____. **O poder dos donos**: planejamento e clientelismo no Nordeste. Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB, 2008.

_____. **O clima em transe**: vulnerabilidade e adaptação da agricultura familiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

CAMPOS, J. N. B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 28, n. 82, p. 65-88, out/dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2m6X6hE>. Acesso em: 10 jul. 2014.

CARIRI REVISTA. **Pelúcio Correia de Macedo: Ferro e Música**. 2019. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/pelusio-correia-de-macedo-ferro-e-musica/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

_____. **Perfil: o templo e o caminho**, 2017. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/o-templo-e-o-caminho/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2015.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora Unesp, 2000.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE MINAS GERAIS. **A psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios**. Belo Horizonte: CRP/MG, 2015.

CHACON, S. S. **O Sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semiárido**. Fortaleza: BNB, 2007.

CHAUÍ, M. Espinosa: poder e liberdade. *In*: BORON, A. A. (Org.). **Filosofia política moderna: de Hobbes a Marx**. São Paulo: CLACSO, DCP-FFLCH/USP, 2006, p. 113-143.

CIDADES. **Região Metropolitana do Cariri**. Disponível em: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DAVIS, M. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

DEATON, A. **A grande saída: saúde, riqueza e as origens da desigualdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

DELLA CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Aproximadamente 96% do território de Juazeiro do Norte são urbanizados**. 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/aproximadamente-96-do-territorio-de-juazeiro-do-norte-sao-urbanizados-1.1885791>. Acesso em: 02 de nov. 2019.

_____. **Expansão populacional de Juazeiro gera debate sobre o Plano Diretor**. 2019. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/expansao-populacional-de-juazeiro-gera-debate-sobre-plano-diretor-1.2182196>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DIOCESE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/dioceese/>>. Acesso em: 02/07/2020.

DUMOULIN, A.; GUIMARÃES, T. S. **O Padre Cícero por ele mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

DUMOULIN, A. **Padre Cícero: santo dos pobres, santo da igreja**. São Paulo: Paulinas, 2017.

DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESPINOSA, B. **Ética**. Tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e António Simões. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

ESTANISLAU, M. A; XIMENES, V. M. Vivências de humilhação e vergonha: uma análise psicossocial em contextos de pobreza. In: XIMENES, V. M. *et al* (Org.). **Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 121-146.

FAORO, R. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo, 2000.

FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 30-59.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, M. S. C. **Homens livre na ordem escravocrata**. 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FRAZÃO, Dilva. **Émile Durkheim**. Ebiografia, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/emile_durkheim/. Acesso em: 02 jul. 2020.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

G1. **Ceará tem quatro cidades entre as 123 mais violentas do Brasil**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-tem-quatro-cidades-entre-as-123-mais-violentas-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2019.

GEORGESCU-ROEGEN, N. **The Entropy Law and the Economic Process**. Cambridge, Mass., EUA: Harvard University Press, 1971.

_____. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia**. São Paulo: Editora Senac, 2012.

GLEIZER, M. A. **Espinosa e Afetividade Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

- GOMES, A. D; SILVA, J. D. S. A “cidade do progresso”: do transporte público aos dilemas com o abastecimento de água e luz em Juazeiro do Norte (1950-1980). **Cordis**, São Paulo, n. 11, p. 299-321, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2WQgT5w>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. O artesanato em Juazeiro do Norte/CE: memória de uma atividade de trabalho. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 11, n. 21, jul./dez. 2019.
- HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/366rdZI>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- HENRIQUES, Abel. **Thomas Robert Malthus: a teoria malthusiana**. Instituto Politécnico de Coimbra, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/19638122/A_Teoria_Malthusiana. Acesso em: 2 jul. 2020.
- IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3g5rZe6>.
- _____. **Mapa de Pobreza e Desigualdade**. Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2LRvVBj>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- _____. **Juazeiro do Norte**. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 03 de nov. 2019.
- _____. **Panorama da cidade de Juazeiro do Norte**. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2xxRYst>. Acesso em: 15 set. 2017.
- _____. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Acesso em: 15 set. 2017.
- _____. **Panorama da cidade de Juazeiro do Norte**. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/36d6Cmc>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- IPECE. **Perfil Básico Municipal: Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2016.
- _____. **Perfil Básico Municipal: Crato**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2016
- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. *In*: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 56-67.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 61-85.
- LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. *In*: LANE, S. T. M; SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense Educ, 2012, p. 55-63.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIRA NETO. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACEDO, E. U. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, Vitória, n.7, p. 1-20, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1918/1430>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MACEDO, J. **Povoamento e povoadores do Cariri cearense**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

MARX, K. **O Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MENEZES, F. **Pe. Cícero**: do milagre à farsa do julgamento. Recife: Bagaço, 1998.

MILLWARD, L J. Grupo Focal. In: BREAKWELL, G. M. *et al.* (Org.). **Métodos de Pesquisa em Psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 278-301.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 7-16.

MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M.; SARRIERA, J. C. A construção opressora da pobreza no Brasil e suas consequências no psiquismo. **Quaderns de Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 85-93, 2014.

NASCIMENTO, D. C.; CHACON, S. S. Sustentabilidade na Região Metropolitana do Cariri - RMC: análise a partir dos objetivos de desenvolvimento do milênio - ODMs. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 28, n. 3, p. 443-456, dez. 2016.

OLIVEIRA, A. J. **Engenhos de rapadura no Cariri**: trabalho e cotidiano (1790-1850). 2003. 153f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

OLIVEIRA, A. X. **Beatos e cangaceiros**: história real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1920.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000.

- PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In*: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 67-86.
- PEREIRA, C. M. C. **Análise socioambiental da cidade de Juazeiro do Norte**: subsídios para a construção da Agenda 21 Local. 2013. 157f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas do *Campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro (SP), 2013.
- PINTO, Liliane Faria Corrêa. Coronelismo: uma análise historiográfica. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.23, n.2, p. 361-382, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20858/11235>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. Cidade. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Historia/>. Acesso em: 26 set. 2018.
- POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- POMPEU SOBRINHO, T. O Povoamento do Cariri Cearense. **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, v. 32, s/n, p. 195-205. 1956. Disponível em: <http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/revistas/1956/ACL_1956_32_O_Povoamento_do_Cariri_Cearense_Th_Pompeu_Sobrinho.pdf>. Acesso em 02. Jul. 2020.
- REDE ALIX. **Congregação de Nossa Senhora- Cônegas de Santo Agostinho**. 2020. Disponível em: <http://www.redealix.org.br/congregacao-conegas-de-santo-agostinho/>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- ROCHA, A. G. T.; AMARAL FILHO, J. As políticas industriais da Bahia, Ceará e Pernambuco: existe algo mais que guerra fiscal? *In*: Encontro Regional de Economia, 9., 2004, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2004.
- QUIVY, Raimond; CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de investigação em ciências sociais. Gradiva, Lisboa, 2005
- SÁ, C. P.; MENANDRO, P. R. M; NAIFF, L. A. M. (Org.). **Psicologia social e o estudo da memória histórica**: o caso dos anos dourados no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.
- SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SABOURIN, E. **Sociedades e organizações camponesas**: uma leitura através da reciprocidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 99-119.

_____. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 364-372, set./dez. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2kz05iu>. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na psicologia social laneana. In: GALINDO, W.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011, p. 35-51.

_____. Fome de felicidade e liberdade. In: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC (Org.). **Muitos lugares para aprender**. São Paulo: CENPEC/ Fundação Itaú Social/ Unicef, 2003. p. 53-63.

SCHUMACHER, E. F. **O negócio é ser pequeno**. Tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SESMARIA. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sesmaria/>>. Acesso em: 02/07/2020.

SILVA, F. M. S. Comunicação para a sustentabilidade: um processo de desenvolvimento de práticas educativas para a juventude. Dissertação (Mestrado). Crato: Universidade Federal do Cariri, 2018. <https://proder.ufca.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/versc3a3o-final-francisco-mc3a1rio.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

SILVA, F. M. S.; ALENCAR, W. M. M.; FILHO, A. M.; FERREIRA, M. M.; NASCIMENTO, V. S. Comunicação, religiosidade e cultura popular: uma compreensão a partir das renovações em Juazeiro do Norte-CE. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 28, n.4, p. 563-577, out./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/6809/3877>. Acesso em: 1 jun. 2020.

TENÓRIO, F. G. **Cidadania e Desenvolvimento Local**. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

TRIBUNA DO CEARÁ. **Dois das 50 cidades mais perigosas estão no Ceará**. 2017. Disponível em: <https://tribunadoceara.com.br/noticias/segurancapublica/dois-das-50-cidades-mais-perigosas-do-mundo-estao-no-ceara/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

VEIGA, J. E. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

_____. **Para Entender o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Editora 34, 2015.

VINUTO, Juliane. A amostragem por bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, 22 ago/dez de 2014.

WALKER, Daniel. **Pequena Biografia do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: EBooksBrasil, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biografiapadrecicero.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. *In*: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 16-26.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS E GRUPO FOCAL DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA
<p>MIGRANTES:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Para você, quem é o Pe. Cícero? 2. Como foi chegar na cidade de Juazeiro do Norte? Como você se sentiu? 3. O que você esperava encontrar em Juazeiro? 4. O que os seus pais e avós contavam sobre o Pe. Cícero? 5. Quando você ficou, qual a principal dificuldade? Onde você foi morar? Trabalho... Quando você precisou pela primeira vez do serviço público como hospitais públicos?
<p>GESTORES DA PASTORAL DA ROMARIA:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Acredito que você deve acompanhar, ouvir muitos relatos dos romeiros. A partir da sua experiência, para os romeiros, quem é o Pe. Cícero? 2. A partir da sua experiência, quais os principais motivos que trazem os romeiros até Juazeiro? O que eles buscam? 3. Você conhece casos de pessoas que permaneceram na cidade após o período de romaria? A que você atribui essa decisão? 4. Quais as condições de permanência dessas pessoas?

Roteiro direcionado ao grupo focal
<ol style="list-style-type: none"> 1. Vou ler algumas falas de romeiros que chegaram em Juazeiro no século passado e gostaria que vocês me contassem se concordam ou não com cada depoimento? 2. Isso também aconteceu com vocês quando chegaram na cidade?
<p>“Meu Padim Ciço disse a meu pai que viesse pra terra da mãe de Deus que não morria de fome. Aqui no Juazeiro se come se bebe, ninguém morre de fome” (TJ, mulher, 82 anos).</p>
<p>“Juazeiro nos acolhe, nos dá o pão de cada dia, mas é preciso ter paciência” (DA, mulher, 64 anos).</p>
<p>“Eu trabalhei desde os oito anos na roça, comi muitas vezes de esmola, eu vim ter um sossego depois que eu vim pro Juazeiro” (DA, mulher, 64 anos).</p>
<p>“Juazeiro era como um hospital, vinha gente de todo canto buscar ajuda de meu Padim Ciço” (JW, homem, 75 anos).</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Brasília, 23 de janeiro de 2019

**Prezado Sr. Secretário de Desenvolvimento Social e Trabalho,
Sandoval Barreto**

Juazeiro do Norte-CE

Tenho o prazer de lhe apresentar Waléria Ma. Menezes de Moraes Alencar. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Política e Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília –UNB sob a minha orientação. Ela está iniciando o trabalho de campo da sua tese sobre as representações que explicam a permanência em Juazeiro do Norte de famílias de romeiros pobres da região.

A pesquisa busca analisar a influência da figura paternalista gerada pelo padre Cícero na permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

A Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho – SEDEST representa um importante ator no acompanhamento desse problema de elementos de solução, considerando a sua natureza de efetivar direitos, a partir das demandas e necessidade sociais da população. Nesse sentido, venho solicitar autorização para que Waléria Menezes possa desenvolver pesquisa de campo em suas estruturas, seus equipamentos sociais, e junto aos seus funcionários e público atendido, especialmente no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro POP. Durante a pesquisa serão realizadas entrevistas semiestruturadas com usuários e profissionais além de observação nas atividades desenvolvidas no local.

Atenciosamente,

Eric Sabourin

Professor UnB-CDS, e orientador da tese

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) : Entre idas e vindas: Um estudo sobre os processos de permanência dos romeiros na cidade de Juazeiro do Norte. desenvolvida(o) por Waléria Ma. Menezes de Moraes Alencar. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por prof Dr. Eric Pierre Sabourin, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail eric.sabourin@cirad.fr. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é analisar a representação social do Pe. Cícero construída historicamente pelos romeiros e como isso influenciou na ocupação da cidade de Juazeiro do Norte.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Juazeiro do Norte, ____ de _____ de ____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Brasília, 23 de fevereiro de 2019

Prezada Sra. Ir. Annete Demoulin
Coordenadora da Pastoral da Romaria
Juazeiro do Norte-CE

Tenho o prazer de lhe apresentar Waléria Ma. Menezes de Moraes Alencar. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Política e Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília –UNB sob a minha orientação.

Ela está iniciando o trabalho de campo da sua tese sobre as representações que explicam a permanência em Juazeiro do Norte de famílias de romeiros pobres da região. A pesquisa busca analisar a influência da representação social gerada pelo padre Cícero na permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

A sua participação na pesquisa representa grande relevância considerando a sua profunda vivência com as romarias. Nesse sentido, venho solicitar autorização para que Waléria Menezes possa desenvolver pesquisa de campo pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas.

Atenciosamente,

Eric Sabourin
Professor UnB-CDS, e orientador da tese

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Brasília, 23 de abril de 2019

Prezada Sra. Assistente Social da pastoral da Romaria

Divina Fernandes Peixoto

Juazeiro do Norte-CE

Tenho o prazer de lhe apresentar Waléria Ma. Menezes de Moraes Alencar. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Política e Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília –UNB sob a minha orientação.

Ela está iniciando o trabalho de campo da sua tese sobre as percepções e representações que explicam a permanência em Juazeiro do Norte de famílias de romeiros pobres da região. A pesquisa busca analisar a influência da representação social gerada pelo padre Cícero na permanência de romeiros na cidade de Juazeiro do Norte.

A sua participação na pesquisa representa grande relevância considerando a sua profunda vivência com as romarias. Nesse sentido, venho solicitar autorização para que Waléria Menezes possa desenvolver pesquisa de campo pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas.

Atenciosamente,

Eric Sabourin

Professor UnB-CDS, e orientador da tese